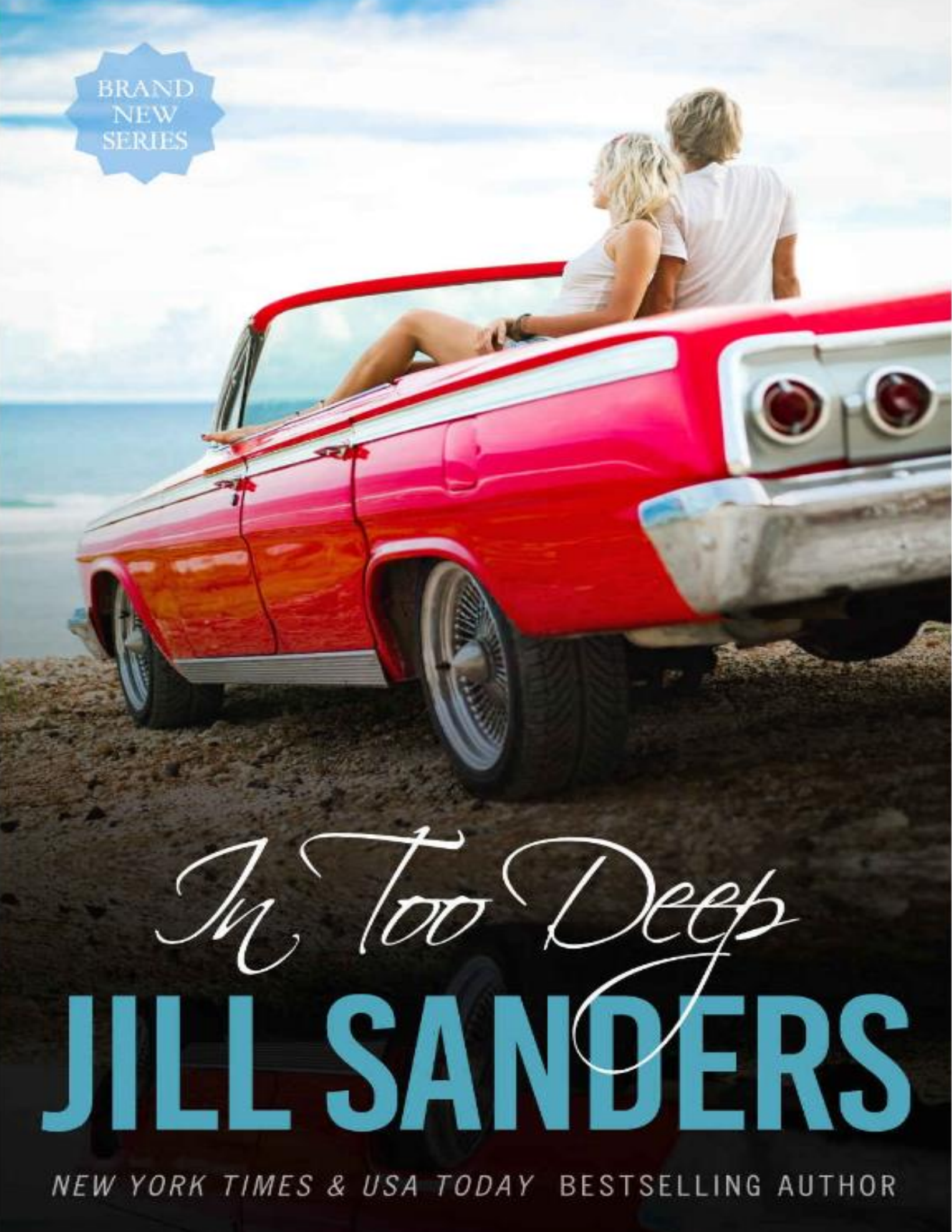


A man and a woman are sitting on the back of a bright red classic convertible car. The woman is leaning back against the man, and they are both looking out towards the ocean. The car is parked on a sandy beach. The sky is blue with some clouds. In the top left corner, there is a blue starburst graphic containing the text 'BRAND NEW SERIES'. The title 'In Too Deep' is written in a white cursive font, and the author's name 'JILL SANDERS' is in a large, bold, blue sans-serif font. At the bottom, it says 'NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR' in a smaller, white, sans-serif font.

BRAND
NEW
SERIES

In Too Deep

JILL SANDERS

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

In Too Deep



by
Jill Sanders

Roman foi em busca de sua irmã adotiva há muito tempo perdida, Marissa. Quando ela desapareceu pouco depois de seu aniversário de dezessete anos, ele era o único que tinha uma pista do porquê.

Agora que ele finalmente descobriu onde ela está se escondendo esses anos todos, ele fará qualquer coisa para ter de volta a única mulher que ele já amou.





Missy encostou-se ao balcão e balançou os quadris para a velha melodia que estava bombeando para fora dos alto-falantes pequenos que tinha pendurado na semana anterior. O short curto que estava usando era um pouco velho e solto demais, mas ela não se importava, não quando a música a levava de volta aos bons velhos tempos.

Imagens brilharam em sua mente enquanto ela apertava as teclas da antiga calculadora de dez teclas. Ela sorriu quando viu que estava dentro do orçamento novamente este mês, mas iria conferir os números mais uma vez só para ter certeza.

Ela podia sentir um alívio no peito quando via o dinheiro extra em sua conta bancária depois que tudo estava pago no final do mês. Sorrindo, ela olhou para cima quando um de seus funcionários, Jenny, entrava.

A menina era jovem e bonita o suficiente para manter os clientes satisfeitos, mesmo quando eles descobriam que teriam que pagar um pouco mais do que em alguns dos outros locais ao longo da costa do Golfo.

As praias de areia branca ficavam à direita da porta da frente da Dog's Landing, junto com a doca longa que abrigava três de seus melhores investimentos. Um deles

era uma balsa, a qual poderia levar cinco carros de tamanho médio para Dog Island, juntamente com mais de uma dúzia de passageiros. O outro barco era menor, mas fazia tanto dinheiro quanto a balsa, ao transportar parasailers¹ através das águas cristalinas do Golfo. Seu último barco era maior e fazia mais dinheiro, pois levava um grupo de oito para o meio das águas mais profundas para fazer pesca.

Comprar os dois outros barcos tinha sido uma das primeiras mudanças que ela tinha feito quando tinha herdado a pequena loja de conveniência, junto com a doca e a antiga balsa.

Tinha sido um choque no início, comandar o seu próprio negócio, mas ela tinha se ajustado, como sempre fez na vida.

Suspirando, ela se levantou e viu Jenny endireitar algumas latas de comida e caixas de cereal, quando ela fez seu caminho em direção à parte de trás da loja. Seu longo cabelo loiro balançava a cada passo que ela dava. Seu uniforme padrão de shorts e uma blusa de botão fez Missy lembrar que ela queria comprar alguns novos itens.

— Desculpe o atraso. — Jenny sorriu enquanto caminhava ao redor do balcão.

Missy riu. — Jenny, você nunca está atrasada. — Ela olhou para o relógio e sorriu. — Na verdade, você está cinco minutos adiantada.

Jenny suspirou. — Eu estou atrasada se eu chegar menos de dez minutos mais cedo.

Missy sacudiu a cabeça para ela. — Eu não consigo entender isso.

Jenny se inclinou contra o balcão e deu uma risadinha. — Minha avó me ensinou bem.

— Gostaria de poder dizer o mesmo sobre todos os meus outros funcionários. — Ela franziu o cenho quando notou que o menor de seus barcos ainda estava ancorado lá fora. Havia clientes esperando do lado de fora nas docas pela sua vez de desfrutar de um voo sobre a água. — Onde estão Tom e Roger? — Ela suspirou e sabia que era hora de conseguir funcionários mais confiáveis para executar os passeios de parasailers.

¹ É um paraquedas puxado por um barco ou lancha, usado para levantar as pessoas no ar.

— Onde você acha? — Jenny pegou o telefone da loja e discou. — Hey, sim, de novo. — Ela revirou os olhos. — Ok. Obrigada.

Missy cruzou os braços sobre o peito e observou Jenny desligar o telefone. — Você não pode continuar pedindo-lhes para fazer isso.

Jenny sorriu. — Eu sei, mas eles gostam.

— Ele é velho. Eles são muito velhos.

Jenny riu. — Não tão velhos quanto você pensa.

— Eu não sei como os dois conseguem acompanhar as pessoas com metade da sua idade.

Jenny sorriu e deu de ombros. — Eles disseram que trabalhar aqui os mantém jovens.

Missy riu. — Certo. — Só então as duas se viraram para ver o avô de Jenny, John, e seu melhor amigo, Bob, entrarem. Ambos os homens estavam usando shorts e sorrindo de orelha a orelha.

Os homens viviam a menos de uma quadra da loja e tinham estado em Carrabelle, Flórida, e em Dog Landing desde antes dela ter nascido.

— Que bom que você ligou. Nós estávamos deixando as esposas loucas. — Bob riu quando se aproximou e pegou as chaves do barco por trás da bancada.

— O dia inteiro? — Perguntou John.

Ela assentiu com a cabeça. — Está reservado o dia inteiro. A menos que Tom e Roger apareçam, ele é todo seu por todo o dia.

Enquanto os homens se entreolharam, em seguida, saíram rindo, Jenny se inclinou para mais perto. — Você sabe que eles fazem mais em gorjetas do que Tom e Roger.

Ela suspirou e balançou a cabeça. — Sim, é engraçado quando dois velhos podem superar os ganhos de dois rapazes jovens.

Jenny riu. — Tom e Roger não são rapazes. Eles são idiotas.

Missy franziu a testa e inclinou a cabeça. — Eu gostaria que você tivesse me dito isso quando eu os contratei.

— Eu disse. — Ela riu. — Confie em mim, da próxima vez, deixe-me fazer a contratação.

Ela assentiu com a cabeça. — Ok, é todo seu. — Ainda havia coisas que ela estava aprendendo sobre o negócio, mesmo após cinco anos comandando-o.

— Eu estou indo na próxima viagem de balsa. Eu tenho algumas entregas. — Ela acenou para o carrinho cheio de caixas, que estavam cheias com pedidos.

A loja tinha muitos clientes que viviam em Dog Island em St. George Sound, uma das únicas ilhas totalmente isolada da Flórida. Havia uma pequena pista de pouso na ilha, mas a maioria dos moradores usava seu serviço de balsa para se deslocar entre a ilha e o continente. Muitas das pessoas que viviam na ilha eram bastante autossuficientes. Havia menos de três dúzias de casas na ilha semiprivada e tinha quase uma dúzia de clientes fiéis que ajudaram a manter suas portas abertas e suas prateleiras abastecidas com mantimentos.

Dog Landing tinha estado entregando mantimentos para os habitantes da ilha desde que ela tinha assumido a loja. Os clientes adoravam que a sua comida fosse entregue diariamente fresca e ela adorava o trabalho.

— Aproveite. Eu ouvi que é provável ter algum mau tempo no final desta semana. — Jenny se inclinou e tirou uma garrafa de água do frigobar abastecido atrás do balcão.

— Sim. — Ela fez uma careta. — Eu já tive alguns cancelamentos de viagens de pesca.

Jenny deu de ombros. — Aposto que vai passar rapidamente. Isso sempre acontece nesta época do ano. Então, veja. Nós vamos estar reservados o dia inteiro para o quatro de julho.

Missy sorriu enquanto carregava o pequeno carrinho de mão cheio de entregas. — Sim, lembra no ano passado? — Ela riu. — Os dois grupos que lutaram pelo barco charter². — Ela riu, se lembrando de quando os dois grupos haviam tentado ultrapassar um ao outro para usar o seu barco no dia.

— Poderíamos contratar outro barco este ano, — disse Jenny, olhando sobre o livro de programação. — Nós já estamos reservados, mas eu aposto que poderíamos facilmente reservar outro barco totalmente para esse fim de semana.

² Tipo de barco.

Ela inclinou a cabeça. — Você conhece alguém?

Jenny sorriu. — Eu não conheço, mas eu aposto que meu avô sim. Posso perguntar-lhe quando ele vier para o almoço.

Missy pensou sobre isso e assentiu. — Enquanto você está nisso, se ele conhecer qualquer outra pessoa para contratar...

Jenny riu. — Eu vou perguntar. E se Tom e Roger aparecerem?

Ela suspirou e fechou os olhos. — Eu acho que preciso ir em frente e arrancar esse band-aid também.

Jenny sorriu. — Eu vou fazer isso. Não se preocupe. Eu já tenho uma pessoa em mente para substituí-los. Vou ter que olhar ao redor para o outro. — Ela fez uma careta.

— Você é boa demais para mim. — Missy sorriu. — Eu não sei o que eu faria sem você.

— Que bom que você me paga bem. — Ela sorriu para sua piada particular. — Agora, é melhor você ir. A balsa está chegando. — Ela inclinou a cabeça em direção às janelas da frente. Com certeza, o grande barco estava fazendo o seu caminho em direção ao cais.

No momento em que Missy tinha acomodado as duas cargas de caixas e o grande refrigerador para suas entregas, a balsa já tinha sido preenchida com novos passageiros e carros.

Ela acenou para Clay, um dos capitães da balsa. Clay e Marv, dois homens que haviam trabalhado como mestre de balsa durante os últimos oito anos, geralmente alternavam os dias úteis. Ela permitiu-lhes fazer seus próprios horários, uma vez que tendiam a funcionar melhor quando eles se comunicavam uns com os outros diretamente. Ela não se importava, desde que houvesse alguém manejando a balsa sete dias por semana.

Ela armazenou os suprimentos e trancou-os para a viagem de meia hora até a ilha, e então subiu para sentar-se ao lado de Clay.

— Hey, — ela suspirou quando ele começou a afastar a balsa da doca.

— Hey. — Ele sorriu para ela. Clay era facilmente um dos homens mais sexy que ela conhecia. Mas todas as mulheres ao redor sabiam que a mulher de Clay por

quase dez anos, e sua namorada do ensino médio, estava grávida de oito meses e meio.

— Você tem um monte de entregas hoje? — Ele olhou para ela de forma rápida e ela queria mais do que qualquer coisa poder encontrar alguém que faria com que seu coração pulasse, mas que não tivesse uma aliança em seu dedo.

Ela encolheu os ombros. — Pode levar um tempo. — Ela revirou os olhos. — Senhora Mette tem duas das caixas de hoje.

Ele riu e ela sentiu suas entranhas torcerem com o som rico. Ela só poderia se lembrar de outra pessoa que tinha feito seu corpo responder dessa maneira. Suspirando, ela forçou sua mente a se concentrar enquanto olhava abaixo do convés para os passageiros apreciando o passeio lento.

— Eu não sei por que você deixa essa mulher pressioná-la como ela faz.

Ela sorriu. — Bem, ajuda que ela é uma das nossas melhores clientes.

Clay olhou para ela novamente. — E uma das pessoas mais loucas em Dog Island.

Ela riu. — Sim, mas você tem que admitir, ela nos dá algo para falar.

Ele riu e acenou com a cabeça e, em seguida, focou em manobrar o barco para fora do pequeno porto e para as águas mais profundas de Saint George Sound.

Missy adorava a viagem pacífica até a ilha e a volta. Ela até mesmo desfrutava do pequeno carrinho elétrico na ilha para entregar os mantimentos. Ela realmente gostava de todos na ilha, até mesmo da Senhora Mette, embora fosse uma dor na bunda quando ela está em um de seus humores.

Missy estremeceu com o pensamento de ter que correr de volta ao continente para substituir um item com o qual ela não ficou satisfeita. Uma vez, tinha levado um dia inteiro de ir e vir antes que a Senhora Mette estivesse convencida de que ela tinha os ovos mais frescos possíveis.

Até o momento que ela tinha descarregado tudo para fora da balsa, com a ajuda de Clay, havia um pequeno rastro de suor rolando por suas costas. Ela adorava viver ao longo da Costa do Golfo, especialmente durante os meses de verão.

Quando saiu com o pequeno carrinho elétrico da área de estacionamento, ela acenou para alguns moradores e entrou na pequena estrada para sua primeira

entrega. Dog Island era uma pequena comunidade da qual ela amava fazer parte, mesmo que não vivesse na ilha. Ela sorriu quando estacionou em frente a sua primeira parada e pensou na sua pequena casa de campo a poucos quarteirões da loja. Ela tinha ficado chocada quando a encontrou à venda e tinha estado ainda mais em estado de choque quando ela foi aprovada para o empréstimo. Ela podia lembrar as inúmeras horas que passara como uma criança sonhando com seu futuro lar. Este não decepcionou seus sonhos de infância.

As primeiras entregas foram feitas rapidamente e quando o carrinho estava quase vazio, ela teve de encostar para que pudesse comer o pequeno sanduíche e refrigerante que tinha embalado para o seu almoço. Quando ela se sentou ao lado da estrada, as pessoas pararam e conversaram com ela quando eles fizeram o seu caminho em torno da ilha. Não havia limites de velocidade e todos se conheciam, o que tornava mais fácil para ela fazer suas entregas, já que as pessoas tendiam a deixar suas casas destrancadas.

Metade de seus clientes deixavam instruções para ela entregar e arrumar suas compras, o que ela fazia sem o menor escrúpulo. Mas a Senhora Mette era outra espécie. Mesmo que ela devesse ter sido sua próxima parada, Missy esperou até depois que ela entregou as outras duas encomendas antes de voltar para a casa da mulher idosa.

Aqui, na ponta mais distante e mais isolada da ilha, não havia uma estrada pavimentada; em vez disso, a areia tinha sido liberada para os carrinhos e carros passarem. A maioria das casas ao longo desta parte do percurso era acessível apenas pela água. No entanto, o carrinho facilmente fazia a caminhada desde que ela tinha substituído os pneus menores no ano passado por maiores que tinham altos níveis de tração. Era uma viagem atribulada que ela não poderia fazer com mau tempo, mas ela desfrutava. Era como ir de quatro rodas ou andar em um carrinho de areia. Ela adorava ver a areia branca saltar atrás dela enquanto voava em direção a maior casa na ilha.

Senhora Mette estava no final dos sessenta anos e parecia que ela era, pelo menos, vinte anos mais velha, provavelmente devido à quantidade de tempo que a

mulher passava em um maiô sentada perto de uma enorme piscina na parte de trás de sua casa.

Sua casa estava longe de qualquer outra pessoa e Missy tinha autoridade para dizer que a Senhora Mette nem sempre tomava banho com um biquíni. Ela encolheu-se com o pensamento e respirou fundo, silenciosamente rezando para que hoje fosse um dos dias mais sãos da mulher.

Ela estacionou o carrinho de ré e empilhou as duas grandes caixas de itens da Senhora Mette. Quando ela finalmente andou através da areia até o pequeno calçadão e subiu as escadas, a Senhora Mette já estava segurando a porta aberta para ela.

— Eu estava começando a me perguntar se tinha se esquecido de mim. — A mulher mais velha sorriu para ela. Missy notou que ela estava usando um robe de seda longo sobre seu biquíni hoje. Ela estava contente que parecia ser um de seus melhores dias.

— Não, apenas um dia de entrega muito ocupado. — Ela sorriu e parou em frente à porta.

— Oh, bom. Bem, vamos lá dentro. — Ela segurou a porta aberta.

Ainda surpreendia Missy, ver a quantidade de riqueza que esta mulher solitária tinha. Mesmo que ela tivesse escolhido se isolar em uma ilha no Golfo do México e não tinha carro ou outro meio de transporte que Missy conhecia, a mulher era rica além da crença.

O mobiliário sozinho devia ter custado mais do que a pequena casa estilo cabana de Missy, que ela estava muito orgulhosa. Telha italiana, mármore, pedra, e alguns dos mais ricos e mais íntimos bosques, que ela já tinha visto ocupavam o lugar com mais de quinhentos e cinquenta metros quadrados, que era o mundo inteiro dessa mulher.

A parte externa da casa não parecia em nada com o interior. Lá fora, o lugar era simples, chato. Era uma casa bastante quadrada com um grande deck e piscina na parte de trás. O telhado de metal era um ouro brilhante, combinando com o tom amarelado das paredes. Havia muitas janelas, e cada uma tinha obturadores de tempestade em caso de ventos fortes.

Mas por dentro, a casa poderia ter saído direto das páginas da *Better Homes and Gardens, Millionaire Edition*. Grandes colunas de pedra separavam as duas salas maiores e tetos altos faziam os quartos parecerem ainda maiores. A sala da frente era decorada toda em branco. Grandes sofás brancos com almofadas fofas em azul pálido estavam frente a frente nos pisos de mármore. Tapetes grossos amorteciam seus passos enquanto caminhavam da sala perfeita para a área da cozinha.

Havia uma mesa de jantar de mármore grande, na qual poderia facilmente sentar seis pessoas, imediatamente na frente de uma grande ilha. Dizer que a cozinha da Sra. Mette era dos sonhos teria sido um eufemismo.

A primeira vez que Missy tinha visto, ela sonhou com isso pelo resto do mês.

Grandes, pranchas de madeira escura corriam ao longo do teto alto, logo que você passava através dos arcos de pedra para a área de cozinha. Dois grandes lustres estavam pendurados em cima da mesa de jantar. Missy só sabia que cada um deles custava mais do que o carro dela.

A cozinha em si era completamente branca, como o resto do andar. Seus altos armários e a bancada de pedra sempre brilhavam. Na verdade, Missy nunca tinha visto nada fora do lugar na casa. Sra. Mette parecia não pertencer à limpeza reluzente.

Ela parou na frente da área do balcão e rapidamente começou a trabalhar colocando cada item no seu local designado, anotando quando ela via que estava em falta outros itens da lista de verificação que ela tinha criado há quase seis anos.

— Você está ficando sem arroz selvagem, — disse ela distraidamente enquanto continuava a guardar os itens.

— Sim, eu tive alguns convidados na outra noite. — A mulher suspirou e se apoiou no balcão, observando cada movimento de Missy.

— Oh? — Ela sorriu para a mulher e anotou para entregar mais duas caixas na próxima viagem.

— Sim, bem. — A mulher sacudiu a cabeça e olhou para fora da janela, algo que Missy nunca a tinha visto fazer antes. Sra. Mette sempre manteve um olhar muito interessado em seus movimentos quando ela estava lá, quase como se ela não confiasse nela para não roubar nada, ou pior, derrubar algo e fazer uma bagunça.

— Está tudo bem? — Ela perguntou, virando-se para a mulher mais velha, quando notou um olhar triste atravessar os olhos dela.

A mulher olhou para ela e depois piscou algumas vezes. — Sim, claro que está. — Ela endireitou os ombros e Missy viu que ela estava de volta ao seu antigo eu. Ela voltou para a tarefa em mãos.

— Você é casada? — Sra. Mette perguntou do nada.

Durante os seis anos e meio que Missy tinha estado entregando os mantimentos desta mulher, ela nunca lhe fez uma pergunta pessoal. Até agora.

— Não, — ela franziu o cenho, enquanto arrumava a última lata de sopa de tomate. Então, ela virou-se para a Sra. Mette.

— Alguma vez você já foi? — A mulher mais velha tinha os braços cruzados sobre o peito e estava recostada contra o balcão de mármore.

Missy sacudiu a cabeça, sem saber o que tinha trazido à tona os questionamentos. Claro, ela era amigável com a maioria dos clientes para quem fazia entregas. A maioria deles conhecia sua história de vida e ela sabia a deles. Não era como se ela tivesse escondendo nada de ninguém. Um profundo sentimento em seu intestino fez o seu caminho para o seu coração e ela sentiu-o saltar uma batida. Ok, talvez apenas algumas coisas.

— Por quê? — Ela colocou a caixa vazia de volta em seu carrinho e olhou para a mulher mais velha novamente. A mulher suspirou e olhou para fora da janela mais uma vez.

— É difícil. — Seus olhos se moviam em direção a Missy. — Morar sozinha. Estar sozinha o tempo todo. — Ela balançou a cabeça e Missy pensou ter visto uma lágrima no canto do seu olho antes que ela virasse a cabeça para olhar de volta em direção à água. — Nós não fomos feitos para isso.

— Sra. Met...

— Ruth. — A mulher se virou para ela. — Você esteve entregando minhas compras por quantos anos?

Missy piscou. — Um pouco mais de seis anos.

— E em todo esse tempo, você nunca foi indelicada comigo ou me mostrou nada além de respeito. Você deve ser capaz de me chamar pelo primeiro nome. Ruth.

Missy acenou com a cabeça e sorriu. — Ruth, tem certeza de que está tudo bem?

Ruth sorriu e acenou. — Seu primeiro nome é Missy, correto? — Missy acenou com a cabeça. — Missy, faça-me um favor...

O coração de Missy afundou quando ela pensou em fazer outra viagem de volta para o continente para pegar um item Ruth tinha esquecido.

— Não deixe a vida passar por você, sem deixar alguém entrar em sua vida. Alguém que vai te amar. — Ela virou a cabeça e olhou para fora da janela novamente. — Alguém para estar lá no silêncio da noite e te abraçar.

Quando os olhos de Ruth voltaram para os dela, Missy acenou com a cabeça. Havia um nó no fundo de sua garganta que ela tentou engolir por toda a viagem de volta a Dog Landing.

Quando ela entrou pela porta da loja, quase uma hora depois, ela ouviu Jenny rindo no quarto dos fundos. Caminhando em direção ao som, ela parou em seco, quando ela viu a parte de trás da cabeça de um homem, inclinando-se sobre sua empregada.

— Oh! — Exclamou ela e começou a se afastar. Ela nunca tinha visto Jenny envolvida com ninguém antes, mesmo sabendo que a menina no passado teve alguns namorados.

— Espere. — Jenny correu atrás dela. — Não é como parecia. — Ela riu. — Roman estava apenas...

Nada mais do que Jenny disse poderia ter passado pelo apito alto que ela ouviu em seus ouvidos.

Roman.

Roman.

Ela tinha acabado de pensar no Roman dela, graças à conversa com Ruth.

Ela piscou algumas vezes quando os dedos de Jenny cavaram em seus ombros. Em seguida, sua audição voltou.

— Você está bem? — Jenny estava franzindo a testa para ela enquanto elas estavam no pequeno corredor do lado de fora da sala de descanso.

O nó que tinha se formado na garganta por causa da sua conversa com Ruth tinha viajado mais ao sul e agora estava diretamente sobre seu coração. Os dedos de Missy balançaram. Ela sentiu um ligeiro brilho instantaneamente cobrir a pele dela enquanto ela movia os olhos lentamente para o homem que estava de pé apenas no limiar da porta.

Ele tinha mudado. Muito, pensou, enquanto tudo se tornava branco.



Roman carregou o corpo relaxado em seus braços e a deitou no pequeno sofá na sala de descanso. Jenny estava quase ofegante e ele teve que fazê-la sentar-se antes que ela desmaiasse de preocupação.

— Está tudo bem, ela está apenas em estado de choque, — disse ele, correndo até a pia e pegando uma toalha, em seguida, jogando água fria sobre ela e voltando para a pequena loira que havia desmaiado ao vê-lo.

Não que ele não tivesse pensado em fazer o mesmo, mas havia algo mais do que surpresa que passou por sua cabeça.

Olhando para ela, ele notou todas as mudanças. Seu cabelo estava mais curto, cortado pouco acima dos ombros. Ainda era o rico loiro mel do qual ele se lembrava. Desde que seus olhos estavam fechados, ele não poderia ver se eles ainda eram da cor de caramelo quente.

Quando ele colocou o pano frio sobre o seu rosto, ela levantou-se e empurrou-o de lado, seus olhos estavam enormes, enquanto sua boca sexy estava aberta.

Ele sempre amou sua boca. Mesmo quando ele não deveria ter notado quão atraente era.

— O que você está fazendo aqui? — Ela deixou escapar.

Ele riu. — Eu trabalho aqui.

Ela piscou algumas vezes e ele ficou satisfeito ao ver sua boca mover-se silenciosamente enquanto ela tentava falar. Finalmente, ela engoliu e ele observou o controle dela retornar um pouco. — Você o quê?

Ele sorriu e se levantou do seu lugar agachado na frente dela. — Eu trabalho aqui. A partir de alguns minutos atrás. — Ele olhou para Jenny, a loira bonita que havia o contratado a menos de dez minutos atrás.

— Não, você não trabalha. — Marissa levantou-se, colocando as mãos nos quadris e olhando feio para ele. — Eu não quero que você...

Ele segurou seus ombros e balançou-a levemente. — Você realmente quer fazer isso? Aqui? Agora? — Seus olhos perfuraram os dela e ele a sentiu enrijecer sob suas mãos.

Finalmente, depois que ela olhou para Jenny e de volta para ele, ela suspirou e sentiu seus ombros relaxar.

— Por quê? — A palavra era um sussurro quando ele deixou cair as mãos. Depois de todo esse tempo, ele ainda não podia confiar em si mesmo para tocá-la.

— Por que estou aqui? — Seus olhos se moviam sobre a Jenny, que estava fazendo uma lenta retirada para fora da porta. Menina inteligente, pensou ele, e então ele olhou de volta para Marissa, que balançou a cabeça lentamente.

— Porque você quer trabalhar aqui?

Seu sorriso foi rápido quando ele deu um passo mais perto dela. — Eu tenho algumas perguntas para você também.

Ele olhou para o engate de sua respiração quando ela balançou um pouco. Suas mãos foram para cima e seguraram os ombros dela mais uma vez. — Calma, — ele murmurou.

— Eu... — Ela piscou algumas vezes enquanto olhava para ele. Sua mão foi para o lado de sua cabeça. — Eu não posso... — Seus olhos se moveram para a porta vazia e seu rosto ficou ainda mais branco do que quando ela tinha visto ele em pé lá.

— Eu tenho que ir. — Ela afastou os ombros de seu aperto e correu da sala rapidamente.

Levou alguns momentos para se convencer de que ela não estava fugindo para sempre novamente. Ele queria nada mais do que correr atrás dela. Em vez disso, ele se sentou e respirou fundo várias vezes para acalmar sua raiva e seus desejos.

— Está tudo bem? — A doce voz de Jenny soou da porta. Ele gostou da jovem imediatamente após conhecê-la.

— Sim. — Ele olhou para ela e franziu a testa. — Desculpe. — Ele balançou a cabeça enquanto ela se aproximava e se sentava na frente dele.

— Você vai me dizer o que foi tudo isso?

Ele suspirou e descansou as mãos sobre a mesa entre eles. Então ele encolheu os ombros. Por onde deveria começar? Cabia a ele? Olhando para cima, ele franziu a testa e balançou a cabeça.

— Eu acho que é melhor Marissa contar.

As sobrancelhas de Jenny dispararam quando ele usou seu nome completo. Ele suspirou e balançou a cabeça, lembrando-se que ela tinha a chamado de Missy ao invés. Um apelido que ele sempre usou para ela.

— Eu sei tudo o que há para saber sobre Marissa. — Ela disse o nome lentamente. — Eu a conheço há quase sete anos. Ela nunca, nenhuma vez em todo esse tempo mencionou você. — Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou feio para ele.

Ele revirou os ombros e levantou-se enquanto olhava para fora da janela grande e observava um barco cheio de adolescentes, junto com dois homens mais velhos, parar. — Parece que esse é o meu primeiro trabalho. — Ele acenou com a cabeça em direção à janela e os barulhos vindos da multidão de pessoas nas docas, esperando que a menina entendesse a mudança na discussão.

— Roman. — Jenny se levantou e estendeu a mão para o braço dele, antes que ele pudesse sair. — Eu apoio minha decisão de contratá-lo, mas se eu pensar por um minuto que você é ruim para Missy, eu não hesitarei em demiti-lo imediatamente.

Ele sorriu rapidamente e assentiu. — Entendi. — Ele gostava dela ainda mais por dizer isso.

Em seguida, ele saiu pela porta dos fundos para ser treinado para seu novo trabalho, sabendo que ele iria fazer o que fosse preciso para ficar tão perto de Marissa – Missy – quanto possível.

Missy fechou a porta atrás dela e trancou-a. Então, por precaução, ela se inclinou contra ela e se preparou. Ela correu rápido demais para olhar por cima do ombro para ver se ele a estava seguindo. Ela sempre foi capaz de superar Roman.

Quando tudo ficou quieto, ela arriscou uma espiada pela janela e suspirou quando a rua na frente de sua casa estava vazia. Apressando-se para a porta de trás, abriu a gaveta e retirou as chaves. Ela saltou atrás do volante de seu carro, seus olhos correndo em todos os lugares quando ela saiu lentamente da garagem atrás de sua casa.

Ela não conseguia ouvir nada sobre o barulho do motor V8 em seu clássico '65 Ford Falcon. Ela tinha colocado menos de duas mil milhas desde que ela tinha saltado nele alguns anos atrás, mas quando ela arrancou de sua entrada desta vez, ela planejava colocar um lote inteiro a mais de milhas sobre ele.

Enquanto conduzia, até mesmo o carro zombava dela. Ela só tinha comprado o clássico porque Roman tinha sempre falado sobre colocar suas mãos em um carro exatamente como esse um dia. Ela não conseguia se lembrar de quantas vezes ele mencionou que sonhava com o dia em que poderia pagar um, como ele gastaria seu tempo e dinheiro para consertá-lo.

Lutando contra a vontade de bater a cabeça contra o volante, ela segurou-o mais apertado. Tinha sido uma compra por impulso. Tinha-o visto parado na mesma rua de sua loja e tinha imediatamente se sentido como se ela precisasse do carro. Talvez fosse seu subconsciente dizendo que ela poderia estar perto dele.

Durante anos, ela lutou contra o desejo de voltar e ver sua família, para ser uma parte de suas vidas novamente. Várias vezes no passado, ela arriscou uma viagem de um dia a Spring Haven. Mas a cada vez, ela voltava vazia e cheia de medo de que tivesse sido vista.

No momento em que ela finalmente parou na frente da escola, ela tinha se feito desistir de partir, como da última vez. Ela não ia cometer o mesmo erro que ela fez quando era jovem e estúpida. Afinal, desta vez era diferente. Desta vez, ele estava em sua cidade. Sua casa. Seu negócio. Afinal, quem era ele para chegar e virar sua vida de cabeça para baixo?

Não era como se ele a assustasse. Não, apenas o oposto. Afinal, não foi medo que tinha percorrido em suas veias quando ele a tocou.

Ela tentou não pensar em como seu corpo tinha respondido ao seu toque. Ou o que significava para ela vê-lo novamente.

Ela levou alguns minutos para se acalmar antes de entrar no escritório da frente. Mesmo que fosse verão, ela sabia que Reagan estaria totalmente absorto em seus estudos. Quando ele pediu a ela para matriculá-lo no programa de leitura de verão, ela hesitou. No final, tinha sido uma benção, já que ele não tinha que passar todo o seu verão preso na loja com ela.

Quando ela caminhou em direção à porta da pequena sala, preenchida apenas com três crianças e Sra. Miller, a diretora da escola, ela suspirou e encostou sua cabeça contra o vidro da porta e viu seu filho.

Sua cabeça escura estava abaixada enquanto ele lia um livro. Ela sabia que seus olhos escuros tomavam cada detalhe das palavras que ele estava silenciosamente lendo. Mesmo que ele já tivesse feito a leitura necessária da turma de verão, ele estava totalmente absorto no que estava fazendo. Ele sempre lia quando estava entediado com sua lição de casa regular durante o ano escolar, o que significava que ele estava à frente em todas as suas classes. Ele sempre esteve à frente de seus colegas, mas este programa de verão estava empurrando-o ainda mais à frente. Ela pensou em elevá-lo uma série, mas, até agora, tinha adiado tomar essa decisão.

Os olhos da Sra. Miller viraram para a porta e encontrou os dela. Suas sobrancelhas se ergueram em uma pergunta silenciosa. Missy nunca a tinha visitado durante o verão antes.

— Existe um problema? — Perguntou ela, depois de abrir a porta para ela.

— N... não. — Ela balançou a cabeça e respirou. — Eu... — Ela suspirou. — Eu só...

— Mãe? — Reagan correu até ela e a abraçou. — Estamos lendo *Buracos* novamente. — Todo o seu rosto se iluminou. — Estou na parte...

— Reagan, talvez a sua mãe gostaria de entrar e sentar com você por um tempo? — Sra. Miller sorriu e abriu uma fresta da porta.

Missy sentiu seus olhos lacrimejarem, então ela balançou a cabeça rapidamente e deixou seu filho levá-la para a sala.

— Posso levá-la para o canto de leitura? — Reagan perguntou ansiosamente. O canto de leitura nada mais era do que uma banheira antiga cheia travesseiros excessivamente grandes.

Sra. Miller sorriu e acenou, e Reagan continuou a puxá-la para a parte de trás da sala de aula.

Ela se acomodou na banheira antiga com o filho no colo, a cabeça apoiada no ombro dela, e o ouviu ler-lhe um de seus livros favoritos. Só então, tudo se tornou claro. Tudo o que ela tinha feito nos últimos oito anos tinha sido por uma razão. O filho deles.

Era fim de tarde, pouco antes do pôr do sol, quando Roman finalmente viu Marissa novamente. Ele tinha ido para o mar em duas corridas com os colegas mais velhos para mostrar-lhe todas as cordas. Quando ele já estava atualizado sobre a forma de conduzir o barco, ele passou a maior parte do seu tempo aprendendo a fixar com segurança os parasailers e lidar com o equipamento adequadamente.

Até o final do dia, ele sabia tudo que havia para saber sobre parasailers e manter os clientes seguros. Quando entrou na loja com Bob e John perto do horário de fechamento, Missy estava em pé atrás do balcão, em vez de Jenny.

Ela olhou para cima com um sorriso no rosto até que seus olhos se moveram sobre ele, então seu sorriso vacilou e sumiu rapidamente.

— Como foi? — Perguntou ela, mantendo os olhos sobre os senhores mais velhos.

John se aproximou e se inclinou sobre o balcão ao lado dela. — Você sabe como é. — Ele sorriu. — Você ganha alguns, você perde outros.

Ela riu e deu um tapa no ombro dele de brincadeira. John era como um urso, um homem velho com um metro e oitenta e dois e cento e treze quilos, ao contrário de seu parceiro no crime, Bob, que tinha apenas um metro e sessenta e sete e pesava tanto como uma líder de torcida adolescente.

Os dois eram um dueto muito simpático que o tinha salpicado com um milhão de perguntas, uma vez que ele subiu a bordo do barco e os informou que ele era uma nova contratação.

Uma das primeiras perguntas de Frank tinha sido: — Você não está um pouco velho para ter um trabalho como este?

Ele apenas levantou as sobrancelhas e olhou lentamente para os dois, e eles riram e lhe deram um tapa na parte de trás. O que não tinha parado a barragem de perguntas, a maioria delas girando em torno de sua escolha de carreira e se ele era solteiro.

— Este novo cara com certeza... — Bob deu um tapa nas costas dele enquanto ele andava para pendurar as chaves do barco em um gancho por trás do balcão — Tem um jeito com as mulheres. — Bob piscou para ele pelas costas de Marissa.

Marissa começou a tossir e seu rosto ficou vermelho beterraba. — Ele é... — Ela limpou a garganta. — Ele não é meu... — Ela fez uma careta. — Eu quero dizer... — Seus olhos viajaram em todos os lugares, menos para ele. — Jenny contratou-o.

Ele riu e se apoiou no balcão. — Sim, mas sabendo a nossa história... — Ele sorriu quando viu os seus olhos se erguerem e, finalmente, encontrarem os seus.

— Oh! — John riu. — Vocês dois têm uma história?

Bob se aproximou e encostou-se no balcão, fazendo questão de acotovelar Marissa.

— Então, conte-nos.

Ela fechou os olhos e ele ouviu um grunhido suave vindo de sua garganta. Ele sorriu. — Claro, por que não dizer tudo.

Seus olhos se abriram e ele viu seus olhos caramelos aquecerem ainda mais. Ele sabia que estava pressionando-a, mas depois de tudo o que ela fez sua família – e ele – passar, ela merecia. Pelo menos um pouco.

— Ele é... — Ela piscou e ele ouviu uma leve risada. — É complicado.

Ele sorriu e inclinou-se para ela e assentiu.

Bom, pensou. Isso é exatamente o que sentia por ela. Ele se apoiou no balcão até que os homens mais velhos e clientes tivessem saído. Ele gostava de observar a forma como ela lidava com as pessoas. Ele gostava especialmente de observá-la enquanto ela se movia em torno do pequeno espaço atrás do balcão para fechar para a noite. Mesmo com ele por perto, ela lidou bem. Ela sempre foi leve sobre seus pés e se movia quase como uma dançarina.

— Por favor, vá esperar na parte de trás, — ela finalmente rosnou.

Ele sorriu para ela e balançou a cabeça negativamente.

— O quê? — Ela se virou e cruzou os braços sobre o peito. — Você acha que eu vou fugir?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Mais uma vez? — Ele pensou, olhou ao redor, e, lentamente, balançou a cabeça negativamente. — Não desta vez. — Isso saiu mais como um aviso do que uma resposta.

Ela piscou e tentou se afastar um passo, só para ele levantar suas mãos e segurá-la pelo ombro. — Não, — ele disse suavemente. Ele odiava ver o medo que tinha saltado em seus olhos.

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos. — O que você esperava? Depois de todo esse tempo, aparecendo aqui. Assim. — Seus olhos se encontraram.

— Nunca devia chegar a isto. — A voz dele era suave.

— Você sabe. — Ela recuou um passo e ele deixou suas mãos caírem ao lado dele. — Você sabe por que eu tive que ir embora.

Ele balançou a cabeça, os olhos ainda colados aos dela. — Não. Eu não sei. Ninguém sabia.

Ele sempre se perguntou se tinha algo a ver com ele. Com o relacionamento deles, mas diferente disso, ele era tão ignorante como o resto da família. Pouco antes de ela desaparecer, ela o chocou indo para um encontro com seu amigo Tommy. O

que tinha feito nada além de irritá-lo. Eles brigaram sobre isso alguns dias antes dela ir embora, mas ele sempre acreditou que eles tinham se resolvido e que ela tinha decidido terminar o relacionamento de curta duração com Tommy.

— Eu vi você. — Ela interrompeu seus pensamentos, seu rosto ficou vermelho.

— Quando?

— Naquela noite. — Seu queixo caiu um pouco.

Ele franziu a testa. — A noite que você foi embora?

Ela engoliu em seco e balançou a cabeça lentamente.

— Marissa, eu não sei do que você está falando. Eu não vi você na noite em que foi embora. Ninguém viu. Tudo o que tínhamos era a nota que você tinha escrito a Cassey.

Ao ouvir o nome de sua irmã, seus olhos se encheram de lágrimas e ela olhou para suas mãos nervosamente.

— Mas... — Ela piscou e ele viu as lágrimas escorrem pelo seu rosto. — Eu vi você no seu quarto.

Ele balançou a cabeça lentamente, não realmente confiando em sua voz.

— Eu vi você... — Seus olhos voaram até os dele e ela quase gritou. — Com Susan Shaffer.



03

Missy observou-o piscar algumas vezes enquanto ele dava um passo para trás. Então, ele começou a rir. Forte. Ele riu até que ela sentiu vontade de caminhar até ele e socá-lo tão forte quanto podia.

Quando olhou para cima novamente, ela estava olhando para ele como se ele tivesse enlouquecido.

Ele andou até ela e tomou seus ombros com as mãos, em seguida, puxou-a para mais perto. — Você viu Marcus com Susan.

— Não, — ela grunhiu. — Eu vi você e Susan... em sua cama. Juntos. — Ela ainda se lembrava da dor que a cena lhe causara. Os anos de dor que tinham feito com que ela nunca se permitisse chegar perto de ninguém.

Ela sempre se isolou, depois que tentou ir a um encontro com um de seus amigos. Para ser honesta, ela não conseguia sequer se lembrar do nome do rapaz. Ela tinha sido tola o suficiente em pensar que ela precisava tentar ver outros caras para avaliar se ela jamais iria se sentir diferente sobre Roman. Desde que ela sabia que não havia nenhuma maneira que poderiam estar juntos. Não quando ambos eram Graytons.

— Você viu Marcus e Susan na minha cama. Acredite em mim. Devo ter entrado poucos minutos depois de você. Passei alguns minutos xingando-os por profanar o meu espaço.

Quando ele sorriu desta vez, ela sentiu seu coração saltar, em seguida, afundar em seu estômago quando suas palavras finalmente penetraram sua mente. — Mas... — Seu queixo caiu. — Você... — Sua cabeça balançou de um lado para outro quando a realização a atingiu.

Ele fechou os olhos e tomou algumas respirações profundas. — Todo esse tempo...

Ela endireitou os ombros e, em seguida, empurrou-o. Não importava. Nunca teria funcionado. Ela não pertencia a Spring Haven, assim como ele não pertencia a Carrabelle.

— Não importa de qualquer maneira. Nunca teria dado certo. — Ela abriu a caixa registradora e colocou todo o dinheiro no saco do banco, e depois se inclinou para colocar tudo no cofre.

— Por quê? — A simples pergunta pairava no ar.

Ela virou-se rapidamente em direção a ele e franziu a testa. — Porque nós somos... — Ela não podia dizer isso. A palavra *parentes* era como uma maldição para ela, mesmo depois de todo esse tempo.

— Adotados? — Ele sorriu. — Não há sangue entre nós. — Ele cruzou os braços sobre o peito.

Ela sentiu todo o sangue drenar de seu rosto e balançou um pouco. Ah, quão falsa essa afirmação era.

— Calma. — Ele franziu a testa e começou a andar em direção a ela. Ela ergueu a mão rapidamente e encostou-se ao balcão.

— Não, não. — Ela tomou algumas respirações para limpar a cabeça.

Ele concordou e, em seguida, deixou cair as mãos ao lado do corpo. — Missy. — Ao ouvi-lo usar seu apelido para ela, enviou uma onda de luxúria direto para seus ossos. — Nós fomos adotados em uma família maravilhosa. Criados como irmão e irmã, mas ambos sabemos... — Ele deu um passo em direção a ela novamente,

lentamente. — Nunca nos sentimos assim em relação um ao outro. — Seus olhos se encontraram. — Nunca.

— Roman. — Ele saiu como um sussurro. — Eu... — Ela balançou a cabeça, sem saber o que dizer.

— Por quê? — A palavra desta vez era quase uma acusação.

— Por que o quê? — Ela sentiu os ombros caírem.

— Por que você ficou longe? — Sua voz parecia distante. Irritada. Ela sabia que merecia cada onda de sua raiva. Especialmente depois de descobrir que não tinha sido ele naquela noite, todos esses anos atrás.

Ela balançou a cabeça e rolou seu pescoço, tentando liberar toda a energia negativa. — Eu não sei. Eu acho que eu estava ferida. Zangada. — Ela olhou para ele. — Assustada.

— Do que havia entre nós? — Ele se aproximou dela.

Ela assentiu com a cabeça ligeiramente. Quando se moveu para tocá-la, ela recuou e segurou suas mãos entre eles. — Não. — A palavra simples o fez parar. — Eu não posso ter você me tocando.

— Por quê? — Ele franziu o cenho, mas assentiu. — Por que não voltar?

Sentia-se quase histérica. — Por quê? — Ela repetiu a palavra, deixando-a rolar para fora sua língua. — Muitas razões diferentes. — Ela empurrou os braços ao redor, acenando-os em torno de como uma pessoa louca. — Este lugar, meu lugar. Minha casa, meu carro. Minha vida. — Ela se virou para ele. — Eu tenho uma casa aqui. Eu fiz algo do nada. Sozinha.

Ele assentiu. — Eu não estou pedindo para você desistir de tudo. Apenas volte. Visite.

Ela suspirou e, em seguida, esfregou o lado de sua cabeça com os dedos, que estava começando a doer e ela não queria nada mais do que escapar novamente. A culpa era demais. Ela sabia disso. Todos esses anos, ela tinha pensado em voltar para Spring Haven. Todos aqueles dias em que ela queria desesperadamente ver sua irmã e outros irmãos novamente.

— Missy, não há nada que impeça você, — ele sussurrou.

— Sim. — Ela assentiu com a cabeça. — Tudo está me impedindo. Eu tenho que ir. — Ela olhou para o relógio. — Eu vou dizer a Jenny que você saiu. Tenho certeza que ela vai ser capaz de encontrar alguém...

— Não.

— O quê? — Ela franziu a testa e olhou para ele.

— Eu não vou embora a menos que você venha comigo. — Ele cruzou os braços sobre o peito, um movimento do qual ela se lembrava muito bem.

Ela riu. — Então, é você melhor se estabelecer. — Ela andou até a porta com a bolsa e as chaves na mão, esperando que ele a seguisse. Ela desligou as luzes quando saiu da loja e trancou a porta com sua chave.

— Estou planejando isso, — disse ele atrás dela. Quando ela se virou, ele a chocou, tomando-a nos braços e colocando seus lábios rapidamente sobre os dela.

Havia raiva, medo e desespero por trás do movimento, e ela sentiu cada gota de emoção que atravessou entre eles até que, finalmente, ela se concentrou no puro prazer do momento. Sua boca inclinou sobre a dela, enviando calor todo o caminho até os dedos dos pés. Tinha esquecido como era. Ser segurada, beijada, tocada.

Quando ele se afastou lentamente, ela tinha certeza que ele seria capaz de ver seu corpo vibrando. Em vez de sorrir para a fraqueza dela, como ele costumava fazer há tantos anos, ele franziu a testa e a observou de perto, esperando que ela falasse.

Quando ela finalmente pode pensar de novo, ela perguntou: — Onde você está ficando? — Ela tentou se controlar quando ele respondeu.

— No hotel a poucos quarteirões de distância. — Ele acenou com a cabeça para baixo da rua. Ele parecia tão calmo, como se o beijo não tivesse o afetado tanto quanto a tinha. Mágoa e raiva começaram a se espalhar por ela novamente.

Ela riu asperamente. — Qual?

Ele deu de ombros. — O azul.

Se ele podia agir tão calmo, então ela deveria ser capaz de esquecer o beijo tão rapidamente quanto ele tinha feito.

— Os primeiros clientes chegam às sete. — Ela se virou e começou a descer as escadas, sentindo-se orgulhosa de si mesma por se manter calma.

— Espere. — Ele correu atrás dela. — Por que eu não a levo para casa?

Ela balançou a cabeça, não querendo olhar para ele. — Eu dirijo. — Ela apontou para o carro dela e observou as sobrancelhas dele atirarem para cima.

Ele se aproximou e passou o dedo sobre a pintura. — Isso é seu?

Ela sorriu, sentindo-se orgulhosa de que pelo menos agora, ele estava mostrando o ciúme. Em seguida, ela cruzou os braços sobre o peito e franziu o cenho quando ele estendeu as mãos para as chaves. Ela franziu a testa e apenas olhou para ele.

— Oh, vamos lá! — Ele sorriu, mostrando uma covinha perto de sua boca da qual ela se lembrava muito bem. — Você sabe que é o meu carro dos sonhos. Como você pode fazer isso comigo e não me deixar dirigi-la?

Ela riu. — Ela? — Ela balançou a cabeça e sorriu. — Você é um homem crescido agora. — Ela sentiu o calor no rosto quando percebeu o quão adulto ele era e como aquele beijo tinha começado algo dentro dela. — Acostume-se com as decepções. — Ela andou em torno dele, entrou atrás do volante, e girou a chave. Apenas por diversão, ela acelerou o motor um pouco antes de dar ré.

Ela olhou para ele e viu que seus olhos quase encherem de água quando ela saiu do local de estacionamento.

Roman viu seu carro dos sonhos e sua mulher desaparecerem e sentiu seu coração pular com entusiasmo.

Não foi até que as luzes de freio desapareceram, que ele se sentiu como se finalmente tivesse seu coração de volta sob controle. Ele ficou em pé no meio da noite amena, deixando o enxame de insetos girar em torno dele enquanto estava sob a luz de estacionamento, repetindo tudo o que tinha acontecido.

O que ele queria fazer era saltar em seu carro, que estava estacionado a duas quadras de distância, e segui-la para ter certeza que ela não estava indo arrumar suas coisas e fugir mais uma vez.

Decidindo que ela tinha muito em jogo neste momento, ele se virou em direção ao seu hotel e caminhou lentamente pelas poucas quadras, tentando se acalmar. Por

que ela estava sendo tão misteriosa? Por que ela não voltava para casa? O que a mantinha longe da família que a amava?

Ele parou no pequeno restaurante familiar ao lado de seu hotel e comprou um hambúrguer. O lugar estava lotado com pelo menos uma dúzia de pessoas a mais do que a capacidade para as trinta pessoas pelo qual foi construído. Ele sentou-se ao longo do balcão antigo e devorou o seu hambúrguer e batatas fritas, e então ele pediu um milk-shake, uma vez que a família ao lado dele estava desfrutando e pareciam deliciosos. Ele não ficou desapontado.

Quando ele era jovem, houve um lugar como este em Surf Breeze no calçadão. Agora era uma academia de yoga. Balançando a cabeça, ele observou as famílias interagirem. Ele amava pequenas cidades. A sensação de que todo mundo se conhecia, a sensação de boas-vindas que você tem quando passa através de uma porta e alguém grita seu nome. Mesmo se você estivesse com pressa para pegar o jantar e ir, você sempre tinha tempo para parar e conversar com alguém que você conhecia.

Ele não conseguia afastar as memórias que vieram, enquanto observava a cena. Mesmo que sua família fosse adotiva, ela se manteve forte e unida. Até que Marissa a destruiu quando fugiu todos aqueles anos atrás.

Quando ele finalmente caminhou até seu quarto de hotel, ele percebeu que estava exausto do longo dia no sol.

Seu sonho começou como sempre quando sonhava sobre Marissa – no dia em que a conheceu.

— Me devolva! — Cole disse uma e outra vez enquanto ele pulava, tentando pegar o pequeno livro das mãos de Roman, que estavam esticadas tão alto quanto ele poderia levá-las acima de sua cabeça. A recente descoberta de que ele havia crescido alguns centímetros mais alto que Cole lhe encheu de alegria. E nas últimas semanas, ele tinha feito tudo o que pôde para irritar seu irmão mais novo, a quem ele tinha acabado de conhecer pela primeira vez há um pouco menos de um ano atrás.

Mesmo que a família improvisada não fosse relacionada pelo sangue, isso não impediu que qualquer um deles agisse como se fosse. Os três garotos se davam bem melhor do que a maioria dos outros irmãos em sua escola. Ele supunha que tinha haver com quem eles viviam.

Os Graytons eram de ouro. Não só Mark, seu novo pai, e Elizabeth, sua nova mãe, os mostraram nada além de paciência e bondade, mas Julie – a filha de Mark e Elizabeth era como uma segunda mãe para todos eles. Julie era a única que realmente passava a maior parte de seu tempo com Roman.

Ele não tinha certeza por que ela o tratava de forma diferente do que os outros. Mas ele precisava de atenção quando chegou pela primeira vez.

Seu corpo tinha sido muito danificado. Ele tinha tido um gesso e mais cortes e contusões que ele jamais tinha tido antes.

— Julie! — Cole parou de pular e cruzou os braços sobre o peito pequeno. Então, ele virou a cabeça para o lado para afastar a massa selvagem de cabelo longe de seus olhos. O cabelo louro da criança era maior do que o de Julie neste momento.

— Tenha um corte de cabelo, — Roman gemeu quando ele entregou o livro e mostrou a língua.

Cole nunca jogava limpo. Ele sabia que a fraqueza de Roman estava em ver a decepção nos olhos de Julie quando ela o repreendia. Apenas o medo disso sempre o levava a parar.

— Vá subir em uma árvore, — Cole atirou de volta e correu.

Só então eles ouviram um carro chegando. Quando ele correu até as janelas que davam para o quintal da frente, ele felizmente foi surpreendido ao ver o sedan prata de Lilly rolar até a calçada.

— É Lilly! — Ele gritou para todos na casa enquanto ele descia correndo as escadas, querendo ser o primeiro a sair da porta para receber sua nova irmã.

Era tudo o que todos estavam falando pelos últimos três dias, desde que Elizabeth tinha começado a ligar para Lilly, o seu anjo da guarda. Ou então, ela gostava de ser chamada, porque ela trabalhava para o Estado e ajudava a encontrar para crianças perdidas novas casas.

Ela tinha salvado seu traseiro, junto com Marcus e Cole. Os três rapazes deviam a mulher mais do que jamais poderiam pagar.

Quando chegou à varanda da frente, com a respiração presa na garganta, ele sentiu uma dor aguda atirar direto para o intestino.

Lá, de pé diante dele, estava outro anjo, um de seu tamanho, vestida com um vestido rosa suave com flores brancas e um laço cor-de-rosa amarrado na cintura. Seu cabelo amarelo fluía ao redor de seus ombros, indo quase até os joelhos. Parecia mais suave do que ele soubesse que era possível.

— Oh, lá está um agora. Roman, esta é a sua nova irmã, Marissa.

Ele piscou algumas vezes, odiando instantaneamente a palavra irmã.

Seus olhos caramelos se encontraram, em seguida, seu queixo caiu quando ela olhou para os pés dele. Ele tinha estado em tal pressa para ser o primeiro a sair da porta que ele tinha se esquecido de colocar os sapatos. Normalmente, isso não teria importância, mas desde que eles tinham passado a manhã inteira vestindo-se em suas roupas da igreja para conhecer sua nova irmã, ele supôs que ele parecia engraçado em um terno sem sapatos.

Olhando para baixo, ele mexeu os dedos dos pés e franziu a testa. — Eu esqueci meus sapatos, — disse ele, olhando de volta até a Lilly, que apenas riu.

— Eu tenho certeza que você vai encontrá-los em algum lugar. Tem mais alguém em casa?

Ele balançou a cabeça rapidamente, então ficou de lado e abriu a porta da varanda da frente. — Eles provavelmente estão na cozinha. Fizemos um grande jantar para ela. — Ele balançou a cabeça e notou que os olhos de Marissa ainda estavam colados aos seus pés.

— Bem, vou apenas para l'a. Roman, por que não mostra a Marissa ao redor — Disse Lilly.

— Claro, — disse ele, sem realmente prestar atenção a Lilly quando ela desapareceu no corredor.

— Você quer olhar ao redor? — Ele perguntou, enfiando as mãos nos bolsos.

Ela balançou a cabeça lentamente de lado a lado, com os olhos ainda fixos no chão.

— Você pode falar, não pode? — Ele perguntou depois de um minuto.

Ela assentiu com a cabeça.

— Bem, — ele suspirou e olhou ao redor. — Esta é a varanda da frente. Nós ficamos muito aqui desde que Marcus e eu a reconstruímos. — Seu peito inflou um pouco quando o orgulho o atingiu. Ele ainda não podia acreditar o quão grande tinha ficado.

Ele observou seus olhos se moverem para cima e sobre o grande espaço. Em seguida, ela piscou e ele assistiu com horror quando uma lágrima escapou.

— Hey. — Ele deu um passo para trás. — Não faça isso. — Ele franziu a testa quando outra caiu sobre o novo piso.

Ela piscou os olhos e começou a limpar as lágrimas que caíam como enxurrada agora.

— Será que alguém bateu em você? — Ele perguntou, aproximando-se.

Ela olhou para ele e balançou a cabeça negativamente.

— Bem, então, se considere sortuda. — Ele estava tão perto dela agora, que ele podia sentir o ligeiro toque de flores doces nela. — Você com certeza cheira bem, — ele murmurou, não percebendo que tinha dito isso em voz alta.

Seus olhos se encontraram e ele a assistiu piscar as lágrimas ao vê-lo.

— Eu... — Ela fechou os olhos. — Eu estava casando.

Ele piscou algumas vezes e, em seguida, riu, pensando que ela estava fazendo uma piada engraçada.

Ela franziu a testa e os olhos dela se mudaram de volta para o chão.

— Isso é engraçado. — Ele se moveu para tocar-lhe no ombro, apenas para ela se afastar rapidamente. — Hey. — Ele franziu a testa. — Nós não batemos aqui. — Ele se aproximou dela e inclinou a cabeça enquanto a observava. — Você está falando sério? — Sua voz guinchou. — Sério?

Ela olhou para ele, com lágrimas caindo novamente. Em seguida, saiu correndo.

Para uma menina, ela realmente podia correr rápido. Estavam a quase todo o caminho até o lago antes que ele a alcançasse. Ele agarrou seu braço e puxou-a até parar. — Calma! — Disse ele, segurando-a, ainda assim, só para ela levantar seus sapatos pretos brilhantes e chutá-lo nas canelas, canelas que tinham visto muitas contusões no passado.

— Ai! — Ele saltou para cima e para baixo em sua perna boa, enquanto ainda a segurava. — Por que você fez isso?

— Você... — Ela gritou. — Você não sabe nada. Você é apenas um garoto estúpido! — Seu rosto estava quase beterraba quando mais lágrimas derramaram de seus olhos.

— Bem, com certeza eu sou. E você é uma garota estúpida. — Ele sorriu e acenou com a cabeça, sentindo-se realizado.

Ela olhou para ele. — Me solta! — Ela gritou na cara dele. Ele deixou cair as mãos.

— Não me chute. — Ele deu um passo para trás quando ela fez um movimento. Ela apenas olhou feio para ele.

— Eu não gosto de meninos. Eu nunca quero estar perto de outro enquanto eu viver. — Ela cruzou os braços sobre o peito.

Ele riu. — Bem, então você vai ter uma vida muito chata. Os meninos são muito divertidos. Além disso, você tem três irmãos agora. — Ele se inclinou mais perto e sussurrou: — Você não poderá nos evitar.



O alarme de Roman o acordou do sonho, então ele saiu da cama, desejando que tivesse mais algumas horas de sono.

Puxando um par limpo de calções de banho e uma camiseta, ele escorregou em seus sapatos enquanto fazia o seu caminho para fora da porta. Ele poderia se acostumar com a vida fácil. Não que ele não amasse vestir seu traje normal de ternos e gravatas. Mas acima de tudo, ele sempre amou a facilidade de calções de praia e sandálias.

Quando caminhou até a loja, ele franziu a testa quando não viu a beleza vermelha de Missy no estacionamento.

O sino soou quando ele entrou, sorriu e suspirou de alívio quando ela falou do quarto dos fundos, — Estarei aí em um minuto.

Seguindo seu caminho para os fundos, ele foi recompensado quando entrou na sala de abastecimento e bateu solidamente na parte de trás dela. Ela tinha subido uma pequena escada e tinha ambos os braços sobre a cabeça, segurando uma caixa grande. Não parecia pesada, apenas estranha.

No mesmo instante, as mãos dele estenderam e firmou-a antes que ela caísse da escada. Seus quadris eram menores do que ele se lembrava e tinha uma bela vista

de seu traseiro, que ele não queria desistir ainda. Mantendo-a imóvel, sentiu-a enrijecer quando seus dedos apertaram seus quadris.

— Eu estou bem, — disse ela sem se virar. — Você pode me soltar agora.

— Não é possível. — Saiu como um sussurro, e ele fechou os olhos por um momento. Quando ele sentiu o movimento em seus braços, seus olhos se abriram e ele a observou colocar a caixa na prateleira. Seus dedos apertaram por apenas um momento, antes de soltá-la para que ela pudesse virar.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou, olhando para ele.

— Eu estou aqui para você. — Sua voz tinha fugido e ele parecia que tinha acabado de correr uma maratona. Sua respiração era irregular e seu peito subia e descia rapidamente, enquanto tentava manter sob controle.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro lentamente. — Eu... eu não posso fazer isso. — Ela moveu-se para dar um passo para longe dele. Suas mãos foram automaticamente para seus quadris novamente, mantendo-a firme na pequena escada.

— Calma, — ele franziu a testa.

— Roman, — ela começou a dizer, assim quando o sino soou. Ela piscou algumas vezes e, em seguida, afastou-se e saiu da pequena sala de abastecimento, sem dizer mais nada.

Agarrando as prateleiras, os nós dos seus dedos ficaram brancos enquanto ele orava para ser capaz de convencê-la.

Tinha sonhado com um milhão de maneiras de convencê-la a voltar para casa. Para sua família. Para ele. Mas cada vez que ela estava perto dele, nenhuma delas vinha à mente.

Suspirando, ele se virou e saiu do pequeno espaço para caminhar e ver Missy abraçando um homem grande, muito bronzado, muito musculoso. Ele sentiu cada músculo em seu corpo tenso com ciúme.

Quando ele limpou a garganta, Missy se afastou do homem, seu sorriso ainda no lugar enquanto seus olhos se encontraram.

Ele nunca pensou que havia uma possibilidade de que ela tivesse um amante. Ficara sabendo a partir de suas fontes que ela era solteira, mas não tinha

sido capaz de descobrir mais nada. O fato de que tinha contratado um detetive particular quase dois anos para encontrá-la o havia confundido. Especialmente considerando que ela estava a menos de cento e sessenta quilômetros de distância, ainda chamando Marissa, e ele tinha dado ao homem algumas dezenas de fotos dela. Ela tinha mudado seu sobrenome de Grayton para Wright, que não tinha sido o mesmo nome da sua verdadeira mãe.

Enquanto ele observava, ela ficou na ponta dos pés e beijou o homem em sua bochecha. — Eu te vejo mais tarde esta noite. — Ela apertou seu ombro. O homem olhou para ele com um olhar severo em seus olhos, então de volta para Missy.

— Está tudo bem? — Ele perguntou.

Missy nem sequer olhou em seu caminho antes de responder. — Está bem. Eu estava apenas mostrando ao nosso mais novo empregado os suprimentos. — Ela andou atrás do balcão, descartando os dois.

— Novo por aqui, hein? — Disse o homem, dando alguns passos em direção a ele. — Sou Clay. Eu sou um dos capitães da balsa.

Ele sentiu um pouco do ciúme sumir. — Roman. — Ele apertou a mão do homem quando ele ofereceu. — Até agora, eu estive nos parasailers.

Clay assentiu. — Jenny mencionou que vocês dois se conheciam. — Ele acenou para onde Missy estava ocupada atrás do balcão perto da parte de trás da loja.

Ele balançou a cabeça lentamente. — Crescemos juntos. — Ele cruzou os braços sobre o peito.

— É melhor você ir. Eu sei que Julie estará esperando por você, — ela falou de trás do balcão.

Ele observou Clay empalidecer e, em seguida, acenar com a cabeça e sair correndo.

Roman caminhou até onde Missy estava colocando todo o dinheiro de volta na caixa registradora.

— O que foi aquilo? — Ele perguntou, tentando manter o seu nível de voz.

Ela olhou para ele, as sobrancelhas franzindo em questão.

— Clay veio apenas me dizer que ele precisava do próximo mês de folga.

— Oh? — Ele perguntou, encostado ao balcão, tentando parecer casual. O que ele realmente queria fazer, era perguntar por que ela estava abraçando o funcionário.

Ela assentiu com a cabeça, nem mesmo olhando para ele neste momento.

— Então, parece que você vai precisar de alguém para ajudar com a balsa. — Ele esperou enquanto ela suspirava e fechava os olhos. Quando ela rolou seus ombros, ele viu o movimento e apreciou a vista. Ela estava usando uma blusa preta e o short marrom que se encaixava apenas da maneira certa. Ele desejou poder colocar as mãos sobre ela novamente.

— Eu não tinha pensado tão longe ainda. — Ela se virou e olhou para uma folha de papel pendurada atrás do balcão. — Marv deve estar livre nos próximos dias.

— Talvez eu possa andar com ele. Pelo que parece, John e Bob tem as coisas sob controle com o parasailers.

Ela olhou para ele e pensou sobre isso por um tempo. — Por quê?

Ele sorriu. — Porque o quê?

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Você vai... — Nesse momento, a campainha soou novamente e ela gemeu de frustração. — Mais tarde, — ela advertiu. — Faça o que você quiser. Se bem me lembro, você vai de qualquer maneira.

Ele riu quando se virou e saiu. Eles se conheciam muito bem para fingir. Mesmo que eles estivessem separados por quase oito anos, ele ainda a conhecia melhor do que ninguém.

Ele ficou no cais, esperando a balsa voltar de sua primeira corrida do dia. Ele disse a Bob e John que estaria treinando com Marv hoje. Os dois homens tinham sorrido e lhe deram um tapa nas costas.

— Não aguentou, não é?

Ele riu. — Bem, eu só achei que vocês dois tinham tudo sob controle. Além disso, Clay estará fora por um mês.

— Oh? — Os dois olharam um para o outro. — Julie deve ter tido o bebê.

Ele tinha ficado aliviado ao descobrir que Clay era casado e um novo pai, o que tinha explicado o abraço. Ainda assim, ele passou alguns minutos sondando os caras mais velhos para dizer-lhe que Missy não estava vendo ninguém.

— Na verdade, pensando agora, ela não mencionou namoro, nunca, — Bob tinha dito.

— Você sabe, — John disse e coçou o queixo, — Eu não acho que a menina foi a um encontro em anos. — Ambos balançaram a cabeça e, em seguida, se viraram quando um grupo de pessoas fazendo fila para entrar no barco.

Era quase meia hora mais tarde, quando Missy caminhou para o final da doca, arrastando atrás de si um carrinho.

— O que é tudo isso? — Ele fez sinal para o carrinho cheio de caixas.

— Entregas, — ela disse e se sentou ao lado dele.

— Para? — Ele esperou pacientemente.

— Clientes. — Ela acenou respondendo a próxima pergunta. — São mantimentos para os clientes em Dog Island, — ela finalmente disse. — Agora, você vai me dizer o que está fazendo aqui?

Seus joelhos estavam quase se tocando. Ele se inclinou para mais perto e desfrutou de observar os olhos dela se aquecerem quando a pele tocou pele.

— Eu te disse. Estou aqui por você.

Ela se virou para ele, fugindo de seu joelho.

— Eu não vou voltar. Eu não posso... — Ela virou-se e viu a balsa fazendo o seu caminho em direção a eles.

— O quê? — Ele perguntou, colocando o braço ao redor dela.

Ela suspirou e olhou para ele. — Eu não posso enfrentá-los. Não depois de tudo. — Ela virou o rosto para o vento e sol.

— Missy, — disse ele, brincando com seu cabelo como ele costumava fazer. Ainda era suave e cheirava a morangos como sempre. — Não importa o que você fez no passado, — ele usou seu dedo para elevar seu queixo até que ela olhou para ele — Nós te perdoamos. Nós somos sua família. Nós te amamos.

As palavras de Roman passaram em sua cabeça enquanto ela sentava e observava Marv ensinar-lhe tudo o que precisava saber sobre o funcionamento da balsa.

Ela queria acreditar nele e desejou mais do que qualquer coisa que sua família pudesse entender por que ela teve que partir. Por que não podia voltar.

Quando seus olhos ficaram úmidos ao pensar sobre isso, ela se levantou, saiu e encostou-se na grade, olhando a água cristalina abaixo dela. Havia apenas muito em jogo agora. Ela não estava disposta a desistir de sua vida. Sua carreira. E ainda mais importante, Reagan.

Com apenas o pensamento de sua família descobrir seu segredo, ela estremeceu no ar quente, então ela colocou os braços em torno de si mesma e se encostou a grade.

Não, ela não iria voltar. Ela precisava pensar em um plano para fazer Roman ir.

Quando a balsa atracou, Roman ajudou a descarregar o carrinho. Mesmo que só houvesse duas entregas para o dia, ela ainda tinha quatro grandes caixas para arrastar ao redor. Ela sabia que ia terminar a tempo de pegar o próximo passeio de barco para casa, mas pensou em tirar algum tempo para desfrutar de um passeio ao longo da praia em primeiro lugar.

Roman aparecendo tinha mudado tudo em sua vida, ela ainda não tinha tido tempo para pensar em todas as possibilidades.

Reagan esteve muito cheio de energia na noite passada para ela ter um momento para si mesma. Primeiro o jantar, depois a hora do banho, o que naturalmente seguiu para ela ler-lhe uma história antes de dormir. Em seguida, ela estava cansada demais até para relaxar em um banho quente, que ela tinha fantasiado durante todo o dia.

Sua primeira entrega foi para os mais novos membros de Dog Island. Os Chen eram recém-casados, direto do San Diego. Eles eram um dos casais mais amáveis que Missy já teve o privilégio de conhecer.

Huan Chen era um dentista local e em seus trinta e poucos anos. Sua esposa, Sue, tinha acabado de se formar e trabalhava em casa com sites de assessoria jurídica on-line.

Sue era uma das clientes mais amável que Missy já tinha tido. A mulher saía do seu caminho para ajudá-la a descarregar as suas compras e sempre conversava com ela.

No momento em que ela fez sua outra entrega, ela estava em um humor melhor, graças a Sue. Ela levou o seu tempo conduzindo para um de seus lugares favoritos na ilha, onde não havia muitas casas. Ela gostava do isolamento e da calma.

Tirando os sapatos, ela caminhou por alguns minutos e, em seguida, encontrou um ponto suave na areia branca como açúcar para se sentar. Dobrando os joelhos até o peito, ela sentou e observou a volta da água azul cristalina na praia e pensou sobre Roman.

Tanta coisa havia mudado desde que o vira pela última vez. Mesmo que ele parecesse praticamente o mesmo, tanto tinha mudado sobre ele. Seu cabelo era um deles. Ela segurou uma risadinha, então olhou ao redor e, percebendo que estava realmente sozinha, deixou-a sair de qualquer maneira.

Ela nunca tinha visto tão longo como estava agora. Parecia um vagabundo de praia, mais como Cole do que o Roman que ela tinha conhecido. Roman tinha sido sempre limpo e arrumado. Perfeito.

Ela suspirou e descansou a cabeça contra os joelhos. Perfeito. Ela pensou sobre essa palavra. Assim, muitos anos atrás, ela pensou que isso era exatamente o que ele era. Perfeito.

Não tinha sido esse o motivo pelo qual ela tinha se apaixonado por ele imediatamente? E também a razão pela qual ela tinha o deixado com tanta pressa.

Ela tinha sido uma confusão quando chegou aos Graytons, sem saber em quem confiar ou mesmo se podia confiar em si mesma.

Mesmo com toda sua indecisão atual, ela era muito melhor agora do que tinha sido quando uma criança.

Lavagem cerebral era uma coisa difícil de superar. Especialmente se isso foi feito por pessoas que você amava e confiava e começasse antes que você pudesse andar.

Sacudindo a cabeça para afastar do horror que foi a sua vida crescendo em uma seita polígama, ela voltou para os pensamentos sobre Roman. Como ele tinha sido o único a ajudá-la a superar o seu medo do sexo oposto.

Ele ganhou sua confiança, a sua amizade, então seu amor, tudo dentro do primeiro ano após conhecê-lo.

Então ela o traiu, e deixou ele e sua família no escuro enquanto fugia. Olhando para trás, para a sua vida, ela percebeu que todas as razões que ela tinha juntado realmente não contam pela dor que ela tinha causado a eles.

Ela se importava muito com eles. Quando ela ouviu dizer que Cole tinha sofrido um acidente, ela correu para o hospital para checá-lo, com medo de que ela fosse ser vista, mas com mais medo de que seu irmão tivesse sido gravemente ferido.

Em seguida, houve o casamento de Cassey. Suspirando, ela olhou para frente e para a água. Ela chorou até dormir naquela noite. Tinha sido tão difícil, ficar de pé ao longo do calçadão, quase duzentos metros de distância, observando sua irmã se casar. Várias vezes, ela se convenceu em correr pela areia e correr para dar a sua irmã um abraço.

Mas, no final, ela tinha visto Roman de pé ao lado de seus outros irmãos e tinha se afastado lentamente. Ela simplesmente não podia imaginar dizendo-lhe tudo. Não naquele momento e nem agora.

Ela sabia que era inevitável. Tudo na vida se movia em um grande círculo. Ela tentou se preparar para o dia em que teria que contar a Roman sobre Reagan.

Deitando na areia, ela olhou para o céu sem nuvens e gemeu. — Por que isso tem que acontecer tão rápido?



Ser capitão de uma balsa era muito mais divertido do que jamais imaginou. Primeiro de tudo, você tem que cumprimentar todos que embarcam e saem da balsa. Segundo, você tem que dirigir o grande barco com uma grande quantidade de energia. Terceiro, você poderia dizer tudo o que quisesse nos alto-falantes e você tinha um público cativo.

Claro, pela terceira vez na viagem, ele contou algumas piadas repetidas, mas isso não importava para os passageiros; eles riram e bateram palmas junto de qualquer maneira.

Marv tinha mostrado a ele tudo o que podia no final do primeiro passeio. Ele tinha prometido mostrar a ele sobre os motores e mecânica após a sua última corrida do dia, que terminou por volta das sete e meia da noite.

— Nós não dirigimos após o anoitecer. Há algumas balsas mais abaixo que executam depois do sol se pôr, mas não nós. — O homem mais velho sorriu para ele enquanto acenava para algumas pessoas deixando as docas. — Nós não navegamos durante uma tempestade também. Apenas antes e depois que checamos se está tudo certo

— Por que isso? — Ele perguntou, encostado na grade da doca.

— Muitas razões. O velho de Missy tinha uma tripulação que fazia isso. — Ele balançou a cabeça. — Perdeu três bons homens em um dia.

Ele se levantou, deixando cair os braços para os lados. — O velho de Missy... — Ele balançou a cabeça. — O pai dela?

Marv olhou para ele. — Eu pensei que você disse que cresceu com ela?

— Eu cresci... — Ele lutou contra o impulso de dizer tudo ao homem. — Eu sei de fato que Missy foi adotada com a idade de oito anos.

Marv sorriu e acenou. — Então, ela encontrou Doug pouco depois de seu décimo oitavo aniversário. Exatamente antes que ela tivesse Reagan.

— Reagan? — Sua cabeça estava começando a girar.

— Whoa, você está bem? Você não está enjoado ou algo assim, não é?

— Marv, você e eu precisamos ter uma conversa. Agora. — Ele agarrou o braço do homem e puxou-o de volta para a balsa.

Trinta minutos mais tarde, a balsa foi puxada para trás até as docas da ilha. Quando viu Missy pé no cais ao lado de alguns clientes, ele se virou para Marv.

— Eu estou tomando uma pausa. Você pode nos pegar na próxima corrida.

Marv assentiu e, em seguida, bateu-lhe nas costas. — Seja paciente com ela.

Ele respondeu. — Você não tem ideia de quão paciente que eu já fui.

Quando ele saiu do barco, os olhos dela pousaram sobre ele. Ela parecia relaxada. Como se ela tivesse tomado um pouco mais sol naquele dia. Seu cabelo loiro estava voando em torno de seu rosto e ela começou a sorrir quando o viu. Quando seus olhos se encontraram, no entanto, o sorriso desapareceu.

— O quê? — Ela perguntou, quando ele caminhou até ela sem dizer uma palavra e tomou-lhe o braço. — O que há de errado? — Ela olhou de volta para a balsa, em seguida, para ele. — Será que Marv...

— Não aqui, — ele rosnou, puxando-a com ele até que chegou na frente do carro. — Este é o seu? — Perguntou. Quando ela assentiu, ele moveu-se para o lado para deixá-la subir a bordo. — Eu vou dirigir. — Ele esperou até que ela se sentasse no banco.

— Roman, você não...

— Ainda não. — Ele olhou para ela, tentando engolir a mágoa, dor e raiva até que estivesse sob controle. Quando o carrinho chutou a poeira atrás deles, ele sorriu. A última coisa que queria era estar preso junto com ela em um carrinho de golfe quando havia tanta coisa borbulhando dentro dele. Agora, ele precisava da velocidade.

Eles ficaram em silêncio. Ela apoiou os pés em cima do painel como se ela estivesse em um passeio lento de domingo, então ele acelerou novamente até a calçada terminar. Em seguida, ele acelerou pela areia, até que estavam finalmente fora de vista. Aqui, havia apenas algumas poucas casas espalhadas e distantes entre si. Ele dirigiu até que encontrou um pedaço de praia, que estava longe de qualquer outra coisa. Quando o carrinho parou, ela virou-se para ele no banco e ergueu as sobrancelhas.

— Você vai me dizer o que é isso tudo?

Ele revirou os ombros antes de se virar para ela e tomar-lhe a mão. Então, ele puxou até que ela o seguiu para beira da água.

— Diga-me que não é verdade. — Ele não reconheceu sua própria voz.

— O... o quê? — Ele observou ela engolir.

Em vez de responder, ele apenas olhou para ela.

— Roman? — Ela balançou a cabeça. — Marv não tinha o direito...

Ele soltou um rosnado baixo, fazendo-a parar.

— É verdade? — Ele perguntou novamente.

Ela suspirou e cruzou os braços sobre o peito, um movimento que ele conhecia muito bem. Ele não conseguiria tirar nada dela, não se ele continuasse a ir por esse caminho e a partir deste ângulo.

Anos de solidão, dor e raiva ferveram dentro dele junto com as emoções mais recentes de traição, de ser enganado, arrancado de algo que ele tinha desejado mais do qualquer outra coisa. Tudo misturado fez com que ele se movesse em direção a ela em um movimento rápido.

Antes que ele percebesse, ela estava em seus braços, os lábios esmagados sob os dele enquanto tomava o que queria pelo que pareceu uma eternidade.

Suas unhas cravaram em sua pele logo abaixo das costelas. Ela nem sequer tentou afastá-lo. Em vez disso, ela o aproximou, gemido por gemido quando ele alimentou os seus desejos com o sabor, a sensação dela ao lado dele.

Quando os joelhos dela cederam, ele seguiu até a areia macia, cobrindo seu corpo com o dele, empurrando-a mais para dentro da praia.

Não até que ele sentiu o coração dela correr contra seu peito, sua respiração difícil tentando engolir o oxigênio, ele finalmente se afastou dela.

Ele se sentou ao lado dela e empurrou os dedos pelos cabelos, quase arrancando tudo. — Por quê? — Ele disse em um sussurro.

Ela tomou seu tempo sentada, dobrando os joelhos perto de seu peito e envolvendo os braços em torno deles.

— Eu estava com medo.

Ele virou-se rapidamente para ela. — De mim?

Ela balançou a cabeça sem olhar para ele.

— Então, o quê? — Ele resmungou.

— Da minha família. — Ela mordeu o lábio inferior.

A explosão de riso lhe escapou. — Nós teríamos...

— Não, não os Graytons. — Ela se virou para ele, finalmente. — Os Smiths.

Ele inclinou a cabeça em uma pergunta. — Você não tem uma família fora do...

Ela suspirou e rolou a cabeça para trás, olhando diretamente acima dela. — Roman, — ela finalmente disse, virando-se para ele novamente. — Você se lembra o que eu disse no dia em que nos conhecemos?

Ele sorriu. — Você odiava os rapazes.

Ela assentiu com a cabeça. — E? — Quando ele não respondeu, ela continuou. — Eu disse que era o dia do meu casamento.

Ele riu. — Sim, ainda que não tenha chegado... — Sua voz morreu na brisa quando a compreensão se estabeleceu. Seus ombros caíram e ele sentiu suas entranhas apertarem com outra coisa – medo e raiva misturados.

Seus dedos tomaram seus ombros e ele a puxou para mais perto. — Você estava falando sério?

Ela assentiu e ele observou uma lágrima descer pelo seu rosto.

— O que isso tem a ver com o porquê você me deixou?

Ela fechou os olhos e ele poderia dizer que ela estava tentando obter suas emoções sob controle.

— Tudo. — Ela balançou a cabeça, que enviou seu cabelo voando ao redor do rosto úmido.

Ele pensou por um momento e percebeu que ainda tinha que ouvir uma coisa dela.

— O meu é menino? — Ele perguntou em voz baixa.

Como ela poderia dizer-lhe tanto sem expor tudo. Antes de responder, ela se virou para olhar a praia. As ondas eram mais fortes aqui, no final da ilha. Mais revoltas, como Roman que estava sentado ao lado dela.

— Sim. — Ela se virou para ele, observando suas emoções. Ela esperava a raiva, mas não suas lágrimas. Quando fechou os olhos, várias rolaram pelo seu rosto, quebrando seu coração em dois.

— Eu não sabia que estava grávida quando fui embora. — Ela estendeu a mão para ele, apenas para tê-lo se afastando e ficando em pé. Quando ele andou vários metros até a praia, ela o seguiu. — Você tem que acreditar em mim.

Depois de um momento, ele se virou para ela, olhando profundamente em seus olhos. — Por que não voltou? Depois que você descobriu?

Ela baixou os braços. — Minha família... — Quando os olhos dela aqueceram, ela corrigiu sua declaração. — Os Smith me encontraram.

— O que isso tem a ver conosco? — Sua voz vibrou com raiva.

— Os Smiths dirigem o Conselho de amigos. — Ela esperou até a realização aparecer em seus olhos.

— O culto? — Perguntou.

Quando ela acenou com a cabeça, suas mãos foram para os ombros dela.

— É por isso... — Ele a soltou e gemeu quando ele fechou os olhos. — Realmente, era o dia do seu casamento, não era?

Ela assentiu com a cabeça ligeiramente, sentindo como se, finalmente, um de seus segredos estava fora.

— O que eles queriam com você agora? — Seus dedos cavaram em seus braços, mas ela desfrutou o calor dele segurando-a.

— Comigo? Nada, mas eu já estava grávida de oito meses na época. — Seus dedos apertaram um pouco mais. — Eles queriam o meu... nosso filho. Ele pertencia à seita. De acordo com eles, ele era uma criança escolhida de Deus.

— Por que em nome de Deus que você não voltou para nós? — Ela ouviu a crueza de sua voz quando seus dedos se apertaram em seus ombros.

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. — Não houve tempo.

O silêncio surgiu entre eles. — E depois que você teve o nosso filho?

Ela balançou a cabeça enquanto fechava os olhos pela dor. Sua garganta estava seca, queimando-a. Abrindo os olhos, ela olhou em seus azuis. — Eu preciso de um pouco de água.

Ele piscou e olhou ao redor.

Ela quase sorriu. — Há uma garrafa no carrinho.

Ele assentiu e, então, rapidamente voltou para o carro. Ela observou-o atentamente. Seus beijos eram os mesmos, mas diferentes. Ele até se movia de forma diferente do que fazia anos atrás.

Até o momento que ele conseguiu voltar para ela, sua garganta estava seca por razões completamente diferentes.

— Eu gostaria de ouvir o resto, — disse ele, entregando-lhe a água engarrafada.

Tomando um gole, ela permitiu que a água aliviasse o calor causado por observá-lo. Olhando para baixo, ela franziu a testa para o relógio.

— Talvez possamos continuar mais tarde. Eu tenho que pegar Reagan em breve.

Ela observou as sobrancelhas franzirem e viu uma mistura de raiva e emoção correrem em seus olhos.

— Você gostaria de...

Ele segurou os ombros dela. — Sim, — ele rosnou.

— Roman, eu não tive a intenção de mantê-lo longe. — Ela suspirou, sem saber o que dizer.

— Mais tarde. — Ele pegou a mão dela e puxou-a de volta para o carrinho. Ele dirigia com tanto entusiasmo como quando os levou até lá.

— Eu vou ter que investir em um destes para o papai, — disse ele distraidamente.

— Como ele está? — Ela olhou para ele com o canto do olho. Ela tentou manter o sentimento de culpa afastado, mas sempre acontecia quando ela pensava em seus pais adotivos.

Ele olhou para ela depois de abrandar o carro. — Mamãe morreu pouco tempo depois que você foi embora.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu sei. — Ela se virou para ele um pouco mais. — Eu segui todos vocês de perto. — Especialmente ele, ela pensou, mas ela não disse isso em voz alta.

Ele parou o carro. — Foi você. — Ela observou o rosto dele de perto.

— O quê? O que foi eu?

— No funeral da mamãe. No hospital, quando Cole sofreu o acidente. Até mesmo no casamento de Cassey.

Ela balançou a cabeça lentamente. — Eu...

Parecia que ele estava aliviado. — Que tal no dia de abertura do Boardwalk Bar and Grill de Cassey?

Ela piscou algumas vezes e, em seguida, engoliu o nó na garganta. Ele a tinha visto. Todas as vezes que ela pensou que tinha passado despercebida. Ele a tinha visto. Balançando a cabeça ligeiramente, ele riu.

— Eu disse a eles que eu não era louco. — Ele sorriu enquanto voltava para a estrada.

— Como... você me viu todas aquelas vezes?

Ele olhou para ela quando eles entraram no estacionamento. — Claro. — Ele deu de ombros. — Eu estava procurando por você. Todos estavam.

Ela não percebeu que lágrimas tinham deslizado por seu rosto até que ele se aproximou e usou a parte de trás de seus dedos para limpá-las suavemente.

— Você é da família. — Seus braços pareciam tão bons em volta dela. Tinha se esquecido como era. Ser segurada. Deixar ir por um momento.



As mãos de Roman estavam instáveis e suadas, então ele esfregou-as em seus shorts, tentando ter suas emoções sob controle. Ele estava sentado do lado de fora da escola com a mulher dos seus sonhos, enquanto esperava para ver seu filho pela primeira vez.

Foi tudo como um sonho. A qualquer momento, ele esperava que alguém saltasse para fora dos arbustos com câmeras e lhe dissesse que ele estava sendo filmado.

— Por que o garoto está na escola de verão? — Ele se sentiu enjoado com o pensamento da criança ir mal em sala de aula.

Ela riu. — Porque aqui é exatamente onde ele quer estar. — Ela se virou para ele. — Não é uma escola de verão, é um programa de leitura de verão que a escola começou alguns anos atrás para impedir que alguns dos estudantes avançados fiquem entediados durante o verão.

Ele piscou algumas vezes. — Então, ele é muito inteligente?

Ela sorriu. — Eles querem que ele pule uma série.

Ele balançou a cabeça e franziu a testa. — Eu tentei aquele ano, me lembro.

Ela assentiu com a cabeça e olhou de volta para a escola. — É por isso que eu disse a eles que não.

Voltou-se para a escola a tempo de ver uma mulher sair pelas portas da frente e mantê-las abertas quando algumas crianças vieram correndo para fora. Mesmo que Missy não tenha contado a ele, ele teria descoberto no segundo que visse o garoto que ele era pai.

Ele sentiu seus olhos encherem de água novamente e teve que piscar várias vezes para que pudesse ver todos os detalhes do garoto andando em sua direção. Seu cabelo loiro era cortado quase exatamente como o seu tinha sido com a mesma idade. Os ombros do garoto estavam caídos para frente, refletindo a maneira que ele andava o tempo todo.

Ele estava vestindo shorts cáqui e uma camisa azul de botões com um par gasto de Chucks cinzas. Quando viu Missy, sorriu rapidamente e, em seguida, virou-se e acenou para sua professora. Era como olhar para o passado.

— Quando é seu aniversário? — Ele perguntou em voz baixa antes do garoto chegar mais perto.

Ela olhou para ele e franziu a testa. — 20 de julho.

Ele suspirou e acenou com a cabeça. — Ele vai completar oito?

Ela assentiu com a cabeça, assim quando Reagan parou na frente deles.

— Hey. — Ela inclinou-se e abraçou-o. — Como foi hoje?

Reagan deu de ombros. Outro movimento que Roman conhecia muito bem. — Foi tudo bem. Eu terminei *Buracos*.

— Claro que você terminou. O que você está lendo agora? — Ela colocou a mão em seu ombro, puxando-o um pouco mais.

Ele suspirou, soando um pouco entediado. Mas Roman viu um brilho nos olhos escuros do garoto que conhecia muito bem. — Nada bom. Só... — Seu sorriso cresceu e ele percebeu que tinha o seu olhar malicioso também. — Percy Jackson! — Ele parecia animado.

— Qual? — Perguntou Missy.

Ele revirou os olhos. — O melhor é claro. — Então, os olhos do garoto foram até ele. Ele estava de pé tão imóvel, absorvendo tudo, que tinha se esquecido de respirar e realmente sentia-se tonto.

— Quem é esse? — Reagan finalmente perguntou, inclinando-se mais perto de sua mãe.

Os olhos de Missy encontraram os seus, em busca de respostas.

— Meu nome é Roman. — Ele se inclinou para baixo, não olhando para Missy novamente. — Eu sou um velho amigo da sua mãe. — Tomando uma decisão rápida, ele sorriu quando olhou para Missy. — Eu vou ficar com você e sua mãe por um tempo.

Conforme ela dirigiu a curta distância de volta à loja, ela continuava enviando olhares feios em sua direção.

O garoto estava sentado na parte de trás do carro, apreciando o passeio tanto quanto Roman. — Quando eu posso dirigi-lo? — Ele perguntou, estendendo a mão para brincar com as pontas dos cabelos de Missy. Ela bateu a mão rapidamente, e irritação surgiu nos olhos dela, então ele fez questão de fazê-lo o mais rápido que podia.

— A forma como as coisas estão indo? Nunca, — disse ela entre os dentes.

Ele riu. — Oh vamos lá. Você provavelmente nunca teria comprado um carro como este, se não tivesse sido por mim.

Ele observou as sobancelhas atirarem para cima quando ela entrou no estacionamento da loja.

— Exatamente por isso que você não vai dirigi-lo. Lembro-me o que você sempre disse que faria se você colocasse suas mãos em uma dessas... belezas. — Ela estacionou e desligou o motor. Ele já sentia falta do zumbido e da vibração.

— Nós éramos crianças. — Ele sorriu, lembrando-se de como ele tinha dito a ela que iria ganhar todas as corridas de rua com ele, e então iria levá-la para Dolphin Bay para assistir as corridas subterrâneas com todas as líderes de torcida.

Ela se virou para ele e rapidamente olhou para Reagan. — A partir dos resmungos... você ainda é. — Ela virou-se quando ele riu e saiu do carro. — Agora, se você não se importa, parece que chegamos a tempo para que você possa voltar ao trabalho.

Ela acenou com a cabeça em direção a balsa, que estava puxando até a doca novamente.

Ele saiu e segurando um gemido desde que ele queria passar tanto tempo com Reagan quanto possível. Então, ele sorriu. — Ei, garoto, quer vir comigo?

Reagan olhou para sua mãe, em seguida, de volta para ele. — Posso, mãe?

Ela franziu a testa e começou a sacudir a cabeça.

— Você não confia em mim...? — As palavras “com o nosso filho” penduraram por dizer. Seus olhos perfuraram os dela enquanto ela mordeu o lábio inferior com preocupação. — Além disso, Marv vai estar lá, — acrescentou depois de uma longa pausa.

Ela olhou para Reagan e sorriu. — Você gostaria de ir?

O garoto olhou para ele com os olhos assim como os dele e balançou a cabeça lentamente. — Sim, é melhor do que ficar na sala de descanso por algumas horas.

Roman riu e esticou o braço e colocou sua mão no ombro do rapaz. — Te vemos mais tarde. — Ele sorriu quando começaram a caminhar em direção à balsa ancorada.

Missy olhou pela janela mais uma vez enquanto mordida o lábio inferior.

— Se você continuar olhando para fora da janela, você nunca vai conseguir ter esse material descarregado, — disse Jenny atrás dela.

Ela suspirou e revirou os ombros. — Eu sei, mas não posso evitar.

— Ouça. — Jenny se inclinou mais perto para os poucos clientes que vagavam na loja não ouvissem. — Você disse que conhece e confia no cara, certo?

Ela assentiu com a cabeça ligeiramente.

— Então, qual é o problema?

— Ele é meu filho, — ela assobiou. — Você vai entender um dia, quando você tiver o seu próprio. Você nunca para de se preocupar com os seus filhos. Mesmo quando está com alguém que você confia.

Jenny riu. — Pare de se preocupar. Marv está cuidando deles.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu sei. — Ela não podia dizer a amiga que ela não estava preocupada que Roman fosse perder Reagan, ou algo de ruim fosse

acontecer com seu filho. Ela estava mais preocupada com seu filho ficar muito apegado a Roman.

Ele disse a ela que iria ficar por aqui até que ela voltasse para casa com ele, mas isso era algo que nunca poderia acontecer.

Desde que ela e Jenny tinham uma tonelada de coisas para fazer antes do fim do dia, ela estava pelo menos grata que Reagan não estivesse estado sentado na sala dos fundos, entediado. O garoto precisava sair da casa com mais frequência. Pois dizer que ele era um leitor ávido era um eufemismo.

Ele nunca subiu em uma árvore ou raspou seu joelho em um playground. Mesmo durante o intervalo, seus professores lhe disseram que ele passava seu tempo sentado em um banco, lendo ou desenhando.

Claro, houve atividades que fizeram juntos.

Ela o levou para a praia, para caminhadas na natureza ou piqueniques. Uma vez, quando ele tinha seis anos, eles tinham ido para o parque estadual e aprendido tudo sobre a flora através de um guia. Reagan estava mais interessado em ler os guias do que realmente ver e tocar as plantas vivas.

Roman teria sido assim também se não tivesse sido por Marcus, que tinha arrastado suas extremidades por todo Spring Haven. Marcus tinha convencido toda a família a acampar na praia uma noite de verão. Claro, ele não tinha verificado o tempo e eles tinham ficado na chuva, mas ainda assim foi uma das melhores noites em sua mente jovem.

Alguma parte da natureza aventureira de Marcus tinha sido transferida para Roman ao longo dos anos. A última noite que tinha tido com ele tinha sido sob as estrelas no campo atrás de sua casa.

Suspirando, ela se lembrou de quando ele a segurou enquanto estavam sob os cobertores que ele trouxe.

— *Eu não posso acreditar que você arrumou tudo isso,* — disse ela, olhando para Roman e a cesta de comida que ele tinha trazido.

Ela usava uma de suas saias de brim favorita e blusa branco, juntamente com um velho par de botas para que ela pudesse correr através dos campos e encontrá-lo no lugar que ele escolheu. Eles se sentaram perto da borda do lago atrás de sua casa,

onde, sem dúvida o resto de sua família estava sentada ao redor da televisão, discutindo sobre o que eles iriam assistir.

Ele sorriu para ela, enquanto abria a garrafa de água e serviu-lhe no copo de plástico. — Eu queria que esta noite fosse especial.

Ela não conseguia entender quão bonito ele parecia ao luar. Era o fim do verão e seu cabelo tinha virado um loiro pálido de sua cor naturalmente mais escura. Ele o deixou crescer um pouco, o que fez as extremidades ter uma ligeira curvatura. Ela adorava correr os dedos por ele quando eles roubavam beijos.

Ela corou lembrando-se da primeira vez que seus lábios roçaram contra os dela.

— Aqui, — ele disse, entregando-lhe o copo. A água fez pouco para saciar a sede que sentiu quando o viu. Todo o seu corpo parecia que estava pegando fogo e olhando para ele, ela sabia que ele sentia da mesma maneira.

— Roman. — Ela olhou de volta para a casa.

— Não, — ele interrompeu seus pensamentos. — Não pense sobre isso. — Ele franziu a testa para ela, colocando a taça para baixo e puxando-a para mais perto. — Não essa noite. Nós somos apenas duas pessoas. Sob as estrelas. Que querem estar um com o outro. — Seus olhos pediram a ela para entender. Então, ela balançou a cabeça ligeiramente.

Quando seus lábios cobriram os dela, ela imediatamente desligou a parte de sua mente que se sentia culpada. Como algo tão certo poderia não ser certo?

Seus dedos cavaram suavemente em seus ombros quando ele a puxou sobre o cobertor. Sua respiração engatou enquanto se movia lentamente sobre os seios, cobrindo-a até que ela sentiu seu coração bater em suas mãos.

Um gemido escapou de seus lábios quando ele arrastou beijos pelo seu pescoço, atrás da orelha, até que ela o sentiu desabotoar sua blusa. Ela arqueou para ele, querendo sentir o calor de sua mão contra sua pele.

— Por favor, — ela implorou, sem entender suas próprias necessidades. — Eu preciso...

— O quê? — Sua voz soou baixa, um estrondo ao lado de sua pele, fazendo arrepios subir acima de sua carne exposta. — Me diga o que você precisa.

— Você, — disse ela, puxando-o de volta para ela até que sua boca cobriu a dela. — Só você.

Ele balançou a cabeça quando olhou para ela. — Eu não quero parar neste momento. — Seus olhos perfuraram os dela.

— Não. — Ela sorriu para ele, sabendo que ela estava com muito medo de ser pega na última vez. Desta vez, não havia ninguém por perto. Não há razão para não ter o que ela queria. O que ela precisava. Para mostrar-lhe como se sentia. — Não pare.

Seus olhos procuraram os dela, e então ele começou a beijá-la novamente, suas mãos se movendo mais rápido, enquanto a segurava em cima dele. Ela sentiu a necessidade se formar quando ele ergueu sua saia e deslizou sua calcinha por suas pernas. Esticando, ela o ajudou a puxar a camisa sobre a cabeça e suspirou quando traçou os dedos sobre os magros músculos bronzeados. Ela sempre apreciou seu corpo, sempre tinha desejado isso.

Ele estava sobre ela agora. Ela estava deitada sobre o cobertor velho em apenas seu sutiã branco e saia jeans que estava levantada até um pouco abaixo dos quadris. Suas mãos lentamente viajaram sobre as pernas até que empurraram a saia mais para cima. Os olhos dela se fecharam com um gemido quando ele cobriu seu sexo e começou a esfregar o dedo sobre ela.

Suas unhas cavaram no cobertor macio quando ele empurrou um dedo suavemente para dentro dela enquanto a outra mão estava através de seu estômago. Seus quadris saltaram quando ele mergulhou mais para dentro dela, circulando, movendo-se em um padrão que lentamente a deixou dolorida.

— Roman, — ela gritou quando sentiu que não podia mais segurar.

— Goze, — disse ele ao lado de sua orelha. — Goze para mim.

Ela gemeu e cravou as unhas em seus ombros nus enquanto a cobria e deslizou lentamente para ela. Ela nunca tinha imaginado algo ser mais perfeito que naquela noite sob as estrelas no seu décimo sétimo aniversário.

Sacudindo a cabeça para afastar a memória, ela terminou de descarregar o último estoque novo e caminhou de volta para a janela para ver a balsa voltar de sua última corrida para a noite.

Quando ela assistiu Roman e Reagan caminharem até o cais, rindo de alguma coisa, seu coração pulou algumas batidas.

Ela sabia que não havia nenhuma maneira que ele não fosse parte de suas vidas agora. Mesmo com o perigo à espreita, ela sabia que faria qualquer coisa para manter o par juntos. Especialmente quando ela assistiu Reagan deslizar a mão na de Roman enquanto eles caminhavam. Seu filho nunca tinha confiado em ninguém para chegar tão perto, muito menos depois de apenas algumas horas.

Revirando os ombros, ela pensou nos próximos passos, mas nada veio à mente. Ela precisava de um pouco mais de tempo para planejar, para descobrir.

Em vez disso, sua mente continuava repetindo em câmera lenta aquela noite há muito tempo sob as estrelas.

Mesmo seu corpo a traiu quando o par entrou pela porta da frente. Seu coração falhou e ela sentiu o calor no rosto quando seus olhos pousaram sobre ela.

— Bem. — Ela limpou a garganta, que estava seca. — Como foi?

— Mãe! — Reagan correu para ela e abraçou-a pela cintura. — Roman me deixou dirigir a antiga Bertha.

— Antiga? — Ela riu quando ela olhou para Roman. — Claro que você daria um nome para a balsa.

Ele deu de ombros e sorriu para ela, fazendo com que suas entranhas tremessem.

— Por que você não corre e pega um suco e lanche da geladeira. — O garoto tinha ido embora antes que ela pudesse terminar sua declaração.

Roman riu. — Eu acho que nós o fizemos trabalhar um pouco demais.

— Não, ele só gosta de comer. — Ela virou-se para ele. Seu sorriso vacilou quando ela percebeu que ele se aproximou dela.

— Obrigado, — disse ele, dando mais um passo mais perto.

— Por? — Ela franziu a testa um pouco.

— Por deixá-lo ir junto. — Ele tirou uma mecha de seu cabelo dos olhos. — Ele é perfeito. Muito parecido comigo quando eu tinha essa idade.

Ela assentiu com a cabeça, sem saber o que dizer.

— Nós falaremos mais tarde, depois que ele estiver dormindo, sobre o resto. — Ele acenou para o quarto dos fundos, onde Reagan estava. A mão de Roman moveu para cima e segurou seu rosto, mantendo-a imóvel. — Você me deve mais algumas explicações.

Ela piscou algumas vezes, tentando controlar a batida do seu coração. Ela tinha esquecido como seus olhos escuros faziam sua pele se aquecer. Como a sensação de suas mãos sobre ela a fazia gemer. Memórias dele a enviando ao longo da borda surgiram em sua mente. Antes que ela percebesse, sua mão estava em seu braço, segurando-a firme.

— Marissa? — Sua voz baixa invadiu a memória.

— Eu... — Ela lambeu os lábios, querendo. — Eu preciso ir fechar. — Ela se virou e rapidamente foi para trás do balcão.

Quando ela olhou para cima novamente, ele estava passando por ela para a área dos fundos. Poucos minutos depois, ela podia ouvir Roman e Reagan rindo juntos.

Como ela iria fazer isso? Mesmo os seus risos combinando pouco fez para melhorar seu ânimo. Ela sabia que eles precisavam estar juntos, mas algo dentro dela lhe disse que era impossível e medo veio à tona cada vez que pensava sobre uma vida com ele.

Ela fechou mais rapidamente do que ela já fez e nem sequer se preocupou em se certificar de que a gaveta de dinheiro batia com o computador. Empurrando o saco de dinheiro no cofre, ela torceu a maçaneta e caminhou até a sala dos fundos, precisando chegar em casa rapidamente para que ela pudesse se recompor.

— Pronto? — Ela perguntou a Reagan.

— Mãe, Roman diz que ele vai nos fazer o jantar, — seu filho disse, saltando na cadeira. — E que eu posso ajudá-lo a cozinhar.

Ele tinha manobrado em torno dela novamente.



Ele sabia que foi um truque sujo, mas em pé na cozinha de Missy com Reagan ao lado dele enquanto esperavam juntos que a água fervesse, ele não se importava. Não quando ele estava com seu filho. Ele nunca iria se sentir culpado de passar tempo com o menino. Especialmente depois de sete anos terem sido tirados dele.

Ele tentou não pensar sobre isso enquanto a criança estava em torno, uma vez que ele sabia que não era o melhor em esconder suas emoções. Pelo menos, não quando se tratava de raiva.

— Então, em seguida vamos precisar... — Ele olhou para o pequeno ajudante, que correu para o livro de receitas e franziu a testa ao ler a receita.

— Alho, — ele quase gritou. — Então queijo. Nós derretemos a manteiga em fogo médio. — Reagan olhou para ele.

— Conferido. — Ele agitou a manteiga derretida.

— Em seguida, adicione o leite e deixe ferver por cinco minutos.

— Duplamente conferido. — Ele acenou com a cabeça, pedindo a criança para continuar.

— Em seguida, adicione o alho e queijo e misture rapidamente.

Ele correu de volta para o fogão com o batedor em suas mãos.

— Que tal eu adicionar o queijo e você adicionar o alho? — Ele levantou as duas taças com o montante em cada um deles.

— Ok, mas eu posso mexer. Certo?

Roman sorriu. — Se você acha que pode fazê-lo rápido o suficiente, sem derramar.

— Claro que posso. — Reagan sorriu para ele. — Eu sou um mestre cozinheiro.

Roman riu e concordou. — Ok, que tal nós irmos na contagem de três.

Ele gostava de assistir a cabeça escura de Reagan inclinar sobre a panela enquanto mexia tão rápido quanto os bracinhos podiam.

Ele passou a maior parte de sua vida adulta ajudando os meninos da idade de Reagan a saírem de suas conchas. A única diferença era que Reagan não tinha sido abandonado e abusado, como ele foi quando criança. Assim como muitas das crianças que vieram a Spring Haven Home, um negócio em que ele colocou todo o seu dinheiro e coração para fazer crescer.

Quantas noites ele tinha ficado acordado quando pequeno, desejando que tivesse um lugar como esse para correr? Não foi até que quase morreu para que ele finalmente escapasse dos horrores e chegasse à casa dos Graytons. Então, tudo tinha mudado.

— É hora de adicionar a salsa e macarrão?

— Hmm, — ele disse, olhando para baixo. — Talvez devêssemos fazer um pequeno teste de gosto primeiro?

Reagan levantou uma colher e sorriu. Quando o fez, Roman notou pela primeira vez que um dos dentes do garoto estava faltando. Rindo, ele se abaixou. — Não tenho certeza. Com esse dente faltando, talvez eu devesse provar também.

Reagan sorriu. — Eu tenho outro que está solto também. — Ele colocou o dedo na boca e mexeu o dente oposto.

— Legal. — Sorriu Roman. — Ok, testes de sabor em um, dois e...

— Três! — Reagan gritou quando ele mergulhou a colher no molho cremoso.

Eles acrescentaram o macarrão ao molho, embora a maioria do macarrão acabasse na bancada, em vez da panela. Quando ele ajudou Reagan a servir o jantar, ele pensou ter visto tristeza cruzar os olhos de Missy.

Ela tinha arrumado a mesa com pratos coloridos incompatíveis e tinha se servido de um copo de vinho tinto, que estava quase no fim quando ela começou a comer.

Ele estava grato que ela tinha tido uma caixa de cerveja na garagem. Ele tinha aberto uma quando terminou com as últimas mordidas.

— Então, Reagan me disse que foi ideia dele de ir para a aula de leitura de verão, — disse Roman, piscando para o garoto. — E que a classe está planejando uma viagem de três noites para a Disney em uma semana.

Os olhos de Missy se estreitaram quando ela olhou para o filho. — Eu já disse a Reagan que nós simplesmente não temos o dinheiro para mandá-lo este ano.

Roman sorriu. — Bem, isso é onde Reagan e eu elaboramos um cronograma.

Seus olhos se voltaram para ele e ficaram ainda mais estreitos. — Um cronograma?

Ele assentiu, sem encontrar seus olhos. — Certo. Reagan pensa que ele é responsável o suficiente para ter um emprego de verão. Você sabe, em vez de sentar na sala de trás da loja, depois da escola, ele poderia ajudar por aqui. Talvez ajudar a abastecer as prateleiras, colocar preço nos produtos, limpar vazamentos. — Ele inclinou a cabeça e olhou para Reagan, que parecia que ele estava segurando a respiração.

— Roman. — Missy estendeu a mão e pegou a mão de Reagan. — Reagan e eu já discutimos...

— Bem, claro que vocês discutiram. Mas isso foi antes de eu vir ao redor. Você vê, eu estaria disposto a ajudar com algum dinheiro. Sabe, talvez tirar um pouco do meu pagamento, uma vez que ele estaria me ajudando um pouco.

— Como ele estaria ajudando você? — Ela perguntou, bebendo o último gole do seu vinho.

— Bem, para começar, ele estaria indo comigo algumas vezes durante a semana na balsa. Sabe, me fazendo companhia. Correndo e pegando-me um

refrigerante ou me ajudando a falar no rádio para os clientes. — Ele piscou para o garoto. — Reagan é natural quando tem que falar sobre a área. Ele até tinha contado uma história sobre piratas que haviam afundaram o navio na baía para evitar serem capturados. Todo mundo na balsa tinha rido ao ouviu.

— Por que você está fazendo isso? — Missy se inclinou um pouco mais perto e sussurrou.

— Porque o garoto merece ir para a Disney com a sua classe. — Ele deu de ombros.

— Por favor, mamãe? — Reagan implorou.

— Querido, por que você não corre e toma seu banho e se prepara para a cama, enquanto Roman e eu temos uma conversa?

Reagan revirou os olhos, mas antes de sair da mesa, pegou seus pratos sujos e levou-os lentamente para a pia. — Você não vai sair até eu voltar, vai? — Perguntou Reagan.

— Não. Você não pode se livrar de mim tão fácil, garoto. — Ele mexeu no cabelo do garoto e sorriu enquanto Reagan correu para o corredor.

Depois de levar os seus pratos para a pia, Roman lavou-os e os pôs na máquina de lavar. Então ele se virou e percebeu que Missy tinha se encostado a área do bar, observando-o.

— Por que você está tão determinado que ele vá nesta viagem? — Ela perguntou, tomando um gole de uma nova taça de vinho.

Ele deu de ombros novamente. — Talvez porque daria a sua mãe e seu pai alguns dias para discutir algumas coisas. Além disso, o garoto estava super animado quando ele me contou sobre isso. — Ele limpou as mãos e foi até ela. — Se é uma questão de dinheiro, não se preocupe, eu vou cobrir o custo.

Ela balançou a cabeça. — Não, não era sobre o dinheiro.

— Então, por que você não quer que ele vá?

Ela piscou e desviou o olhar. — Tenho meus motivos.

Ele suspirou e colocou as mãos em seus ombros levemente. Quando ele sentiu o salto, ele não conseguiu afastar o sorriso. Ela sempre esteve um pouco fora de guarda em torno dele.

— Missy, deixe a criança ir. Ele me disse que quatro professores irão, incluindo o seu diretor. Ele vai estar em boas mãos.

Ela assentiu com a cabeça. — Sim, eu suponho. Vou pensar sobre isso.

Ele riu. — Não pense por muito tempo. Ele diz que os formulários são até amanhã.

Ela fechou os olhos e suspirou. — Certo.

— Além disso, Orlando é apenas algumas horas daqui. Se alguma coisa acontecesse, poderíamos estar lá em um segundo. — Ele deu um passo para mais perto, apreciando a sensação de seu corpo macio pressionado contra o seu.

Ela tinha empilhado seu cabelo loiro em um coque no topo da cabeça. Várias mechas tinham caído em volta do rosto, fazendo-o querer tocá-las e escová-las para longe de seus olhos. Sua pele realmente brilhava sob a luz suave.

— Missy...

— Eu estou pronto! — Reagan veio correndo do quarto, com um grande livro em suas mãos. — Roman pode ler um livro para mim?

Ele nunca se moveu tão rápido quando fez, e saltou longe de Missy. Instantaneamente, ele se arrependeu e tentou esconder da criança o que seu corpo suave tinha feito no dele.

Missy riu. — Claro, por que não vai instalar-se e eu tenho certeza que ele vai estar lá em poucos minutos. — Ela se moveu na frente dele.

Missy estava no corredor e escutou Roman ler para Reagan. Ela terminou sua segunda taça de vinho e sentiu sua cabeça girar um pouco. Ela normalmente não bebia tanto, mas esta noite, ela duvidava que poderia ter lidado em ficar tão perto de Roman sem isso.

Ele tinha despertado uma série de emoções nela, bem como fez com que seu corpo reagisse ao dele. Sorrindo, ela inclinou a cabeça contra a parede e se lembrou de como seu corpo tinha respondido a ela.

A riqueza suave de sua voz atraiu-a ainda mais. Ela sempre amou o som dela, do jeito que tinha feito seu interior vibrar.

Quando ouviu a voz dele parar, ela abriu os olhos e viu como ele se esgueirara para fora da porta do quarto de seu filho. Ele a notou, se aproximou e parou bem na frente dela.

— Ele sempre dorme rapidamente? — Ele perguntou suavemente.

Ela sorriu e acenou com a cabeça. — Ele me lembra muito de Cole nesse departamento.

Roman riu. — Sabe, ele ainda dorme assim. — Ele balançou a cabeça e pegou sua mão e, em seguida, puxou-a até que ela o seguiu pelo corredor para a área de estar. — Falando de família...

Ela suspirou e sentiu o retorno da tensão em seus ombros. — Roman... — Ela sentou-se no sofá e o assistiu segui-la. — Eu não posso voltar para casa.

— Bem, pelo menos você ainda pensa nisso como casa, — ele disse secamente.

— Eu amo a nossa família. — Ela virou-se, desejando que pudesse explicar tudo.

— Então, por que você está aqui? Por que não os ver? Deixa-os saber que você está viva. — Seus olhos escuros pediram, então ela evitou encontrá-los ao olhar para a taça vazia.

Ele pegou a taça e colocou-a sobre a mesa de café na frente deles. — Missy. — Suas mãos tomaram as dela. — Sentimos saudades de você. Cassey passou os dois primeiros anos depois que você saiu procurando por você. Ela dirigia ao redor e verificava as hospedarias todo fim de semana, esperando que ela fosse encontrá-la em uma delas.

Ela riu. — Eu tinha esquecido.

— O quê? Que você sonhou em comprar uma casa antiga, em Spring Haven, fixando-se e vivendo felizes para sempre?

Ela revirou os olhos. — Tudo parece tão infantil agora.

Seus dedos foram sob o seu queixo, movendo-o até que ela olhou profundamente em seus olhos de chocolate.

— Nós *éramos* crianças. — Saiu como um sussurro. De alguma forma, ele se aproximou dela, então o seu fôlego misturou com o dela. Seu cheiro almiscarado era inebriante. Mais do que as duas taças de vinho que ela já teve.

Algo começou a se formar profundamente dentro de seu peito, rolando para baixo até que descansou no ponto macio entre suas coxas. Ela não podia se impedir de desejá-lo. Ela nunca tinha sido capaz de fazer.

Seu joelho roçou contra o dela, enviando uma onda de desejo através de seu sistema. Por que seu corpo sempre reagia a ele assim?

— No entanto, olhe para onde você está. O que você tem. Não é isso que você sonhou todos esses anos? — Ele sussurrou.

Imagens passaram pela sua mente. Memórias de seus sonhos. Quase todos os sonhos tinham incluído Roman. De onde ele estava agora, inclinando-se para ela, seus corpos quase se tocando, os lábios pairando sobre os dela enquanto seus braços a puxavam para mais perto. Não era isto parte desse sonho também?

Seus olhos estavam fixos com os dele quando ela balançou a cabeça levemente. — Eu... — Antes que ela pudesse responder, seus lábios tomaram os dela em um beijo que era suave e ao mesmo tempo tão poderoso que ela sentiu como se seu sistema tivesse sido sacudido e acordado depois de anos de hibernação.

Ele puxou sua camisa, puxando-a para cima e sobre a cabeça. Então sua boca se moveu mais abaixo, e ela se ouviu gemer enquanto seus lábios se arrastaram sobre o pico de seus seios. Mesmo com o sutiã fino, ela sentiu a umidade de sua boca, o calor de sua língua enquanto ele lambia sua pele, fazendo-a atingir o pico por ele.

Quando os braços a puxaram para mais perto, ela sentiu-se caindo para trás no sofá. Seu corpo pairou sobre o dela quando ele tornou o beijo mais profundo. Seus ombros empurrando para a suavidade quando a dureza dele se moveu contra seu peito.

Ela não podia se impedir de correr as unhas em seus braços até os ombros. Quando ele raspou os dentes contra sua mandíbula, ela sentiu o pulso pelo corpo inteiro.

Ela o queria. Aqui. Agora. Mesmo depois de todos esses anos. Ela pode ter se escondido da verdade, mas não havia mais como negar. Ela sempre iria querê-lo.



Roman não conseguia fazer as mãos pararem de tremer. Não quando elas estavam correndo sobre a pele mais perfeita que já tinha tido o prazer de tocar.

Foi difícil lembrar que havia uma criança no quarto ao lado. Seu filho. Toda vez que essas palavras passavam por sua cabeça, sentia a raiva começar a ferver. Então, em vez disso, ele se concentrou em Missy. Ele pode não ser capaz de se deixar completamente solto com a criança dormindo tão perto, mas havia coisas que ele podia fazer para dar o troco por todos esses anos que ela havia lhe roubado.

Os shorts dela eram soltos, e quando ele puxou um pouco, ele não conseguiu esconder um sorriso quando deslizou por suas pernas com facilidade. Ela olhou para ele com olhos grandes quando ela mordeu o lábio inferior.

— Roman...

— Shhh. — Ele cobriu a boca com um dedo. — Está tudo bem, deixe-me aproveitar. — Seus olhos se moveram sobre ela, lentamente, fazendo-a se contorcer sob o seu olhar intenso. Suas mãos caíram para os lados quando ele se sentou de joelhos entre as pernas expostas. A pequena tira de algodão amarela cobrindo o sexo não era páreo quando ele usou um dedo para afastá-la de lado.

Ele observou quando os dedos dela cavaram no sofá enquanto seus ombros afundavam na almofada. Ele queria ouvi-la gritar seu nome, mas sabia que era para a próxima vez, quando estivessem sozinhos.

Seus olhos ardiam nela quando ele olhou para seu corpo perfeito. Apenas o sutiã fino estava no caminho de vê-la toda. Em alguns movimentos bem praticados, ele tinha essa barreira removida.

Uma deusa estava diante dele. Seu cabelo loiro curto apoiado em volta do rosto. Seus lábios estavam rosa escuro da boca dele enquanto seus olhos olhavam para ele com pura luxúria.

Ele queria tomá-la. Forte. Rápido. Para sempre. Em vez disso, ele passou um dedo pelo seu corpo lentamente. Tocando cada parte dela até que seus olhos fecharam enquanto ele escorregou primeiro um dedo, depois outro em seu calor. Ela estava molhada. Esperando por ele. Dando-lhe boas-vindas.

Ele sentiu seu pau saltar de desejo, mas se conteve. Isto não era sobre ele esta noite. Isto era sobre ela. Sobre lhe mostrar tudo o que ela tinha perdido. Sobre lhe mostrar por quanto tempo ela escondeu tudo dele. Ele iria desfrutar de torturá-la. Mantendo-a longe de seu objetivo. Mesmo agora, seus quadris se moveram contra os dele, querendo, implorando.

Ele observou até que as bochechas dela aqueceram depois se afastou. Então, ele correu a boca do seu peito para sua pélvis, parando no mergulho entre as coxas ao colo e desfrutando de seu gosto. Ele passou a boca sobre a sua pele macia quando os dedos dela cavaram em seu cabelo, puxando, segurando-o quando dizia a ele, silenciosamente, o que ela queria.

Mais uma vez, ele permitiu que ela começasse a formar o orgasmo, mas não a tê-lo quando ele se afastava. Os olhos dela ardiam nos dele e um pequeno vinco formou entre as sobrancelhas.

— Roman, — ela gemeu, — Eu quero...

— Eu sei o que você quer. — Sua voz era baixa, quase como um rosnado. Ele balançou a cabeça, não confiando em si mesmo. O fato era que ele queria isso também. Ele queria vê-la explodir pelo seu toque. Queria ver seus olhos ficando suaves, o corpo tenso quando ela gozasse para ele.

Espalhando suas pernas mais amplamente, ele correu um dedo sobre sua pele macia de novo e a ouviu suspirar. Droga, ela estava fazendo isso quase impossível.

Cada vez que Roman a deixava a beira do orgasmo, ele se afastava, fazendo-a tornar-se tão frustrada sexualmente, que ela quase não se conteve. Se ele não lhe desse um alívio em breve, ela só poderia ter que tomar o que ela precisava ela mesma.

Esticando, ela puxou a camisa dele, até que finalmente ele se inclinou para trás e puxou-a sobre a sua cabeça, jogando-a ao chão. Quando ela se sentou e passou as mãos sobre o peito dele, os olhos dele fecharam com prazer.

Eles tinham sido crianças da última vez que ficaram juntos. Tão ingênuos a ponto de terem criado uma vida. Desta vez, ela planejava tomar o seu tempo ao explorar, mas ele tinha a levado a beira do orgasmo muito rápido. Tudo o que podia pensar agora era em sua própria libertação.

Quando ela se moveu para passar a boca sobre o peito dele, ela ouviu sua respiração engatar e ela sorriu. Ela se perguntou se ele estava tão envolvido quanto ela estava. Agora ela sabia. Quando a boca dela arrastou em seus mamilos planos, os dedos dela moveram mais para baixo para o topo da sua bermuda.

Quando ela o segurou através de seus shorts e sentiu a dureza dele, ela sabia que ele estava definitivamente tão excitado como ela. Talvez ainda mais.

Quando ela deslizou a mão sob sua cueca, ele se afastou e franziu o cenho para ela.

— Missy, — disse ele, balançando a cabeça. Então seus olhos se lançaram para o corredor e ela soube imediatamente o que ele temia.

— Roman, podemos ir para o meu quarto, — ouviu-se dizer com ousadia. Ela o queria muito, para pensar neste momento.

Ele fechou os olhos e sacudiu a cabeça. — Não, a menos que você tenha proteção. — Era quase um rosnado.

Ela pensou sobre isso e franziu a testa. Ela não tinha estado com ninguém desde que... — Não, — ela sussurrou. — Acabou, — ela disse sarcasticamente.

Ele assentiu. — Então, não esta noite, — disse ele, pegando-a rapidamente. — Nós vamos ter que nos controlar. — Ele a beijou e começou a caminhar de volta para o seu quarto. Ela enterrou o rosto em seu ombro quando ele andou calmamente pelo quarto de Reagan.

Não foi até que ela ouviu a porta bater e a fechadura ser trancada, que ela abriu os olhos novamente. Ele estava olhando para ela, sorrindo enquanto deitou-a gentilmente em sua cama. — Eu gosto do seu espaço. — Ele olhou ao redor e então seus olhos se acomodaram sobre ela.

Ele moveu-se para ela, e ela estava grata quando suas mãos começaram a se mover sobre ela novamente.

— Você é tão bonita, — disse ele ao lado de sua pele. Seus lábios foram rapidamente aquecendo-a de novo. Ela tinha mudado muito desde a última vez que ficaram juntos. Reagan não tinha sido uma criança pequena, por qualquer meio e seu corpo tinha acomodado o bebê de quase quatro quilos facilmente, mas tinha levado um tempo para obter o seu corpo de volta. Mesmo agora, os quadris ainda tinham que diminuir ao seu tamanho normal.

Ele continuou a falar com ela suavemente, dizendo-lhe como ela era bonita, quão macia, toda a vez que ele a tocava e beijava, fazendo pequenos arrepios subir em todos os lugares.

Suas mãos percorriam por ele, sentindo cada músculo, apreciando sentir cada batida de seu pulso contra sua pele. Quando ela se sentiu quase lá mais uma vez, ela cravou os calcanhares no colchão e esperou, mas foi mais uma vez decepcionada quando ele se afastou.

— Roman, — ela implorou, tentando mantê-lo perto dela envolvendo as pernas em torno de seus quadris e segurando-o para ela.

Ele riu. — Calma. — Ele a beijou no pescoço, logo abaixo do queixo. — Eu estou me divertindo demais para correr.

— Não é correr, — ela quase rosnou. — É uma tortura.

Ele se afastou e sorriu para ela. — Talvez você mereça um pouco de tortura. Especialmente depois do que você me fez passar.

Olhando profundamente em seus olhos, ela se sentia culpada mais uma vez. Uma explicação estava em seus lábios, mas então, ele balançou a cabeça e franziu a testa.

— Não, não esta noite. — Ele estendeu a mão e segurou seu rosto com as mãos delicadamente. Suas ásperas, mãos calejadas contra sua pele macia aquecia-a ainda mais. — Isso é para mais tarde.

— Então... por que você está me torturando?

Seu sorriso era rápido. — Talvez eu goste de assistir você se contorcer.

Ela olhou em seus olhos e podia ver a tristeza lá, mas ela também podia ver o desejo. Decidindo que dois podem jogar este jogo, ela rapidamente rolou e não parou até que ele estava embaixo dela. Prendendo seus braços para baixo aos seus lados, ela o montou. O fato de que ela estava completamente nua agora, enquanto ele ainda tinha seus shorts, causou-lhe algum desconforto. Então, curvando-se, ela puxou até que finalmente ele estava nu como ela estava.

Os olhos dela se moveram lentamente ao longo de todo o seu corpo. Ele tinha sido um menino na última vez, e ela tinha sido tão tímida que não tinha desfrutado de olhar. Agora, porém, ela deixou seus olhos verem tudo. Cada centímetro glorioso dele disse-lhe que ele era um homem em vez do menino pelo qual ela tinha se apaixonado tantos anos atrás.

Ela sentiu a dúvida se instalando, então antes que ela pudesse voltar atrás, ela se inclinou e passou os dedos e a boca sobre ele.

Os dedos dele cavaram em sua colcha de algodão quando seus quadris sacudiram quando ela o levou plenamente em sua boca.

— Missy, meu Deus, — ele gemeu, suas mãos indo até seu cabelo. Ela adorava o gosto dele, a pele macia sobre o aço. Ela tomou seu tempo, agradando-o quando ela sentia cada centímetro dele.

Quando seus quadris começaram a se mover, ela inclinou-se para trás e olhou para ele com um sorriso.

— Não se sente bem, não é? — Ela perguntou, passando as mãos sobre as coxas dele.

Como uma resposta, ele virou-a até que ela estava debaixo dele novamente. Desta vez, os dedos mergulharam dentro dela, e ela sabia que ele não iria parar.

Ele não conseguiria parar se quisesse. Não depois que ela tinha o torturado até a beira, até que ele sabia o que era precisar muito. Seus dedos tomaram o que ele queria, deu a ela o que ela precisava, até que ela estava abaixo dele, relaxada e satisfeita.

Em seguida, deitou-se ao lado dela e tentou controlar sua própria respiração enquanto sua mente percorria pelos acontecimentos das últimas quarenta e oito horas. Os dedos dela continuaram circulando seu peito até que, finalmente, ela se moveu sobre ele.

Ela sorriu para ele e ele ficou tenso por um momento antes que seus lábios cobrissem os seus. Ele tinha esquecido quão suave ela era ao longo dos anos. Quão bonita ela tinha sido. Mesmo agora, olhando para ela, ele não queria fechar os olhos no caso dele perder qualquer pequeno detalhe sobre ela. A maneira como seu cabelo caía ao redor do rosto ou como os olhos aqueciam quando ela passou as mãos sobre o peito dele.

Quando ela abaixou mais a cabeça, ele viu quando ela agarrou seu comprimento e começou um movimento lento em torno dele, fazendo com que um gemido escapasse.

— Eu tive a minha vez, — ela quase ronronou. — Agora, é a sua. — Então, ela foi levá-lo para lugares que ele só tinha sonhado desde a primeira vez que ele a tocou tantos anos atrás.

Ele nem sabia que estava perdendo alguma coisa com outras mulheres que tinha visto durante a sua ausência. Todas elas desapareciam em comparação com a forma como ele se sentia quando estava perto dela. A maneira como ela sempre o fazia sentir. Seguro. Como se ele estivesse em casa.

Ele deve ter cochilado por um tempo depois que ela se aconchegou ao lado dele. Quando ele abriu os olhos, ele podia ver o topo de sua cabeça apoiada em seu peito. Inclinando-se, ele a cobriu com um cobertor e sorriu quando ela se arrastou para mais perto dele.

Ele podia distinguir a luz que vinha através de suas cortinas e sabia que seu tempo a segurando seria limitado. Ele tinha planos para se certificar de que permaneceria exatamente onde estava para o resto de seu tempo lá, ou pelo menos até que ele a convencesse a voltar para casa para uma visita. Depois disso, ele não sabia o que o futuro reservara, mas apenas que, agora que ele tinha encontrado a sua família, não havia nenhuma maneira que ele ia deixá-los ir novamente.

As manhãs são algo em que os sonhos eram feitos. Bem, seus sonhos de qualquer maneira. Ele ajudou Missy com as tarefas mundanas de fazer com que um garoto de quase oito anos de idade estivesse pronto para um dia na escola.

Ele até mesmo cozinhou ovos e torradas, enquanto ela estava no banheiro, se vestindo. Ele achou incrivelmente sexy que mesmo depois de ontem à noite, ela ainda corou ao redor dele quando ele a viu entrar no banheiro nua. Claro, ele teve que gastar alguns minutos pensando em outra coisa antes de ele finalmente sair do quarto.

Com a ajuda de Reagan, ele convenceu Missy a preencher os formulários e escrever um cheque para a viagem de Reagan para Orlando. Ele teve que admitir, ele e o garoto tinham sido uma grande equipe em relação a convencê-la.

Ele sabia que precisava agir cautelosamente ao contar ao garoto que ele era seu pai. Como é que alguém traz esse assunto à tona?

No momento em que eles dirigiam o carro dela para a escola, ele tinha tomado a decisão de dizer ao garoto mais tarde naquela noite com sorvete. Mas depois de assistir Missy dar um beijo de adeus ao menino, ele começou a ter suas dúvidas.

— Não, — ela disse sem olhar para ele enquanto acenava para Reagan. O garoto virou-se para a porta e olhou para trás, uma leve careta em seus lábios, até que ele finalmente sorriu e acenou de volta.

— O quê? — Perguntou Roman, voltando-se para ela. — Perguntei se posso dirigir o carro?

Ela riu, mas balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Roman, mesmo depois de todos esses anos, posso dizer que estava imerso em pensamentos.

Ele deu de ombros. — Apenas o que você acha que eu estou pensando profundamente?

— Reagan. — Ela cruzou os braços sobre o peito e fez uma careta para ele. — Dizendo-lhe sobre você.

Ele franziu a testa. — Ele tem o direito de saber.

— Eu não estou questionando isso. — Ela deu a volta e ficou atrás do volante. — Eu só acho que devemos levar lentamente.

— Lentamente? — Ele quase rosnou a palavra. — Oito anos não é lento o suficiente? — Ele perguntou, impedindo-se de bater à porta do carro.

Ela se virou e olhou para ele quando saiu do estacionamento.

— Eu tive minhas razões, — disse ela, sem olhar em sua direção.

— E? Quando vou ser convidado a ouvir as suas explicações?

Ela suspirou e revirou os ombros. — Quando eu estiver pronta. — Ela olhou para ele depois de dizer isso.

— E quanto a mim? Não tenho uma palavra a dizer nisto? Afinal, você é a pessoa que me afastou dele por oito anos.

— Roman. — Ela parou no estacionamento da loja. — Apenas me dê um pouco mais de tempo.

Ele estava fervendo por dentro, mas o olhar em seus olhos o convenceu a dar-lhe o tempo que ela precisava. Soltando a respiração que estava segurando, ele acenou com a cabeça ligeiramente.

— Marv queria vê-lo por mais um dia antes de entregar a balsa para você. — Ela acenou para onde Marv estava na doca, esperando por ele.

— Eu vou te ver mais tarde? — Perguntou.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu estava pensando em ir para a ilha para o almoço, se você se juntar a mim.

Ele sorriu e então rapidamente puxou-a sobre o banco e cobriu a boca com a dele.

— Estou pensando em ficar no seu lugar, sabe. E hoje à noite, não teremos que nos segurar, — ele sussurrou ao lado de sua orelha. Ele pensou que a sentiu tremer e esperava que fosse com antecipação.



As palavras de Roman repetiram em sua cabeça o resto da manhã. — *Hoje à noite, nós não teremos que nos segurar.*

Apenas o pensamento de que ele tinha se segurado na última noite enviou calor se espalhando por todo seu corpo. Ela tinha estado tão distraída enquanto sonhava com a noite passada que tinha começado a estocar o suco de laranja no corredor central, em vez de nos frigoríficos. Ela tinha parado antes que alguém tivesse notado e tinha rapidamente reabastecido o frigorífico, enquanto corava.

Mas quanto mais pensava nisso, mais suas palavras assumiram um significado diferente para ela. Ela era a única ainda se segurando dele. Ele tinha entrado em uma situação complicada e tinha cegamente acreditado em tudo sem obter qualquer resposta. Antes que ela fizesse alguma coisa, ela percebeu que tinha que lhe dizer tudo.

Ela puxou meio frango grelhado do forno e preencheu seu pequeno refrigerador com queijo, bolachas e refrigerantes. Em seguida, ela foi esperar no final da doca a volta da balsa.

Marv tinha lhe assegurado que ele tomaria a maioria dos dias pelo resto do mês, mas havia pelo menos um punhado de que Roman teria de preencher. John e

Bob tinham estado animados para preencher a vaga em tempo integral até que Jenny conseguisse contratar mais dois substitutos.

Ela sabia que tinha chegado o momento de terminar de contar a sua história a Roman. Na verdade, era por isso que ela tinha marcado o encontro no horário do almoço. Ela continuava dizendo a si mesma para não recuar, mas parte dela ainda queria correr e se esconder. Nada era mais importante para ela do que a segurança de seu filho e Roman encontrá-la tinha sido a maior violação possível.

Quando a balsa parou, ela achou difícil sorrir e acenar para Roman enquanto ele estava na ponte após o acoplamento. Ela esperou até que todos já tivessem ido embora antes de subir a bordo. Havia apenas dois carros que dirigiam de volta para a ilha durante a viagem de almoço, que nesta época do ano era lento. Mas ela sabia que as coisas iriam acelerar durante o fim de semana com o feriado.

— Hey. — Roman sorriu para ela e puxou-a mais perto para um beijo leve. Missy observou as sobrancelhas espessas de Marv saltarem para cima.

— Eu tenho o nosso almoço. — Ela acenou para o refrigerador. — Arrumei uma fatia de cheesecake de Jenny para você, Marv, — disse ela, na esperança de desencorajar o seu empregado de contar a todos sobre o beijo.

Ela sorriu quando as sobrancelhas baixaram.

— Parece que pode ter alguma chuva mais tarde esta noite, — disse Marv, pegando o recipiente com a grande fatia de bolo da mão dela.

Ela balançou a cabeça e voltou-se para Roman. — Importa-se de ir para o convés e apanhar ar fresco comigo?

Ele sorriu. — Contanto que você me prometa que trouxe algum desse cheesecake para nós.

Ela riu e concordou.

— Então, mostre o caminho. — Ele acenou com a mão para a abertura e segurou a porta para ela.

Quando ela saiu no convés, a brisa quente bateu nela. Marv estava certo; ela quase podia sentir o cheiro da chuva no ar. Ao cair da noite, tudo estaria molhado.

Quando Roman parou ao seu lado, ele tomou seus ombros em suas mãos e virou-a até que ela olhou para ele. — Parece que você tem algo muito pesado em sua

mente. — Seus dedos brincavam com as pontas dos cabelos dela. Ela não queria nada mais do que simplesmente ser abraçada por ele pelo resto do dia. Em vez disso, ela balançou a cabeça ligeiramente.

— Eu acho que é hora de te contar tudo. — Seus olhos se encontraram e ela podia ver algum alívio neles.

— Aqui? — Ele esperou.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, o que enviou seu cabelo em seus olhos até que ela olhou para seu peito. — Durante o almoço, — ela sussurrou.

Ele a puxou para mais perto e ela facilmente descansou a cabeça em seu peito. — Obrigado. — Sua voz retumbou em seu ouvido.

Ela se afastou um pouco. — Não me agradeça. — Ela sentiu seu estômago quase rolar. — Eu não mereço seus agradecimentos. — Sua cabeça estava girando apenas com o pensamento no que ele estava se metendo por estar com ela.

Ele balançou a cabeça lentamente. — Ok. — Ele arrastou a palavra para fora e ela suspirou profundamente.

— Eu sinto muito. — Ela fechou os olhos e sentiu a cabeça doendo. — Vamos guardar a conversa para depois do almoço.

Ele balançou a cabeça novamente, em seguida, puxou-a de volta em seus braços e beijou sua testa. — Seja o que for, podemos resolver isso, juntos.

Ela fechou os olhos pela dor, sabendo que isso nunca seria possível.

Roman gostava de pensar que ele era um homem paciente. Afinal, ele tinha levado mais de oito anos para rastrear Missy. Mas quando ele se sentou na mesa de piquenique com vista para a praia com a areia parecida com açúcar, ele sentiu sua paciência finalmente desgastar.

Missy cortou o frango e cutucou-o com um garfo de plástico em vez de pegá-lo e comê-lo como ele tinha feito. Parecia como se ela estivesse adiando a conversa enquanto podia.

Ele terminou seu prato de forma rápida e observou-a puxar uma vasilha com o cheesecake acondicionado dentro. Depois de lhe cortar um grande pedaço, colocou seu garfo para baixo e empurrou o prato quase cheio de lado. Ele tinha tomado apenas algumas mordidas de seu bolo, quando os olhos dela se moveram até os dele. Abaixando o garfo, ele esperou.

— Eu encontrei o meu... bem, tecnicamente, ele é meu avô por parte de mãe.

— O quê? — Perguntou.

Ela repetiu a declaração então ele sacudiu a cabeça. — Eu não entendo.

Ela se levantou e caminhou em direção da praia, segurando-se firmemente. Ele seguiu logo atrás dela, querendo tocá-la, mas decidiu contra. Quando ela se sentou na areia, ele sentou-se ao lado dela, seus joelhos tocando ligeiramente.

— Pouco antes de Reagan nascer, eu estava com medo e fugindo. Eu tinha acabado de escapar do culto...

— Você teve que fugir do culto? — Ele franziu a testa, voltando-se para ela.

— Eles me sequestraram. — Sua voz era baixa, fazendo-a inclinar-se mais de perto. — Depois que minha mãe me visitou. — Ela olhou para ele.

— Eu me lembro, ela veio até a casa e pediu para falar com você.

Ela assentiu com a cabeça.

— Nós a mandamos embora. — Ele franziu a testa, lembrando da mulher viciada que tinha aparecido. Ela tinha marcas de agulha nos braços e um olhar assustado em seus olhos.

Ela suspirou e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. — Ela me encontrou no dia seguinte, quando eu estava saindo da escola. — Ele sentiu a raiva fervendo por dentro. — Ela tinha deixado o COF – o Conselho de Amigos – alguns anos atrás e tinha ficado envolvida com drogas. — Ela estremeceu. — De qualquer forma, alguém da família tinha a seguido e disse-lhe para me visitar. Ela me disse que eles alegaram que era hora de eu voltar e cumprir minhas obrigações com a família. Então, naquela noite, depois de ver o que eu pensava que era você e Susan Shaffer, deixei Spring Haven. Eu era tão jovem e estúpida que aluguei um apartamento em Tallahassee sob o meu nome de nascimento.

— Marissa Collins? — Ele questionou.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Isso é o que Lilly disse aos Graytons que meu nome era. Para me proteger. — Ela apoiou o queixo em seus braços. — Eu usei alguns nomes até que eu vim para cá. Wright, Collins, mas o meu nome de nascimento era Marissa Smith. Eu sou um dos Smith dos dezesseis nascidos no culto de Kevin Smith.

— Kevin Smith é o seu pai?

Ela encolheu os ombros. — Pelo menos ele parece pensar assim. É difícil saber quem pertence a quem, em um culto polígamo. No Conselho de Amigos, cada criança leva o nome do líder. — Ela olhou para suas mãos. — E cada líder leva o sobrenome de Smith. O Complexo é apenas fora de Tallahassee.

— Eu pensei que esses cultos fossem apenas em Utah? — Ele franziu a testa.

Ela encolheu os ombros e olhou de volta para ele. — Vários grupos maiores acabaram algumas décadas atrás. Alguns se estabeleceram no Colorado, e outros ainda mais longe. O COF se moveu para perto da fronteira da Flórida. É onde eu nasci e cresci até Lilly me ajudar a fugir no dia do meu casamento e me trouxe para os Graytons.

— Por que eles iriam sequestrar você? — Ele estendeu a mão e pegou a mão dela na sua.

Ela olhou para as mãos unidas e encolheu seu ombro. — Eles não me queriam. Meu pai... — pela o tom de sua voz, ele poderia dizer que ela odiava usar esse termo — afirmou que ele tinha recebido uma mensagem de Deus, de que eu estava grávida. Eu tinha acabado de descobrir menos do que uma semana antes. Ele afirmou que seu primeiro neto viria a se tornar o próximo profeta. — Roman resmungou e ela se virou para ele. — Depois que escapei, eu estava praticamente vivendo na rua. Eu tinha algum dinheiro... — Ela balançou a cabeça. — Eu tinha roubado do COF quando escapei. Mas não foi o suficiente. Pouco antes de Reagan nascer, um homem mais velho veio para a clínica que eu tinha visitado e me encontrou. Ele afirmava ser o pai da minha mãe. Ele estava observando o Complexo por anos, esperando que sua filha fosse mudar de ideia. Ela tinha tolamente se juntado ao culto para tentar limpar sua vida. Ela estava pesadamente em drogas em sua juventude. — Ela suspirou e se abraçou. — Ele me trouxe para Carrabelle, onde

ele tinha vivido por alguns anos. Ele tinha comprado Dog's Landing. Ele disse a todos que tinha me contratado e nós mudamos meu nome mais uma vez.

— Como você sabe que está segura aqui? — Ele olhou em direção ao continente. Pensamentos para proteger Reagan inundaram sua mente.

Uma risada escapou dela. — Eu não sei. Mas Doug, meu avô, fez tudo em seu poder antes que ele morresse alguns anos atrás para se certificar de que não iriam nos encontrar novamente.

Ele balançou a cabeça, querendo saber mais, mas ele tinha muitas outras perguntas que precisavam ser respondidas em primeiro lugar. — Por que você não entrou em contato comigo? Nós teríamos...

Ela o deteve, colocando a mão em seu braço. — Porque eles sabiam sobre você. Sobre os Graytons. Lembra? Quando eles me sequestraram, alegaram que se eu corresse... — Ela soltou uma respiração lenta como ela balançou a cabeça. — Eles não iriam parar até que eles tivessem Reagan. — Ela se inclinou mais perto. — Roman, estas são algumas pessoas assustadoras. Eles têm dinheiro. Muito dinheiro, armas e poder. Mais do que a maioria dos senhores de droga no México.

— Se eles sabiam sobre nós, por que não vieram atrás depois de todos esses anos?

— Eles não me querem. Eu sou uma apóstata. Eu abandonei a minha igreja, meus líderes. Não importa quão jovem eu era quando saí, eu pertenci a Satanás no momento em que pus os pés para fora do Complexo.

— Então por que o nosso filho? — Perguntou ele, balançando a cabeça.

— Foi determinado no meu segundo aniversário que meu primeiro filho seria um filho e subiria um dia para se tornar seu líder e orientar COF para a terra prometida. Tudo o que eles são, tudo o que eles têm trabalhado ao longo das últimas décadas repousa sobre os ombros de nosso filho. Ou assim eles acreditam.

— Eu... — Ele balançou a cabeça, sem saber o que dizer. A única coisa que ele sabia com certeza era que não havia nenhuma maneira no inferno que o COF estivesse colocando suas mãos sobre Reagan.

Levantando-se, ele espanou a areia de suas mãos, em seguida, estendeu a mão e a ajudou a se levantar.

— Eu prometo a você, eles nunca vão ter a chance de colocar um dedo em nosso filho. — Seus olhos ardiam nos dela até que ela concordou com a cabeça ligeiramente.

Ela acreditou nele com cada grama de seu ser. Ela só esperava que ele nunca tivesse que provar isso.

Enquanto ela observava a terra desaparecer enquanto navegavam de volta ao continente na balsa, Missy estremeceu se lembrando de seu tempo no Complexo quando ela estava grávida de Reagan. Ela não podia imaginar seu filho passando por algo parecido. Ser preso, observado, espancado.

Ela tinha nascido no Complexo e tinha escapado juntamente com a ajuda de Lilly tantos anos atrás. Ela sabia de suas fraquezas e seus fortes. Mas ao longo dos anos, as coisas tinham mudado. Mesmo durante o tempo entre o momento em que ela escapou quando criança e fugiu há oito anos, muito mudou.

Eles tinham adicionado eletricidade como recurso de segurança para que qualquer um que tentasse subir sobre as cercas altas fosse eletrocutado. Ela estremeceu com o pensamento do que eles haviam adicionado na vez que tinha estado lá.

Tinha certeza de que ter escapado duas vezes tinha sido um acaso. Se eles alguma vez encontrassem Reagan, ela temia que não haveria escapatória.

— Roman, eu sei que você quer dizer a Reagan sobre nós, — disse ela, virando-se para ele. — Mas, eu não acho que ele está pronto.

Roman inclinou a cabeça e olhou para ela. — Você está tendo um problema com ele estar pronto ou você estar pronta?

Ela suspirou e se inclinou um pouco mais sobre o parapeito enquanto observava a água abaixo. — Eu suponho que sou eu que não está pronta. — Ela virou-se para longe da vista e se inclinou para trás contra a grade. — Eu tenho sido uma mãe solteira a vida toda. Vai ser um choque ouvir sobre você. Ouvir o meu passado. — Ela fechou os olhos contra o medo.

— Ele parece ser um garoto muito inteligente, — disse Roman, passando a mão sobre os ombros dela. — Algo me diz que ele vai aceitar muito mais fácil do que você pensa.

Ela pensou sobre isso e acenou com a cabeça, tentando controlar os seus medos. — Você quer que eu...

Ele parou balançando a cabeça. — Não, nós precisamos fazer isso juntos. — Ela assentiu com a cabeça e se acomodou facilmente em seus braços. Quando ele se inclinou e beijou-a, ela percebeu que não se importava com quem os visse juntos.



10

No momento em que pegou Reagan, ele falou a Missy para tomar o resto da noite de folga do trabalho. Marv tinha concordado em terminar o resto das corridas para a noite.

Depois de pegar Reagan na escola, Missy havia chocado Roman lançando as chaves do carro.

— Sério? — Suas sobrancelhas se ergueram. Ela tinha sorrido e acenado. Depois de ajudar Reagan a entrar no banco de trás, certificando-se o garoto colocou o cinto de segurança, ele subiu ao volante de seu carro dos sonhos com sua família dos sonhos.

Verificando o espelho retrovisor, ele perguntou: — O que você diria de pizza hoje à noite?

— Yeah! — Reagan saltou para cima e para baixo, bombeando os braços no ar como se ele estivesse em uma montanha russa. Ele parou quando sua mãe se virou e olhou para ele. — Podemos, mamãe? — Seu lábio inferior puxado para fora em um bico.

Ela suspirou, olhando para Roman, em seguida, sorriu e acenou. — Por que não.

Ele queria arrancar para fora do estacionamento, mas com Reagan no banco de trás e Missy sentada ao lado dele, ele saiu numa velocidade normal.

Em vez de ir para a cidade na pizzeria local ao longo da costa, ele pegou uma via a esquerda e foram para Cabo San Blas e Port St. Joe.

Joe Mama's Wood Fired Pizza, um local dirigido por uma mãe e pai, ficava a menos de uma quadra da beira da água e tinha algumas das melhores pizzas ao longo da costa. A viagem tipicamente de uma hora de duração levou ainda mais desde que ele acabou viajando e curtindo a unidade costeira.

Foi engraçado – a maioria de seus anos de adolescência foram gastos sonhando com corridas no mesmo carro que ele dirigia. Mas agora que ele finalmente tinha ficado atrás do volante de um, ele tinha muito respeito pela máquina para ir mais rápido.

— Nós nunca comemos aqui, — disse Reagan quando Roman abriu a porta traseira para ajudá-lo.

— Bem, garoto, às vezes, você só tem que tentar coisas novas. — Seus olhos ardiam em Missy um pouco e ele ficou satisfeito quando viu suas bochechas corarem.

Quando ele abriu a porta, ela olhou ao redor da pequena cidade. — Nós estivemos aqui antes. — Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Meu aniversário de onze anos. — Ele sorriu e acenou com a cabeça. — Tivemos sorvete ali. — Ele franziu a testa quando percebeu que era agora um lugar de *frozen yogurt*.

Ela riu, levando-o a olhar para ela. — Talvez eles tenham de menta com gotas de chocolate para você. — Ela deu um tapinha no braço dele e, em seguida, caminhou até onde Reagan estava esperando por eles.

Ele estava muito satisfeito que ela se lembrasse de seu sabor favorito. Andando juntos, ele tomou-lhe a mão e entrou na pizzeria. Os cheiros lhe bateram em pleno vigor e todos suspiraram e sorriram enquanto eles iam se sentar.

— Uau, olha como eles giram isso, — disse Reagan, apontando para o homem atrás do balcão que estava jogando e girando a massa de pizza ao redor.

Ele riu. — Você nunca viu um show de massa de pizza antes? — Perguntou.

Reagan sacudiu a cabeça. — Eu li sobre eles. — Os olhos do garoto estavam colados ao movimento. — O que acontece se ele derruba?

Roman riu. — Suponho que ele teria que jogar fora essa massa.

Reagan sacudiu a cabeça. — Parece um desperdício.

— Oh? O que você faria?

O garoto deu de ombros. — Assá-la e dá-la para alguns cães famintos.

As sobrancelhas de Roman dispararam. — Boa ideia.

Durante todo o jantar, o garoto continuou a surpreender Roman com a sua forma única de olhar para o comum. No momento em que sua pizza tinha ido embora, ele estava seriamente questionando se ele tinha algum espaço para a sobremesa, mas desde que ele prometeu a si mesmo que diria a Reagan com sorvete, ele atravessou o quarteirão com Missy e Reagan perto dele.

Ele poderia dizer enquanto eles escolhiam os seus sabores que Missy estava ficando nervosa. Seus olhos continuavam correndo em direção à porta como se ela estivesse esperando escapar de alguma forma.

Quando eles voltaram para frente e se sentaram sob o pátio, ele decidiu que iria esperar até Reagan terminar com o iogurte. Mas, realisticamente, ele precisava acalmar seus nervos um pouco antes de deixar escapar tudo para fora.

Por alguma razão, a cena de Star Wars continuava passando mais e mais em sua cabeça. *Reagan, eu sou seu pai.* Apenas, não parecia adequado.

Finalmente, quando todos terminaram, ele respirou fundo e agarrou a mão de Missy na sua.

Missy ficou sentada em silêncio, esperando que a bomba caísse. Ela podia sentir a mão de Roman tremer na dela e quando ele olhou para ela, ela viu o medo em seus olhos. Ela observou-o engolir lentamente.

— Reagan. — Sua voz soava sombria. Ele limpou a garganta e tentou novamente. — Sua mãe e eu temos algo que precisamos discutir com você.

— Eu já sei, — seu filho disse, olhando para as mãos sobre a mesa.

— Sabe..? — Roman piscou algumas vezes e, em seguida, olhou para ela por ajuda.

— O que você sabe, querido? — Ela se inclinou para frente e pegou a mão menor dele na dela.

Os olhos castanhos de Reagan subiram para Roman. — Eu sei que você é meu pai, — ele deixou escapar. — Eu sei que minha mãe me levou para longe de você e me escondeu. — Ele piscou e ela ficou horrorizada ao ver uma lágrima escapar de seus olhos.

— Oh, querido! — Ela correu para perto dele e pegou. — Eu não tive a intenção de levá-lo para longe dele. Roman nunca soube sobre você até ontem. — Ela puxou seu queixo para cima com o dedo até que ele olhou para ela. — Eu juro.

Ele balançou a cabeça e engoliu. — Por quê?

Agora, era a sua vez de chorar. Ela olhou para Roman para obter ajuda. Seus olhos estavam colados ao seu filho. — Sua mãe fez o que ela achava que era melhor no momento. Ela não queria nos manter separados. — Ele se aproximou e pegou Reagan em seu colo como se ele pesasse nada e segurou-o enquanto as lágrimas caíram pelo rosto.

— Você está bem com isso? — Perguntou Roman depois de um tempo.

Reagan acenou com a cabeça e enxugou as lágrimas com sua camisa. — Eu sempre quis ter um pai.

— Como você sabia? — Perguntou Roman depois de um momento.

— Duh! — Reagan revirou os olhos e riu. — Nós somos muito parecidos. Mesmo Sra. Miller sabe.

Roman sorriu e abraçou-o novamente. — Então, você realmente não precisava do sorvete? — Ele brincou, limpando as lágrimas do garoto, em seguida, a sua própria.

O rosto de Reagan ficou um pouco vermelho. — Claro que eu precisava. Eu sou um menino em fase de crescimento.

Missy riu e correu para abraçar o par.

Sua mente girava através de eventos do dia enquanto Roman dirigia lentamente de volta para Carrabelle. A chuva tinha começado depois que tinham voltado para o carro. Roman tinha parado no lado da estrada e colocou o topo.

— Eu verei se consigo obter uma nova janela traseira. — Ele apontou para a folha de plástico que ela tinha prendido acima, desde que ela tinha comprado o carro.

Ela encolheu os ombros. — Eu quase não uso o topo levantado de qualquer maneira.

Ele riu e olhou para ela. — É uma vergonha também. — Então, ele olhou de volta para o banco de trás do carro onde Reagan estava dormindo, com a cabeça descansando em sua mochila. — Ele é incrível.

Ela olhou por cima do ombro e assentiu. — Ele sempre foi.

— Eu sei que não importa muito, mas eu realmente não quero que as pessoas na cidade pensem que eu era um pai que abandona.

Ela franziu a testa, olhando para suas mãos enquanto ela balançava a cabeça. — Eu entendo. — Ela entendia. Afinal, Carrabelle era importante para ela. Quase tão importante como Spring Haven.

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. — Obrigado.

Ela sentiu seu coração palpitar quando ele olhou para ela. Pelo resto do caminho até a casa, ele manteve a mão dela, esfregando o polegar sobre sua pele em círculos lentos. Que só a fez se lembrar de como ele a tocou na noite anterior.

No momento em que entrou em sua garagem, a chuva se transformou em uma pequena monção. Ele estava grato que ela tinha uma cobertura em sua garagem até a porta de trás enquanto ele carregava Reagan para dentro. O menino dormia enquanto Missy tirava os seus sapatos e jeans.

Quando ela colocou o cobertor sobre ele, ele se aconchegou e rolou.

— Ele é um bom dorminhoco, — ela sussurrou enquanto fechava a porta. Quando ela se virou, ele pegou sua mão e caminhou com ela até que se estavam em pé na varanda da frente. Quando ele deixou cair sua mão, ele se aproximou e ficou contra a grade, olhando a chuva cair.

— Suas calhas precisam de limpeza, — disse ele distraidamente.

Ela olhou para cima e percebeu que a chuva estava derramando de vários pontos. — Eu tenho um cara que faz isso uma vez por ano. Eu vou ligar...

— Eu posso fazer isso. — Ele se virou para ela, uma carranca leve nos lábios.

Ela assentiu com a cabeça e colocou os braços em torno de si mesma.

— Antes... — Ele balançou a cabeça e respirou fundo. — Antes de ir mais longe, eu preciso que você saiba que não vou a lugar nenhum. Estou pensando em estar na vida de Reagan daqui em diante.

Ela assentiu com a cabeça novamente e foi até a grade para ficar ao lado dele. — Eu não iria querer isso de nenhuma outra maneira.

Ele se virou para ela e passou a mão pelo seu braço, puxando-a um pouco mais perto.

— Isso significa que ele é parte da nossa família, também.

Seu coração pulou uma batida. — Eu não vou fazer nada que comprometa sua segurança.

Ele assentiu. — Nem a família iria.

Ela balançou a cabeça. — Não, você não entende. Nós nunca poderemos voltar a Spring Haven.

Ele franziu a testa e puxou-a para mais perto. — Vamos encontrar uma maneira.

Ela sentiu as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Por muito tempo, ela queria voltar para casa, mas Reagan era muito importante e ela nunca quis dar chance de ser descoberta. Ela não sabia se sua família... se o COF ainda estava à procura de Reagan. Ela orou por anos que eles simplesmente desistissem, mas algo lhe dizia que não.

A visita de Roman só tinha aumentado o seu medo. Ela parou de olhar por cima do ombro anos atrás, acreditando que Doug tinha feito de tudo para protegê-los aqui.

Mas o medo veio à tona agora. Se Roman os tinha encontrado, quão fácil seria para o COF?

— Roman? — Ela se afastou e olhou para ele. — Como você me achou?

Ele riu e balançou a cabeça. — Não foi fácil. — Ela esperou. Finalmente, ele se aproximou e sentou-se no balanço da varanda e deu um tapinha no local ao lado dele. Ela se aproximou e sentou ao lado dele. Ele empurrou, balançando. Ela gostava de seu calor quando seu braço foi sobre os ombros e puxou-a para mais perto.

— Você se lembra de Liam?

Ela piscou algumas vezes e, em seguida, uma memória de um rapaz alto, magro, de cabelos vermelhos, que sempre tinha sido um grande palhaço surgiu em sua mente. — Rosto de Sarda?

Roman riu e concordou. — Ele está servindo na base aérea de Port St. Joe. Um fim de semana, Liam e sua nova esposa, Barb... você foi para a escola com ela...

— Barb Kensington?

Ele balançou a cabeça e sorriu.

— De qualquer forma, eles queriam fugir para o fim de semana e decidiram que uma curta viagem para Dog Island seria apenas a coisa ideal.

Ela fechou os olhos e suspirou, sabendo o resto.

— Ele me ligou de imediato, uma vez que ele sabia que eu tinha um investigador particular procurando por você há anos.

Ela suspirou e olhou para ele. — Você não tem.

Ele balançou a cabeça, os olhos ficando ainda mais escuro. — Você acha que nós... que eu... não iríamos procurar você?

Ela sentiu o calor dele puxando-a para mais perto. — Eu... — Ela balançou a cabeça.

Sua mão subiu para escovar uma mecha de seu cabelo longe de seu rosto. — Eu sempre vou procurar você, — ele disse suavemente. — Eu sempre vou te encontrar, — ele sussurrou pouco antes de seus lábios descansarem sobre os dela.



11

Roman queria ir devagar. Depois da noite passada, ele fez questão de vir preparado e planejava passar o tempo se divertindo enquanto fazia com que ela se divertisse também.

Mesmo quando os lábios dele viajaram sobre os dela, podia sentir-se querendo tomar o que queria. Ele tinha vindo para a varanda em vez de voltar para o quarto para tentar retardar-se.

O som da chuva ficou mais suave enquanto suas mãos percorriam todo o seu corpo. Ele notou ligeiras mudanças nela desde que tinham sido crianças, mas veio a admirar cada curva, cada inclinação que agora ela carregava como uma mulher.

— Missy, — ele falou contra os lábios dela. — Você está tornando muito difícil para eu ir devagar.

Ela riu contra o pescoço dele. — Então, não vá. — Suas mãos agarraram seus ombros, puxando-o para mais perto. Sua respiração era quente em sua pele, excitando-o ainda mais. Finalmente, depois que ela começou a puxar sua camisa, ele se levantou, erguendo-a facilmente em seus braços, e levou-os pela casa em silêncio.

Quando ele chutou a porta fechada atrás deles, ele sentiu uma onda de desejo o atingir com força total. Ela estava olhando para ele com seus olhos caramelo cheios de luxúria. Vários passos depois, ele estava seguindo-a até a cama onde suas bocas inclinaram uma sobre a outra novamente. Desta vez, quando a roupa caiu no chão, ele fez questão de retirar os pacotes de preservativos que tinha guardado no bolso de trás.

Missy sorriu quando viu que ele tinha trazido mais de um. — Você veio preparado. — Ele acenou com a cabeça, uma vez que sua garganta estava seca só de olhar para ela.

— Eu vim, também. — Ela estendeu a mão e abriu a gaveta de cima para sua mesa de cabeceira. — Nós vendemos na loja. — Ela assentiu para a caixa de preservativos dentro.

Ele sorriu. — Eu sei, onde você acha que eu consegui estes. Você terá algumas explicações a dar a Jenny amanhã.

Ela riu. — Explicar? — Ela sorriu. — Mais como se gabar.

Ele riu quando a puxou de volta debaixo dele. — Então, acho que é melhor eu fazer isso bem.

Ela gemeu quando os seus lábios cobriram os dela. Seus dedos cravaram em sua pele enquanto ele arrastou a boca para baixo para cobrir os seios, um de cada vez.

— Roman, eu preciso... — Ela puxou seu cabelo até que ele estava de volta em seus lábios. — Agora. — Ele a viu morder o lábio inferior.

— Você me tem tão quente. — Ele quase rosnou. — Eu não posso decidir o que é o quê. — Ele escorregou em um preservativo e se estabeleceu entre suas coxas. — Olhe para mim. — Ele esperou até que seus olhos se encontrassem com o seu, antes de mergulhar dentro dela.

Quando ela jogou a cabeça para trás e gemeu, ele quase perdeu o controle. Ela era apertada e molhada e ele percebeu que deveria ter ido mais lento. Mas, quando as pernas dela foram ao redor de seus quadris, ele estava impotente para suas exigências silenciosas.

Seus lábios se chocaram e as suas línguas duelaram enquanto seus quadris bombeavam rapidamente. Os punhos dele apertados nos lençóis, enquanto tentava manter algum controle. Em seguida, ela passou a língua em seu pescoço e beliscou o local logo abaixo da orelha e ele ficou cego com a luxúria.

Missy se segurou e desfrutou do passeio até que ela sentiu o controle dele deslizar, então ela não pode manter um controle sobre si mesma. Suas coxas se apertaram ao redor dele enquanto ele continuava a deslizar para dentro e para fora dela rapidamente. Seus músculos internos se estendiam para recebê-lo, mesmo que tenha sido há anos.

Quando ele deu beijos quentes para baixo em seu rosto, ela agarrou seus quadris e jogou a cabeça para trás em puro êxtase.

Seu coração parecia que estava tentando saltar para fora do peito. Ele tinha caído sobre ela e cobriu seu corpo com o dele. Eles estavam escorregadios com suor e com o ar da noite frio em torno deles, ela tremeu.

Ele rolou e puxou o edredom sobre eles quando ela se aconchegou mais perto dele.

— Por que você não me disse que fazia um tempo? — Ele perguntou, lentamente, passando as mãos sobre ela.

— Como você sabe? — Ela franziu a testa para a escuridão da sala e o ouviu rir. — Bem? — Ela disse depois de um tempo. Ela apoiou a cabeça no cotovelo e olhou em sua direção, mas estava um pouco escuro demais para vê-lo.

— Você está me dizendo que não foi? — Perguntou.

Ela o ouviu se movimentar e quase gritou quando a luz na sua mesa de cabeceira acendeu. Seu brilho era ofuscante. Ela pegou os lençóis e cobriu-se enquanto ele riu.

— Uma das outras dicas que tem sido um tempo. — Ele sorriu e brincou com o lençol perto de seu peito.

Em vez de responder, ela encolheu os ombros.

— Quanto tempo? — Era quase um sussurro.

Por alguma razão, ela não podia encontrar seus olhos.

— Missy? — Seu dedo parou de brincar com o lençol e transferiu-se para debaixo do queixo, em seguida, empurrou-a até que ela encontrou seus olhos.

— Eu só dormi com um homem na minha vida. — Ela ergueu o queixo.

Ele não conseguia impedir o sorriso, quando ele a puxou para mais perto. Desta vez, o beijo foi suave, e ele derramou toda emoção nele, esperando que ela pudesse sentir isso.

Quando as mãos se moveram para os ombros e empurrou-o de volta na cama, ele a deixou pairar sobre ele, suas coxas prendendo seus quadris no colchão quando ela passou as mãos e boca sobre o peito e braços. Em seguida, ela se moveu para baixo e ele se perguntou quanto tempo ele poderia tolerar seus toques suaves até que ele a rolasse e a tomasse duro e rápido novamente.

— Você é tão suave, mas duro. — Ela sorriu para ele, fazendo-o querer rir alto da glória do sentimento dela tocando-o. — Será que isso se sente bem? — Perguntou ela, correndo os dedos sobre seu comprimento.

Seus olhos se fecharam e ele acenou com a cabeça, engolindo o desejo que ela estava causando.

— E isto? — Seus dedos circularam a cabeça de seu pênis.

Seus olhos se abriram e encontraram com os dela. — Você está brincando com fogo. — Disse ele em voz baixa.

— Eu só estou me familiarizando. — Ela sorriu para ele enquanto passava os dedos sobre ele um pouco mais. — Eu nunca tive a oportunidade de explorar um homem antes.

Ele levou um par de respirações profundas e assentiu. — Faça o seu pior.

Ela riu e abaixou a cabeça. — Você gosta quando eu... — Seus lábios roçavam seu pênis, fazendo-o saltar em sua mão.

— Mais do que você sabe. — Ele fechou os olhos enquanto se concentrava em outra coisa senão o jeito que ela estava fazendo-o sentir.

Quando ela o levou plenamente em sua boca, ele fechou suas mãos sobre os lençóis novamente e tentou se convencer de que ele poderia aguentar um pouco mais.

Quando ela se aproximou e pegou mais um preservativo da sua mesa de cabeceira, ele relaxou e a assistiu tomar o seu tempo deslizando a proteção sobre ele.

Então, ela ergueu-se sobre os joelhos e alcançou entre eles. Seus dedos roçaram contra ele quando ela o posicionou e deslizou lentamente para baixo até que ela estava totalmente completa mais uma vez. Ele gemeu com a sensação de seu aperto em volta dele.

As mãos dele se moveram para os quadris, pedindo-lhe para mover-se lentamente desta vez. Ela estava inclinada sobre ele, os cabelos caindo em torno de seu rosto enquanto ela o observava.

— Diga-me do que você gosta, — ela sussurrou.

Seus olhos se encontraram. — Você, — ele disse, sua voz crua de emoção. Ele observou os olhos escurecerem, e então ela se moveu sobre ele, seus quadris girando em pequenos círculos.

Seus olhos se fecharam lentamente quando ele jogou a cabeça para trás, sua mandíbula ficando tensa quando se concentrou em todos os seus movimentos. Desta vez foi a vez dele de implorar.

Os dedos dele cravaram em seus quadris suaves até que finalmente a forçou a deslizar para cima e para baixo sobre ele. As mãos dela apoiadas em seu peito enquanto ela se movia para cima e para baixo sobre ele mais rapidamente.

Seus quadris continuaram a bombear enquanto ela se balançava sobre ele, até que ela jogou a cabeça para trás e gritou seu nome. Ele rolou-os até que ela estava debaixo dele e continuou a mover-se dentro dela, até que a sentiu apertar mais uma vez em torno dele, então ele se juntou a ela e deixou-se ir.

Quando acordou novamente, a cama ao lado dele estava vazia. Depois de olhar para o relógio, ele gemeu ao ver a hora. Mesmo trabalhando com seu irmão Marcus em sua empresa de construção, ele nunca tinha acordado tão cedo.

Quando ele ouviu o chuveiro ligado no banheiro dela, ele sorriu e se arrastou para fora da cama.

Ela tinha um desses grandes chuveiros que era todo de cerâmica e vidro, por isso, quando ele abriu a porta do banheiro, ela olhou para ele e sorriu. Quando ela percebeu que ele estava nu e muito duro, seu sorriso diminuiu um pouco.

Sem dizer nada, ele atravessou o banheiro e entrou no chuveiro com ela. Quando seus lábios se encontraram, seus dedos mergulharam em seus cabelos e segurou-o perto.

Ele passou a mão sobre seu corpo com sabonete enquanto andava de costas até que os ombros estavam contra o azulejo. Ele puxou a perna dela até que ela estava totalmente exposta para ele. Apoiando a perna no banco de azulejo, ele deslizou rapidamente dentro dela, fazendo-a ofegar em sua boca.

— Eu não consigo obter o suficiente, — disse ele contra seu pescoço. — Eu acho que eu nunca vou. — Ele a beijou novamente.

Quando sua perna começou a escorregar, girou até que ela estava encostada no assento, seu pequeno traseiro apertado de frente para ele. Ele segurou seus quadris e entrou nela até que sentiu seu orgasmo, em seguida, continuou até que sua própria libertação o tomasse rapidamente.

— Eu nunca fiz isso antes, — disse ela, olhando para ele quando ela se secou a partir de seu banho.

Ele riu e olhou para ela. — Querida, pelo som, você ainda não fez um monte de coisas.

Ela corou, desejando que pudesse tomar as suas palavras de volta. Ele se aproximou e passou os braços em volta dela, sorrindo.

— Não se sinta constrangida. Eu só vou ter que tomar meu tempo mostrando-lhe tudo. — Ele tirou a última palavra quando ele a beijou. — Confie em mim, eu sou um professor muito bom. — Ele a beijou uma última vez.

— Nós vamos ter que ter uma conversa sobre como você se tornou tão... educado. — Ela observou os olhos dele e viu o momento em que ele entendeu o seu significado. Mas antes que ele pudesse responder, Reagan bateu na porta do quarto.

— Mamãe! Eu estou com fome. — Ela riu e concordou.

— Salvo por agora.

Ela estreitou os olhos para ele quando saiu para se vestir.

Ao longo dos próximos dias, eles caíram em uma rotina. Roman trouxe seu saco de roupas do hotel e se estabeleceu nas duas gavetas que tinha limpado para ele em sua cômoda. Nos dias de descanso de Marv, ele trabalhava na balsa. Nos outros dias, ele ajudava com entregas, estoque, ou com Bob e John no outro barco. Uma vez, ele tinha até mesmo ido com os rapazes no barco de pesca.

Ele encheu seu freezer com cioba e garoupa, o suficiente para que ela tivesse peixe para o resto do ano. Ele tinha tido até mesmo tempo para consertar algumas coisas ao redor da casa.

Ele tinha limpado as calhas no dia ensolarado e havia a chocado por passar um dia inteiro trabalhando em seu carro. Ele tinha substituído a janela de plástico por um vidro e tinha trocado o óleo e os pneus.

Ela poderia dizer que ele tinha desfrutado de cada minuto. Reagan tinha estado ao seu lado o tempo todo, entregando-lhe ferramentas e aprendendo tudo sobre carros com seu pai.

Tinha sido um grande momento de tal forma que ela tirou algumas fotos da dupla no seu telefone.

Até o momento que Quatro de Julho chegou, todos na cidade sabiam que ele estava morando com ela e Reagan. Ela tinha algumas perguntas para responder a Jenny, mas, em sua maior parte, todos na cidade pareciam estar bem com Roman estar ao redor. Especialmente Reagan.

Seu filho nunca tinha ido ao ar livre mais do que ele fez a poucos dias antes do feriado. Sua viagem de classe estava a apenas dois dias de distância, mas parecia que, ele havia mudado de ideia e queria ficar em casa para estar com Roman.

Ela não podia deixar de sentir um pouco de inveja de sua amizade instantânea, mas ela sabia que não era apenas bom para Reagan, mas para Roman também.

Jenny tinha vindo e naquela manhã, havia dois barcos fretados ancorados do lado de fora, ambos reservados para o resto do fim de semana. Marv estava trabalhando na balsa o dia todo, o que significava Roman e Reagan iriam ajudá-la na

loja, que fecharia mais cedo para que eles pudessem ir para a praia e ver os fogos como uma família.

Foi um dia ocupado na loja e, em sua maior parte, o dia passou voando desde então. Roman tinha tomado conta de Reagan naquele dia e eles estavam fora em algum lugar juntos. Ela ainda se preocupava, mesmo que confiasse completamente em Roman. Ela sempre soube que ele seria um grande pai.

Ele contou a ela sobre como iniciou o Spring Haven House para crianças e *Paradise Construction* com Marcus. Ela tinha um milhão de perguntas sobre seus negócios e ele pacientemente tinha respondido todas elas.

Ela estava chocada ao saber que ele realmente não ganhava dinheiro em qualquer um dos dois, mas que ele tinha mantido suas contas pagas por investir em um monte de outras empresas ao redor da sua cidade natal.

Nos poucos dias que ele tinha estado em torno, ela poderia dizer que ele tinha um talento especial para a gestão de uma empresa, algo que ela tinha descoberto há alguns anos que desfrutava também. Ela se perguntou se isso era algo que eles sempre tiveram em comum.

Roman e Reagan voltaram para a loja apenas quando o sol estava se pondo e ela estava fechando.

— Pronta? — Perguntou Roman. Ela poderia dizer pelos seus rostos que algo estava acontecendo.

— Sim. — Ela olhou entre a dupla e, em seguida, colocou as mãos nos quadris. — O que há com vocês dois?

Os dois se entreolharam e balançaram a cabeça. — Estamos felizes que nós vamos ver os fogos com você, — Reagan acrescentou, com os olhos brilhando.

— Certo. — Ela balançou a cabeça. — Tudo bem, se você não quer me dizer... — Ela encolheu os ombros. — Então, eu posso não compartilhar o que está aqui. — Ela se abaixou e puxou uma grande cesta de piquenique.

Ela poderia dizer que seu filho estava prestes a desabar, mas, em seguida, Roman colocou as mãos em seus ombros. — Temos uma surpresa para você. Não temos, companheiro? — Ele olhou para Reagan, que rapidamente concordou com a cabeça e fechou os lábios.

— Isso é tudo que estou recebendo? — Ela esperou e quando eles assentiram em uníssono, ela suspirou. — Tudo bem, então acho que depende de quanto eu gostar da surpresa, estarei compartilhando isso. — Ela deu um tapinha na cesta.



12

Roman e Reagan ficaram para trás e viram o olhar surpreso no rosto de Missy e sorriram. No início, ela franziu a testa quando pararam na frente do veleiro amarelo, em seguida, ela riu e sorriu para o pequeno barco.

— Você alugou isso? — Ela perguntou.

Ele apenas sorriu e disse: — Nós pensamos que você gostaria de ver os fogos da água.

Ela estendeu a mão e abraçou Reagan, em seguida, olhou para Roman. — Obrigada, é perfeito. Suponho... — ela olhou para o garoto — que eu vou compartilhar minha cesta depois de tudo.

Reagan aplaudiu quando saltou para dentro do barco.

Ambos tinham velejado quando crianças no barco velho dos Graytons e passaram incontáveis dias de verão e as noites na água.

Missy se acomodou facilmente nas almofadas quando ele conduziu o pequeno barco para fora do porto. Reagan ajudou na orientação por estar na frente dele.

— Eu nunca tinha dirigido um barco a vela antes. — Reagan parecia animado.

— É como a balsa. — Roman olhou para Missy, que levantou as sobrancelhas. — O que ele não fez mais de uma vez, — acrescentou, e ela sorriu. — Nós vamos para aquela pequena área enseada. — Ele apontou para a costa maneiras. — Você pode nos levar até lá, Capitão Reagan?

— Claro que sim, primeiro comandante, — disse Reagan em sua melhor voz de pirata.

Roman riu, em seguida, moveu-se para se sentar ao lado de Missy. Quando ele colocou seu braço ao redor dela, ela se acomodou mais perto dele.

— Obrigada. — Ela olhou para ele.

— Por? — Ele esperou.

— Isto. — Ela assentiu com a cabeça para o barco. — Eu não tinha percebido o quanto eu sentia falta de estar na água assim.

Ele a puxou para mais perto. — Você sabe, eu consertei o velho veleiro de Julie.

— Oh? — Ela sorriu. — Aposto que ela realmente gosta dele agora.

Ele assentiu. — Claro, nós ainda saímos a cada ano para Crab Island para ver os fogos. — Ele suspirou, sentindo falta da sua família.

— Roman. — Ela se afastou. — Você pode sempre...

Ele parou por balançando a cabeça. — Eu estou onde eu quero estar. Com a nossa família. — Ele se inclinou e beijou-a.

Atracaram o pequeno barco e Missy tirou a comida da cesta e eles comeram frango, purê de batatas, feijão e até mesmo alguns pedaços de bolo de cenoura que Jenny tinha feito.

Eles terminaram apenas a tempo para ver os primeiros fogos de artifício explodirem. Reagan sentou em seu colo e soltaram *ooh* e *ahh* com cada explosão. Ele puxou Missy mais perto e nunca tinha sentido nada mais certo do que aquele momento.

Quando Reagan começou a cair no sono após os fogos terminarem, Missy levou-o abaixo e deitou-o na cama queen-size. Quando ela voltou, ela estava carregando uma cerveja gelada para ele.

— Meu tipo de mulher. — Ele riu quando tomou um gole e depois entregou de volta para ela. Ela tomou um gole profundo e suspirou.

— Eu estive pensando sobre comprar um destes e alugá-lo. Dessa forma, se eu quiser sair para água, eu poderia.

Ele assentiu. — Sólido plano de negócios. É por isso que eu fui em frente e comprei esta beleza hoje.

— O quê? — Ela se inclinou para trás, franzindo a testa para ele. — Você comprou este barco?

Ele riu. — Parecia mais fácil do que alugar um. Você sabe o quanto eles queriam por apenas algumas horas a bordo?

— Não, quanto? — Ela se inclinou mais perto, fazendo com que seu corpo reagisse.

— Ah não. Sem falar de negócios esta noite. Nós podemos passar por cima de minha jogada inteligente amanhã durante o horário comercial. — Ele a puxou para perto de novo e correu os lábios nos dela.

— Isso é muito bom, — disse ela enquanto suspirou e se segurou em cima dele. — Uma noite perfeita.

Ele concordou com a cabeça. — O que iria torná-la ainda melhor é dar um mergulho comigo. — Ele acenou para a água. — Ou você ainda tem medo da água depois de escurecer?

Ela riu. — Há muito mais peixe lá depois do pôr do sol.

Ele riu. — Você está mesmo ouvindo o que está dizendo? — Ele sorriu.

— Você sabe o que eu quero dizer. Durante o dia, eu posso vê-los. — Ela se encolheu. — Além disso, depois de todas as histórias que vocês, rapazes, disseram a Cass e eu... — Ele viu a tristeza inundar seus olhos quando ela mencionou sua irmã. Em seguida, ela balançou a cabeça e sorriu para ele. — Não é à toa que tenho uma fobia.

Ele se levantou e pegou a mão dela, em seguida, puxou-a para perto dele. — Bem, desde que eu gostaria de fazer amor com você e não posso fazer com um menino de oito anos dormindo a poucos passos de distância, eu acho que seria melhor voltar.

Ela suspirou e colocou os braços ao redor dele. — Talvez eu possa suportar um mergulho rápido. — Ela inclinou-se e beijou-o.

Ele riu e, em seguida, gemeu um pouco quando ela foi para trás e puxou a parte superior sobre a cabeça. Ela estava usando um top de biquíni branco, o que fez sua boca encher de água. Ele observou seus movimentos lentos quando ela tirou os shorts para mostrar um par correspondente de biquíni. Ele sentiu-se ficar insuportavelmente duro em apenas alguns segundos.

Quando ela voltou para ele, seus dedos puxando levemente em sua camisa, ele ajudou a tirá-la e seguiu-a para baixo da escada para a água quente e escura.

Uma vez que eles tinham ancorado na enseada, eles poderiam ambos facilmente tocar o fundo arenoso.

— Balance seus pés, — disse ela enquanto se movia mais longe do barco. — Temos água vivas aqui.

Ele suspirou. Ele odiava os pequenos animais. Pareciam raios, mas enviavam um choque desagradável acima de seu pé quando pisava sobre eles. Alguns até machucavam. Arrastando os pés, ele a seguiu até que eles estavam apenas com os joelhos submersos. A lua estava quase cheia, e uma vez que não havia uma nuvem no céu, eles podiam ver a área de praia.

Ele tomou sua mão, ele olhou de volta para o barco, que estava apenas cerca de 6 metros de distância. — Será que ele vai ficar bem?

Ela assentiu com a cabeça. — Se ele acordar, vamos ouvi-lo. — Ela puxou-o para mais longe para a praia. — Agora, você mencionou algo sobre fazer amor?

Ele a puxou para perto e cobriu seus lábios com os dele. Seu biquíni era fácil de retirar, e logo ela estava deitada debaixo dele na areia, lindamente nua para ele desfrutar. Ele passou as mãos e boca sobre ela, provando a água salgada em sua pele.

Quando ele deslizou para dentro dela, ele disse a ela exatamente como se sentia sobre ela. Sentiu-a tensa, então ele cobriu rapidamente os lábios e passou a língua sobre a dela. Quando a ouviu gemer de prazer, ele a seguiu e disse-lhe mais uma vez.

— Acostume-se a ouvir, — disse ele logo abaixo da orelha como sua pele esfriou do intenso prazer. — Eu só estive apaixonado por uma mulher em toda a minha vida. — Ele se inclinou e olhou para ela, esperando até que seus olhos encontrassem os seus. — Não há como escapar de como me sinto sobre você.

— *Não há como escapar de como me sinto sobre você.* — As palavras de Roman soaram pela em sua cabeça pelos próximos dias. Mesmo quando ela se despediu de Reagan e o observou entrar no ônibus que levaria ele e seus colegas para Orlando, ela não poderia tirar isso de sua mente.

Ela sabia em seu coração que ela amava Roman. Sempre amou. Assim como ele, ela só amou um homem em toda a sua vida. Ele. Mas mesmo agora, ela sabia que não era possível para eles ficarem juntos. Não como eles queriam.

Havia muitos obstáculos para eles saltarem. Demasiados perigos à espreita ao virar a esquina.

Na primeira noite que Reagan tinha ido embora, Roman cozinhou sua salada de frango cajun e fez amor com ela na bancada da cozinha. Na segunda noite, após encomendar comida chinesa, ele fez amor com ela no sofá. Na terceira, fizeram amor no banco de trás de seu carro depois que ele a tinha levado para um restaurante italiano e estacionado na praia para ver o pôr do sol.

Toda noite, ele consumia sua mente e corpo para que ela nunca realmente tivesse tempo para sentir o local vazio onde o filho estava. Cada dia, ele disse a ela que a amava. Cada vez, chocou seu sistema até o núcleo. Eles ainda não tinham falado muito sobre isso. Ela imaginou que ele estava apenas tentando deixá-la acostumada a ouvir essas palavras dele.

Roman trouxe-lhe um pacote grande de flores selvagens e entregou-as na loja. Eles tinham até se vestido bem uma noite e foram para a casa de carnes local e tiveram um jantar com champanhe. Ela nunca tinha sido tratada tão maravilhosamente antes.

Todos os dias, Reagan mandou uma mensagem para eles com fotos de sua viagem e disse-lhes quanta diversão que ele estava tendo, mas se não tivesse sido por Roman, ela teria ficado um pouco louca. Na manhã antes de Reagan retornar, eles dirigiram até Apalachicola para algumas das melhores panquecas de mirtilo que ela já teve.

O resto do dia, parecia ser um dos mais lentos de sempre. Desde que a corrida do feriado acabou, a lentidão da loja fez com que ela se sentasse e olhasse para fora da janela durante horas entre clientes.

Roman estava trabalhando na balsa o dia todo por isso nem mesmo ele poderia ajudar a passar o tempo. Minutos pareceram horas enquanto esperava para ver o ônibus parar na loja. Ela nunca tinha estado afastada de Reagan por tanto tempo. Ainda faltavam duas horas antes que o ônibus chegasse e ela estava ficando louca.

— Por que você não sai com a próxima balsa e faz companhia a Roman? — Perguntou Jenny, inclinando-se sobre o balcão.

Ela suspirou e olhou para a amiga. — É assim tão óbvio?

Jenny riu. — Você está me deixando louca.

— Tudo bem, eu acho que não poderia machucar. Além disso, está tudo parado por aqui de qualquer maneira.

— Fiz alguns brownies na noite passada. — Jenny acenou para uma bandeja sob o balcão. — Aposto que Roman gostaria de alguns.

Ela sorriu e tomou a bandeja. — Nós deveríamos vendê-los.

As sobancelhas de Jenny subiram. — Eu não gosto muito de cozinhar para acompanhar a demanda. — Ela sorriu. — Além disso, eu só asso para amigos.

— A cidade inteira é sua amiga. — Missy riu quando ela saiu pela porta para pegar a balsa.

— Ei, isso é uma agradável surpresa, — Roman disse quando ela entrou.

— Eu trouxe brownies. — Ela sorriu. — Eu incomodei Jenny suficiente para que ela nos desse a bandeja inteira. — Ela segurou-os para cima e balançou as sobancelhas.

Roman riu. — Pode o dia passar mais devagar? — Ele perguntou quando ela se sentou ao lado dele.

— Jesus! Eu sei. — Ela revirou os olhos. — Eu não posso acreditar nisso.

Ele riu e puxou-a por um momento. — Nós vamos fazer as últimas duas horas passar mais rápido. — Ela sorriu e abraçou-o.

Cole olhou para o ponto vermelho em seu telefone e amaldiçoou. Ele estava sentado fora da pequena casa por quase uma hora. Ainda assim, quando ele bateu na porta, ninguém atendeu, muito menos seu irmão.

O máximo que ele poderia dizer foi que o lugar foi bem cuidado. O telhado de metal parecia relativamente novo e o tapume foi pintado recentemente de um azul claro. Mesmo a cerca branca na frente estava impecável. Ele se perguntou de quem era a casa, e por que o celular de seu irmão seria deixado lá, sem supervisão.

Roman nunca foi a qualquer lugar sem seu telefone. Então se lembrou do dia em que seu irmão tinha saído e sentiu uma sensação ruim cair sobre ele, levando-o a amaldiçoar mais uma vez.

Só então, um garoto de cabelos escuros andou de bicicleta até a casa. Quando o garoto deixou sua bicicleta no jardim da frente, Cole saltou do caminhão e correu.

— Hey, — ele gritou, e o garoto se virou rapidamente e olhou para ele.

— Hey, — ele finalmente disse, quando percebeu que Cole não ia cruzar a linha da cerca.

— Conhece Roman Grayton? — Ele gritou.

O garoto apertou os olhos para ele, e Cole sentiu uma onda de *déjà vu* bater nele. Em seguida, o garoto levantou a mão e bloqueou o sol. — Sim.

Cole suspirou. — Ele está ficando aqui?

O garoto deu de ombros. — Talvez. Por quê?

— Ele é meu irmão e eu estou procurando por ele.

— Ele está nas docas, — disse o garoto, e então ele virou-se para entrar na casa.

— Quais docas? — Ele gritou, mas o garoto já estava lá dentro. Cole sorriu quando ouviu as fechaduras clicarem atrás dele. Garoto esperto.

As docas eram a menos de três quarteirões de distância, mas ele continuou dirigindo desde que não sabia exatamente onde ele ia acabar. Ele viu o carro de seu irmão imediatamente, uma vez que havia apenas dois grandes edifícios ao longo da estrada.

Parando no lado do carro de Roman, ele suspirou e olhou para o sinal acima da porta.

“Dog’s Landing” estava gravado na madeira grossa e pintado em uma janela brilhante. A loja parecia uma daquelas que vende de tudo, e não muito diferente das que ele tinha visto em sua vida.

Quando ele entrou, percebeu que não era, na verdade, como qualquer uma que tinha visto antes. Enquanto a maioria das lojas como esta eram confusas e desorganizadas, esta era impecável. Seus corredores estreitos estavam cuidadosamente preenchidos com mantimentos, presentes, e tudo o que se precisa para uma estadia de férias na área, incluindo a isca e equipamentos de pesca.

Andando até o balcão, ele sorriu para a morena bonita atrás do balcão.

— Posso ajudar?

— Espero que sim... — ele olhou para o nome de blusa — Jenny. Eu estou procurando o meu irmão, Roman.

Ela sorriu e acenou com a cabeça. — Ele está ajudando Missy nos barcos hoje. — Cole sentiu os dedos começarem a formigar.

— Missy? Marissa? — Sua voz soava oca.

Quando Jenny assentiu, ele sentiu uma onda de alívio correr através dele, seguido rapidamente por raiva. — Onde posso encontrá-lo? — Perguntou ele com os dentes cerrados.

Jenny piscou e olhou em volta. — Hum, o barco deve voltar... — ela olhou para o relógio dela — Em cerca de dez minutos.

Ele balançou a cabeça e saiu da loja sem outra palavra. Ele saiu até o deck do cais, a mão no bolso para seu telefone e discou para Marcus.

— Hey. — Ouvindo a voz de seu irmão ajudou a acalmá-lo um pouco.

— Você nunca vai acreditar onde estou.

— Você não voltou do Havaí?

— Sim, eu estou em Carrabelle, perseguindo nosso irmão louco, que parece ter encontrado Marissa.

— O quê? — Cole podia ouvir que ele tinha toda a atenção de seu irmão. — Você a viu?

— Não, ainda não. — O telefone ficou em silêncio por um tempo.

— Talvez você devesse voltar.

— O quê? — Cole piscou algumas vezes.

— Escute, se Roman não nos ligou para dizer que ele encontrou Marissa, talvez ele tenha uma boa razão.

Cole balançou a cabeça, não tendo certeza se ele estava ouvindo Marcus direito. — Você está louco?

— Talvez ele esteja tentando convencê-la a não se assustar de novo.

Ele pensou sobre isso e sentiu seu coração pular. Droga, por que ele não tinha pensado nisso. Marissa pode ainda estar fugindo a partir de qualquer coisa que tinha a feito fugir todos esses anos atrás, e se alguém poderia convencê-la a voltar, era Roman.

Ele ligou para o seu irmão algumas vezes e ele tinha sido muito vago com o que ele tinha dito a ele, e nenhuma vez mencionou onde estava ou o que estava fazendo.



13

Quando Roman e Missy dirigiram até a casa, ambos ficaram um pouco chocados ao ver a bicicleta de Reagan, no jardim da frente. Ele tinha chegado em casa mais cedo e eles correram pela porta da frente e ambos o engolfaram em um abraço até que o menino começou a reclamar.

— O que você acha de termos alguma pizza e você nos contar tudo sobre sua viagem? — Missy sugeriu.

— Augh. — Reagan surpreendeu-os revirando os olhos. — Eu meio que estou cansado de pizza agora. Que tal um hambúrguer no Bayside?

Roman sorriu e acenou. — Eu poderia comer um hambúrguer. Se eu poder dirigir o seu carro. — Ele sorriu quando ela concordou. Sua estreita entrada só poderia caber um carro de cada vez, então ele rapidamente afastou seu sedan e estacionou na rua, em seguida, tirou o clássico e esperou enquanto Missy e Reagan entravam.

— Oh, — Reagan disse quando ele saiu da garagem. — Seu irmão veio hoje.

Roman pisou no freio um pouco rápido demais. — Meu... — Ele se virou e olhou para Reagan, em seguida, olhou para Missy, que ficou pálida. — Como ele era? Quando? — Ele balançou a cabeça.

— Ele estava aqui, sentado em um caminhão velho quando cheguei em casa. — Reagan deu de ombros. — Ele parecia um surfista. Sabe, mamãe, o que vimos no anúncio em sua revista.

Roman virou-se para Missy. — Eu não sei como ele me encontrou. Eu não lhe disse nada.

Ele a viu fechar os olhos e suspirar. — Estava prestes a acontecer, mais cedo ou mais tarde. — Quando ela olhou para ele novamente, ele podia ver o medo em seus olhos.

— Ele deve ter rastreado o meu telefone. — Ele riu. — Você sabe como ele é. — Ele passou a mão pelo ombro. Quando ela saltou, ele parou o carro e a puxou para mais perto. — Missy, eu juro, você ainda está segura aqui.

— Por que ela não estaria? O seu irmão é um cara mau? — Reagan perguntou do banco de trás.

— Oh. — Missy cobriu a boca com a mão e girou. — Não, querido. Cole é maravilhoso. Ele é... — Ela olhou para Roman por um momento. — Ele é nosso parente. — Ela suspirou. — Talvez possamos contar a história depois de um hambúrguer? — Ela perguntou depois de ouvir o estômago de Roman roncar alto. Ele deu de ombros.

— Os brownies foram meu almoço, — disse ele.

Missy sorriu. Ele podia ver que o sorriso não alcançou seus olhos e temia que ela estivesse mais uma vez pensando em fugir. Mesmo com tudo o que ela tinha construído aqui, ele sabia que ela não hesitaria em fugir se pensasse que isso significasse manter Reagan seguro.

Ele dirigiu lentamente para Bayside Burgers pela estrada costeira, apreciando o ar quente vindo do Golfo. Ele ligou o rádio na estação de oldies, o que só parecia natural em um carro clássico.

Quando o boletim de notícias chegou a mencionar algo sobre um furacão, ele parou e virou para que eles pudessem ouvir.

— *Os estados da costa do Golfo estão se preparando para serem atingidos pela tempestade tropical Donna, que está programada para atingir a terra firme entre Southeastern Louisiana e da Flórida Panhandle em torno do meio-dia da quinta-feira. O Centro Nacional de Furacões emitiu avisos que se estende desde...*

Ele estendeu a mão e abaixou o volume do rádio.

— Bem? — Ele virou-se para Missy. — Qual é o seu plano para furacões?

Ela riu. — Amarre tudo e espere. Metade do tempo não é tão ruim como eles preveem. — Ela encolheu os ombros. — Nós tivemos poucos por aqui. — Ela olhou para Reagan e sorriu. — Agora, temos um novo telhado e calhas limpas. — Ela olhou para ele e balançou a cabeça. — Graças a você, a casa deve estar pronta.

Ele poderia dizer que ela estava nervosa e sabia que ela queria dizer mais, mas não na frente de Reagan. Puxando o carro de volta para a estrada, ele dirigiu mais rápido para o local de hambúrguer.

Quando chegaram lá, ele puxou Missy lado. — Eu já volto. Eu tenho uma... ligação para fazer. — Ela franziu o cenho, mas assentiu com a cabeça, em seguida, foi para a lanchonete com Reagan.

Puxando o seu telefone, ele decidiu enviar um texto para Cole em vez de ligar desde que ele não tinha vontade de discutir com seu irmão no momento.

Ouvi que você passou por aqui. Obrigado por não ficar por aqui. Dê-lhe algum tempo. Ela está se convencendo com a ideia de voltar para casa em breve. R

Quando ele entrou, deslizou para dentro da cabine ao lado de Missy e olhou para o menu, não realmente sentindo mais fome. Ainda assim, ele pediu um hambúrguer e esperou que ela fizesse a próxima jogada.

Finalmente, depois de alguns minutos de silêncio, ela inclinou-se e tomou a mão de Reagan. — Cole é meu irmão. — Ela suspirou. — Meu irmão adotivo. Tenho três irmãos adotivos e uma irmã. — Ela olhou para ele por um momento. — Roman é um deles também.

— Mas, — disse Reagan, balançando a cabeça, enviando o seu cabelo escuro voando. — Se vocês dois são irmãos...

— Adotados. Sua mãe veio para a família quando ela era... da sua idade. — Ele olhou para ela e sorriu quando ela concordou. — Eu era quase um ano mais velho.

— Ele sorriu e estendeu a mão sobre a mesa para pegar a mão do garoto. — Ambos viemos de situações ruins. — Ele olhou para ela assumir a situação.

— Fui criada por algumas pessoas muito loucas. — Ela fechou os olhos por um breve momento. — Esta mulher maravilhosa, um anjo realmente – o nome dela era Lilly – ela me ajudou a escapar da prisão que eu nasci e fui criada e me trouxe para viver com os Graytons. — Ela acenou para Roman. — Eu vivi lá até que alguém me rastreou e me ameaçou. Então, eu fugi. — Ela olhou para fora, em direção à janela.

— E você? — Reagan se virou para ele depois de um momento de silêncio.

— Eu? — Ele piscou e largou a mão do garoto.

— Claro, Lilly o ajudou a escapar também?

Ele suspirou. — Não, não realmente. Sim, ela foi a pessoa que me trouxe para viver com minha nova família.

— Você escapou de uma prisão, também? — Perguntou.

Balançando a cabeça, ele estendeu a mão e pegou a mão de Missy na sua. Ele não teria o poder de contar sua história sem sentir sua força.

— Eu tinha um tipo diferente de prisão. Meu verdadeiro pai... — ele engoliu o gosto ruim na boca, que sempre veio com o pensamento do homem mau — Era um boxeador. Ele era o tipo de homem que descontava sua raiva em seu filho o tempo todo. Quando eu tinha sete anos, meu pai perdeu uma partida e quando chegou em casa, decidiu descontar sua frustração em mim. Eu acabei no hospital por duas semanas. Então, Lilly veio e levou-me embora. — Ele não tinha percebido as lágrimas que estavam escorrendo pelo meu rosto até Missy estender a mão e as enxugar delicadamente com os dedos.

— Roman foi aquele que me ensinou a lutar boxe no ginásio. Havia um grupo de meninas que estavam convencidas a pegar no meu pé. — Ela sorriu para ele. — Então, na aula de ginástica, um dia, eu mostrei a elas o que eu poderia fazer com o saco de pancadas e elas nunca me incomodaram novamente. — Ela apertou sua mão.

Roman virou-se para Reagan. — É por isso que eu comecei a Spring Haven Home para crianças, onde crescemos. Eu queria ajudar outras crianças que tinham vindo de situações ruins.

Reagan se inclinou para frente. — O que você faz lá?

— Nós ajudamos as crianças, e damos tudo o que precisam. Um lugar para ficar até que eles possam encontrar uma nova família, ensinando-os a ler e escrever.

— Ele olhou para Missy e sorriu. — Ensinando-os a se defender.

— Posso ir e vê-lo algum dia? — Perguntou Reagan.

O sorriso de Roman sumiu e sentiu seu coração pular. Então, ele olhou para Missy. — Se estiver tudo bem para a sua mãe.

Missy sentiu as lágrimas se acumularem atrás de seus olhos e teve de olhar pela janela mais uma vez. Ela foi salva de responder quando os seus hambúrgueres chegaram. Ela mal conseguia engolir uma mordida de sua refeição através do nó na garganta.

Ela queria mais do que qualquer coisa ir para casa. Permitir que Reagan conhecesse sua família. Visitar a casa de Roman para as crianças. Mas ela sabia dos riscos. Ela tinha sido trancada no Complexo mais de uma vez e sabia o que aconteceria se eles colocassem suas mãos em Reagan.

A história estava cheia de cultos religiosos psicopatas; vidas perdidas, famílias separadas, crianças sendo sacrificadas. Não, ela tinha chegado longe demais para se proteger e a Reagan contra isso.

Quando eles dirigiram o trecho de estrada de volta para sua pequena casa, ela começou a organizar um plano em sua mente. A dor apunhalou seu coração quando pensou em sair de Carrabelle, mas neste momento, era a única maneira de proteger seu filho.

No dia seguinte, ela começou bem cedo. Antes de Roman acordar, ela tinha embalado dois sacos e os escondido no porta-malas de seu carro.

Eles estavam ocupados preparando a loja para a próxima tempestade, mas durante seu intervalo, ela dirigiu ao banco e tirou todo o seu dinheiro e empurrou-o na mala do carro em um saco. Não era muito, já que a maioria do que ela tinha foi investido de volta na loja.

Apenas o pensamento de deixar tudo o que ela tinha construído fez seu coração quebrar um pouco mais, mas o medo era esmagador.

Eles tinham passado a noite em casa, trancando tudo para a tempestade que estava prevista para atingi-los no dia seguinte.

Enquanto ela estava deitada na cama com Roman naquela noite, ela sabia que seria a sua última noite juntos. Ela tentou se enganar em pensar que poderia funcionar com ele estando aqui, se escondendo de sua família, as duas. Mas, se Cole pode encontrá-los tão facilmente, ela fechou sua mente para o pensamento do que mais poderia acontecer.

Rolando, ela decidiu aproveitar ao máximo a sua última noite com ele. Quando ela começou a beijá-lo, suas mãos se moviam em seu cabelo, puxando-a para mais perto. Ela arrastou seus dedos sobre o peito, apreciando o jogo de músculos e pele esticada.

Suas pernas o seguraram para baixo, preso à cama, enquanto corria a boca para baixo sobre o peito, onde seus dedos tinham acabado de estar. Seus dedos cravaram em seus ombros, segurando-a com ele. Ela sorriu quando o ouviu gemer seu nome.

Quando ela gentilmente puxou o calção para baixo de seus quadris, ele segurou os cotovelos e a trouxe de volta para ele. Em seguida, ele estava rolando e imobilizando-a na cama.

— O que você pensa que está fazendo? — Ele quase rosnou.

Por um momento, seu coração se recusou a bater. Então, ele sorriu para ela. — Sua tortura não vai funcionar em mim esta noite.

Ela soltou a respiração que estava segurando. Então, ele a estava beijando, fazendo com que a respiração engatasse por razões diferentes. Ele gentilmente tirou a blusa e, em seguida, seu short de dormir. Quando ela estava deitada debaixo dele totalmente nua, ele se afastou e olhou para ela.

Ela sentou-se e tomou seu rosto em suas mãos, beijando-o como se fosse o seu último momento. Ela derramou cada gota de emoção no beijo. Sua pele aquecida ao lado dele e ela o puxou para mais perto, até que, finalmente, encheu-a completamente. Gemidos duplos ecoaram no quarto enquanto seus corpos se moviam um contra o outro.

Finalmente, ela jogou a cabeça para trás e sentiu-se deslizar. Ele endureceu acima dela e ela abriu os olhos para vê-lo em puro êxtase.

Quando ele se deitou ao lado dela, seus dedos correndo sobre sua pele, ele sussurrou: — Linda. — Então, ele quebrou seu coração ainda mais, dizendo: — Eu te amo. — Ele olhou profundamente em seus olhos e disse-o novamente.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto e quando ele se inclinou para limpá-las, ela tomou seu rosto entre as mãos e sussurrou: — Eu também te amo. Eu sempre amei. Eu sempre vou amar.



14

A chuva começou cedo na manhã seguinte. Roman ficou do lado de fora na varanda da frente, bebendo seu café e observando o céu ficar mais escuro. As palavras de Missy passavam uma e outra vez em sua mente. Ela disse-lhe que ela o amava. Sempre amou. Ele nunca tinha sido mais feliz do que naquele momento.

Ele ouviu a porta da frente abrir e fechar e virou quando Missy saiu, completamente vestida.

— Indo a algum lugar? — Ele ainda tinha que vestir mais do que calções e uma camiseta.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu vou levar Reagan realmente rápido para a loja. Eu quero pegar mais algumas coisas antes da tempestade chegar.

Ele sorriu. — Eu posso fazer isso. — Ele puxou para mais perto, sentindo-a ficar ligeiramente tensa.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Eu prometi que ia levá-lo. — Ela sorriu e depois se inclinou e beijou-o até que ele se esqueceu do que eles estavam falando. — Não deve demorar muito. — Ela sorriu e, em seguida, virou-se.

— A tempestade está prevista para chegar em algumas horas, — ele falou para ela. Ela assentiu com a cabeça e acenou enquanto descia a passarela em direção ao seu carro. O dele ainda estava estacionado na rua da outra noite. Ele assistiu a dupla dirigir para longe e acenou enquanto se dirigiam para a loja.

Ele passou muitas horas à espera de um furacão, uma vez que viviam ao longo da costa. A maioria eram tempestades tropicais apenas, mas alguns tinham sido muito ruins. Donna não tinha progredido para algo que os moradores temiam. Pelo menos ainda não. Se ele tinha aprendido uma coisa vivendo ao longo da costa, era para estar sempre preparado.

Entrando, ele trancou a porta da frente e fez com que tudo estivesse longe das janelas. Ele trocou de roupa e, em seguida, caminhou ao redor da parte externa da casa, protegendo-se do vento e da chuva com um guarda-chuva.

Uma hora mais tarde, Missy e Reagan ainda não tinham voltado, e ele estava começando a surtar. Pegando as chaves, ele pulou em seu carro e dirigiu as poucas quadras até a loja. Quando viu o carro estacionado em frente, ele suspirou de alívio.

No entanto, quando ele entrou na loja, ele rapidamente percebeu que eles não estavam lá. Ele correu em torno do lugar pequeno, chamando seus nomes uma e outra vez.

Assim como ele estava prestes a chamar a polícia, Missy correu pela porta da frente, toda molhada.

— Eu não consigo encontrar Reagan! — Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto a respiração engatou.

— O quê? — Ele correu para ela, pegando seus ombros em suas mãos. Ela estava fria ao toque. — O que aconteceu? — Perguntou ele, puxando-a para mais perto.

— Eu... — Ela chorou em seu peito. — Ele está chateado comigo e ele fugiu.

— O quê? — Ele puxou-a para trás, olhando em seus olhos. — Por que ele está chateado?

— Eu... — Ela fechou os olhos. — Eu disse a ele que nós estávamos indo embora.

Ele sentiu os dedos apertarem sobre seus ombros. — Indo para onde? — Disse ele com os dentes cerrados. Ele sabia que a resposta não era Spring Haven, quando ela olhou para ele. — Você estava fugindo de novo? — Ele rosnou.

Ela olhou para os pés dela e assentiu. — É a única maneira que eu posso mantê-lo seguro. — Os olhos dela se moveram de volta para os dele, pedindo-lhe para entender.

— Onde ele foi?

Ela estremeceu. — Eu não vi. Eu estava arrumando algumas coisas que precisaríamos. — Ela acenou para duas grandes caixas cheias de alimentos, roupas e itens. — Ele perguntou o que eu estava fazendo. Antes que eu percebesse, ele se foi. — Ela olhou em volta. — Eu olhei em todos os lugares.

— Há quanto tempo ele foi? — Ele perguntou, correndo e arrancando a jaqueta encharcada e puxando uma capa de chuva mais pesada para fora do gancho. Ele escorregou em suas botas e pegou uma lanterna de trás do balcão.

Missy estava olhando para o relógio no caminho. — Meia hora? — Ela olhou para ele, sentindo a necessidade de explicar. — Roman...

— Chega, — ele rosnou. — Eu vou encontrá-lo. Fique aqui. — Ele olhou para ela, em seguida, correu para a tempestade para encontrar seu filho.

Missy caminhou pela loja por quase uma hora. Quando a pior parte da tempestade estava ocorrendo lá fora, ela pegou o telefone da loja e chamou a polícia, que lhe informou que eles tinham patrulhas lá fora e iriam procurar pelos dois. Menos de meia hora depois, um carro de patrulha parou.

Quando ela deixou Kim, a única policial feminina na cidade, entrar na loja, ela percebeu o quão ruim a tempestade tinha ficado.

— Está ficando ruim lá fora, — disse ela, mordendo o lábio inferior.

— Tenho certeza que o Sr. Grayton e Reagan se abrigaram da tempestade. Perdemos as linhas de energia há alguns minutos, — disse Kim, enxugando os pés.

— O chefe quer que eu fique por aqui, caso eles voltem. Ele tirou todas as unidades das ruas. — Ela balançou a cabeça, fazendo a água cair do seu cabelo escuro.

— Estou surpresa que você ainda tem... — Um grande raio atingiu e o cômodo ficou escuro. — Energia, — disse ela, franzindo a testa. — Desculpe, acho que eu amaldiçoei você.

Missy colocou os braços em torno de si mesma. — Estava prestes a acontecer. — Ela caminhou de volta para o balcão onde suas lâmpadas de campismo estavam prontas para a tempestade. Ela tirou as roupas molhadas e colocou as novas que ela mantinha estocadas nas prateleiras. O grande moletom com capuz era alguns tamanhos muito grandes, mas ela precisava do calor. Seus sapatos ainda estavam encharcados, mas ela não se importava.

Várias vezes, ela pensou em sair na tempestade, continuando sua busca, mas algo lhe dissera para ficar parada.

Menos de uma hora depois, quando a tempestade se acalmou um pouco, Jenny apareceu com seu avô. Bob veio alguns minutos depois.

— Nós ouvimos. O que podemos fazer para ajudar? — Perguntou John.

Seus olhos ardiam quando mais e mais das pessoas da cidade que ela tinha vindo a conhecer entraram na pequena loja. Aparentemente, uma vez que tinham sido informados, a polícia tinha espalhado a palavra de que Roman e Reagan estavam desaparecidos.

Alguém estava sempre com ela, quando pessoas da cidade inundaram as ruas de Carrabelle, à procura de sua família. Uma xícara de chá quente foi sempre mantida na frente dela, junto com biscoitos e sobremesas de Jenny.

Ela não podia sequer engolir uma mordida ou gole. Em vez disso, ela se preocupou constantemente.

Nessa noite, a tempestade foi muito longa e ninguém ainda tinha visto ou ouvido falar de Roman ou Reagan. Missy estava tão preocupada que não importava o que alguém dissesse a ela, porque ela tinha certeza de que ambos estavam mortos em algum lugar.

Caminhando até onde Roman pendurou o casaco, ela puxou-o e fechou os olhos quando o cheiro dele bateu nela. Ela tinha sido tão tola. Ela realmente

acreditava que fugir iria resolver alguma coisa? Especialmente depois que ela finalmente admitiu que tinha sido apaixonada por ele toda a sua vida.

Quando suas mãos se abaixaram, ela bateu em algo sólido e lentamente tirou seu telefone celular.

Quando ela o ligou, ela procurou pelos números e quando viu o nome de Marcus, ela bateu em disar sem pensar.

— Alô, — a voz familiar disse em seu ouvido, fazendo-lhe fôlego para engatar.

— Marcus? — Ele saiu como um sussurro.

Ela podia ouvir vozes e um monte de ruídos. Ela o ouviu se mover ao redor, e então a linha ficou em silêncio por um tempo.

— Marissa? É você? — Ela ouviu sua voz engatar.

Balançando a cabeça, ela enxugou as lágrimas de seus olhos. — Sim, — ela suspirou.

— Meu Deus. — Ela ouviu as emoções em sua voz. — Eu nunca pensei que ele iria conseguir. — Então, ele riu. — Diga a esse irmão seu...

— Ele está desaparecido, — ela interrompeu enquanto sua voz falhava. — Eu... não conseguimos encontrá-lo. Ele foi procurar Reagan, mas eles nunca mais voltaram. — Ela continuou com toda a história rapidamente. Ela teve de se inclinar contra a parede desde que ela ficou tonta.

— Onde você está? Carrabelle? — Perguntou uma vez que ela terminou, o que só assegurou a ela que sua família já sabia onde ela estava.

Ela assentiu com a cabeça novamente. — Sim.

— Nós estaremos aí em breve. — Ela o ouviu se mover. — Missy, não vá a qualquer lugar novamente. — Ela ouviu o implorar e apenas assentiu mais uma vez quando ele desligou.

Marcus entrou no quarto de hospital de Wendy e tossiu levemente quando viu Cole inclinando-se sobre a barwoman loira, beijando-a como se não houvesse amanhã.

— Desculpe, Cole, eu preciso de você emprestado por um momento, — disse ele em um tom tenso.

Cole se levantou e pegou a mão de Wendy. — Eu já volto. — Ele se inclinou e beijou-a mais uma vez.

— O que é? — Cole perguntou no segundo que saiu para o corredor.

— Roman e o garoto desapareceram.

— O quê? — Cole agarrou seu braço como se precisasse da força extra.

Ele assentiu. — Eu acho que ela ia fugir novamente, mas o garoto não quis. Roman foi procurar por ele pouco antes da tempestade. — Ele balançou a cabeça. — Eles tiveram a polícia e toda a cidade procurando por eles e voltaram de mãos vazias.

Cole assentiu. — Obtenha tantos caras quanto você pode. Eu já volto. — Ele viu seu irmão caminhar de volta para o quarto de hospital de Wendy.

Marcus virou-se para a sala de espera, onde Shelly, a noiva de Marcus, Cassey, Luke e irmã de Wendy, Willow, estavam sentados todos curvados juntos.

— Luke, você vem comigo. — Ele balançou a cabeça quando começou a caminhar para fora.

— Espere! — Cassey se levantou, suas mãos indo para os quadris. — Onde diabos você pensa que está levando o meu marido?

Ele se virou para ela, seus olhos cheios de tristeza. Ele esperava que pudesse escapar sem lhe dizer, mas ele deveria saber melhor.

— Marcus. — Shelly caminhou até ele, seus braços envolvendo em torno de sua cintura. — O que há de errado? — Ele deveria saber que ele não poderia ter escondido alguma coisa de sua noiva, a mãe de seu filho. Ele sorriu para ela com esse pensamento. Colocando uma mão protetora sobre seu filho crescendo, ele olhou para a irmã.

— Encontrar Roman.

— O que aconteceu? — Cassey correu para ele.

— Ele está desaparecido. — Ele esperava que ela iria parar com as perguntas, mas ela simplesmente cruzou os braços sobre o peito quando Cole apareceu correndo.

— Onde é que Missy disse que ela os viu pela última vez? — Seu irmão deixou escapar. Os olhos de Marcus moveram para Cassey, que ficou muito pálida. Luke percebeu e correu para o lado de sua esposa.

— Missy? — Sua voz era muito suave enquanto seus olhos perfuraram os dele.

Ele assentiu. — Roman encontrou-a em Carrabelle. Ela tem um filho. O garoto fugiu antes da tempestade, e Roman foi procurar por ele. Agora, ambos estão desaparecidos.

Cassey colocou os braços em torno de Luke, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Então ela o chocou, puxando para trás e exclamando em alta voz: — Eu vou com você.

Marcus dirigia, desde que Cole parecia muito cansado e desgastado de sua excursão no surf selvagem e todo o seu calvário com Wendy ao ter se ferido. Luke se sentou no banco de trás do caminhão, segurando Cassey quando ela olhava para fora da janela em silêncio.

Quando eles chegaram à cidade, que parecia ter sido mais atingida do que Surf Breeze, já tinha escurecido. Eles dirigiram-se para a pequena loja, Dog Landing, que Cole tinha parado. Havia dois carros da polícia no estacionamento.

Quando entraram na loja, os três ficaram ali, olhando para a irmã há muito perdida.

Missy ouviu e viu as luzes do carro quando apareceu. Sua respiração se acalmou com o pensamento de que ela estaria face a face com um dos membros de sua família. Ela se levantou e caminhou em direção à porta, esperando.

Em vez de um de seus irmãos, ela ficou chocada ao ver toda a sua família caminhando. Seus olhos correram sobre os rostos de seus irmãos e Cassey. Tanta coisa havia mudado em cada um deles, mas ainda assim, ela os teria reconhecido em qualquer lugar.

Ela não sabia o que fazer, de modo que ela ficou ali, com seus braços firmemente em torno de si mesma até Cassey finalmente gritar e correr para ela, envolvendo os braços em seus ombros e puxando-a para perto.

Lágrimas escorriam de seus olhos enquanto sua irmã segurava-a com força. Então, ela sentiu Cole e Marcus participarem, e ela perdeu completamente e chorou até que sua cabeça doía e ela tinha ficado cego de lágrimas.

Alguém na sala limpou sua garganta, quebrando o feitiço. Marcus e Cole afastaram, enxugando os olhos rapidamente. Cassey ainda a segurava com um braço em volta dos ombros.

— Conte-nos tudo e faça rapidamente para que possamos chegar lá e procurar por eles, — disse Marcus.

Ela repetiu a sua história, deixando de fora a parte sobre como tinha estado determinada a partir uma segunda vez. Ela lhes disse que Reagan era filho de Roman, não olhando para nenhum deles nos olhos o tempo todo que ela falou. Foi entregue a ela outra xícara de chá quente, e tinha tomado vários goles quando sua garganta se fechou.

— Você tem alguma ideia de onde eles poderiam ter ido? — Perguntou Cassey, pegando sua mão na dela.

Ela balançou a cabeça. — Eles já verificaram a minha casa e os barcos estão todos aqui. Até mesmo o veleiro. — Ela fechou os olhos sentindo o aperto novamente em seu peito.

Ela observou quando Marcus, Cole, e marido de Cassey, Luke, desapareceram pela porta da frente da loja para se juntar à busca.

— Há tanta destruição lá fora. — Ela assentiu com a cabeça em direção à porta.

— Este lugar não parece que foi atingido tão ruim. — Cassey sorriu.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu sou grata, mas ainda assim, eles poderiam estar presos...

— Não pense sobre isso. Se eu conheço Roman, ele faria tudo em seu poder para proteger o seu filho.

Missy suspirou e olhou para sua irmã. — Eu sinto muito.

Os olhos de Cassey se encheram de lágrimas novamente.

— Eu era jovem e estúpida. Acima de tudo, eu estava com medo.

— É? — Cassey piscou algumas vezes. — De nós?

Missy sacudiu a cabeça. — Não, da minha outra família. — Ela suspirou e recostou-se para contar a sua irmã toda a história.

Até o momento ela passou através de tudo, sua cabeça latejava. Caminhando, ela pegou um frasco de aspirina e engoliu dois comprimidos com seu chá quente.

— Aqui, tenha algo para comer. — Cassey empurrou um prato de espaguete que alguém tinha trazido para quem estava fazendo as buscas.

Balançando a cabeça, ela começou a empurrar o prato de lado. — Eu não posso...

— Coma. Você precisa disso. — Ela puxou um prato na frente de si mesma e deu uma mordida. — Veja, isso é bom.

Missy riu. — Tudo bem. — Ela se sentou ao lado de Cassey e deu algumas mordidas.

Quando a porta da frente soou, as duas correram para fora da sala dos fundos.

Marcus, Cole, e Luke entraram com dois oficiais. — Desculpe, nós estamos apenas deixando Cole. — Marcus acenou para seu irmão. Cole parecia morto.

— Você está bem? — Missy correu para seu lado.

Ele assentiu. — Sim, só cansado. — Ele passou a mão pelo cabelo.

— Cansado e preocupado com Wendy, — disse Luke, ajudando seu cunhado a se sentar.

— Desculpe, — Cole disse, olhando nos olhos de Missy.

— Está tudo bem. — Ela sorriu para ele. — Descanse um pouco.

— Eu gostaria de voltar para Wendy. Então, talvez, na parte da manhã, eu possa voltar.

Ela assentiu com a cabeça. — Wendy é...?

Ele sorriu levemente. — Minha noiva. — Então, ele franziu a testa. — Ela foi atingida na cabeça com alguns destroços.

Preocupação instantaneamente inundou a mente de Missy. Ela não tinha pensado nisso sobre Roman e Reagan desde o momento em que eles saíram pela porta?

— Hey, — Cole disse suavemente, — Eu tenho certeza que eles estão bem. Wendy levou apenas uma pancada na cabeça. Ela está bem e nosso irmão e seu filho vão estar também.

Ela assentiu com a cabeça, engolindo sua preocupação.

— Eu posso levá-lo de volta para o hospital, — um dos oficiais disse. — Eu estou de folga e eu queria checar meus pais que vivem perto de lá.

Cole assentiu. — Eu aprecio isso. — Ele olhou para Marcus. — Mantenha-me informado.

Depois que Cole saiu, o resto da tripulação desapareceu na escuridão. Missy e Cassey esperaram junto com Jenny e algumas outras pessoas. Elas tinham colocado um colchonete no quarto dos fundos e estavam tomando turnos cochilando. Ela ainda tentou cochilar por alguns minutos, mas sua mente continuava girando, não permitindo que ela dormisse.

No meio da manhã, Cole se juntou à busca novamente.

Em sua busca, eles tinham ajudado várias famílias presas nos escombros, que costumava ser suas casas. À medida que o dia passava, mais e mais pessoas lotaram a loja. Ela abriu e tinha alimentado a todos com itens em suas prateleiras e tinha dado para alguns em necessidade roupas novas também.

A Cruz Vermelha tinha chegado cedo naquela manhã e tinha parado em seu estacionamento. Ela caminhou ao redor como se estivesse em transe, até que à noite, Marcus voltou com o chefe de polícia em seus calcanhares.

— Missy, — disse ele, olhando para Cassey, que não tinha saído do seu lado o tempo todo. — Nós acabamos de encontrar a Sra. Miller na escola. Como você sabe, ela vive do outro lado da rua da escola. — Ele andou até ela e se inclinou. — Ela alega que viu Reagan sentado fora no pátio na chuva, e quando ela saiu para buscá-lo, ela notou que Roman já estava lá, falando com ele. Isso foi pouco antes da tempestade.

O coração de Missy parou e ela sentiu o engate de respiração. — Eles estão...

Marcus balançou a cabeça. — Nós temos procurado nos terrenos da escola inteira. Está vazio. Mas ela se lembra de uma van estranha no estacionamento quando eles começaram a sair. Ela estava ocupada tentando se certificar que sua casa estava segura, e pelo tempo que ela se virou, Roman e Reagan tinham desaparecido. A van também.

A cabeça de Missy girou quando realização a atingiu. — Meu pai, — disse ela, pouco antes de tudo ficar escuro.



15

Roman levantou a cabeça para cima e gemeu de dor. O sangue escorrendo pelo lado do rosto, ficando em seus olhos. Ele sentiu o pequeno corpo de Reagan ao lado dele e quando ele estendeu a mão para puxá-lo para perto, ele percebeu que suas mãos estavam amarradas firmemente atrás das costas.

Quando abriu os olhos, estava escuro como breu. Ele podia ouvir que a tempestade estava em pleno vigor do lado de fora do veículo, mas estava muito escuro lá dentro para ver claramente. Ele poderia dizer que eles estavam dirigindo devagar, uma vez que a van continuou balançando com o vento. A partir do som, eles estavam viajando menos de trinta quilômetros por hora.

Não havia janelas na parte de trás da van e quando ele chutou, bateu em alguém, que resmungou.

— Ele está acordado, — disse o homem.

— Não se preocupe, ele está amarrado, — disse uma voz profunda da frente.

— E quanto ao menino? — Perguntou a primeira voz.

— Ele vai ficar fora por um tempo, — disse a voz mais profunda.

— Você tem certeza da quantidade que você deu a ele?

— Calado, — a voz mais profunda rosnou.

— O que devemos fazer com o homem?

— Ele vai pagar por seus crimes.

Depois disso, ele ficou em silêncio.

Roman sentiu ao redor com as mãos, tentando ver se havia alguma coisa que pudesse usar ter as mãos livres. Ele tinha tirado a sua própria jaqueta e usava a capa de chuva, o que não tinha nenhum bolso. Lembrou-se de seu telefone celular em sua outra jaqueta e quase gemeu em voz alta.

Talvez Reagan tivesse algo em seus bolsos que poderia ajudá-lo. Ele virou e começou a correr as mãos sobre seu filho.

— Calma, — a pessoa sentada ao lado dele disse. — Basta ficar parado. Isso tudo vai acabar em breve.

— Onde você está nos levando? — Ele perguntou, querendo manter o homem ocupado enquanto ele procurava nos bolsos de Reagan.

— Nós estamos levando o rapaz para casa, — o homem de voz profunda respondeu.

— E quanto a mim? — Ele perguntou, finalmente sentindo chave da casa de Reagan no bolso jeans. Ele puxou-a para fora e começou a trabalhar na fita adesiva em torno de seus pulsos.

— Você só está no caminho, — disse o motorista.

— Você é do Conselho de Amigos, — disse ele, sentindo a fita de ceder um pouco.

— O que você sabe do COF? — O motorista rosnou.

— Suficiente. — Ele sorriu. No tempo que ele tinha estado em Carrabelle, ele tinha feito muita pesquisa sobre o culto.

— Eu sei que o ramo se mudou para o sul de Tallahassee no início dos anos 80. Que é administrado por um homem chamado Kevin Smith, que afirma que é o avô de Reagan.

— O menino é meu neto, — a voz mais profunda rosnou.

Roman riu. — O avô de Reagan, Mark Grayton, terá algo a dizer sobre isso.

— Esse homem não tem poder de sangue sobre este rapaz.

— Não. — Ele terminou de retirar a fita e levou um par de respirações profundas. — Mas ele tem algo que você nunca vai ter.

— O quê? — Ele sentiu a van abrandar.

— Ele. — Ele estendeu a mão e agarrou o corpo relaxado de Reagan, assim quando ele chutou o homem mais jovem que estava sentado aos seus pés. O homem saiu voando para trás, deu tempo suficiente para Roman obter a porta da van aberta.

Ele foi imediatamente encharcado pela chuva e quando saltou da van, ele percebeu que tinha estado indo mais rápido do que ele esperava.

Ele caiu no chão e rolou, protegendo Reagan quando ele saiu voando através da lama e grama. Uma pequena árvore estava em seu caminho e quando ele bateu, casca e agulhas prenderam em sua pele.

Quando ele finalmente parou, ele se levantou, segurando o corpo de Reagan perto dele quando se dirigia na direção oposta da van.

Os homens ficaram na parte de trás da van e riram, na verdade, riram dele.

Tomou um momento para olhar em volta, ele percebeu por que eles não estavam perseguindo-o. Era tarde demais. Eles já estavam no Complexo COF.

Missy acordou com várias pessoas olhando para ela.

— Ela está acordando, — disse Cassey, pegando sua mão. — Você está bem, querida?

Ela assentiu com a cabeça e começou a sentar-se, em seguida, lembrou-se por que ela tinha desmaiado em primeiro lugar. — Roman, Reagan, — ela chorou.

— Se você sabe algo sobre quem estava naquela van, melhor você compartilhar com a gente, — disse o chefe de polícia. Ele estava de pé ao lado de Marcus, parecendo severo.

Ela esfregou a mão sobre a testa, lutando contra a dor. — O COF os tem.

— Quem? — Perguntou Cassey.

— O Conselho de Amigos. — Ela fechou os olhos e recostou-se, desejando que tudo fosse apenas um sonho ruim. — Eu estava atrasada.

— O que diabos é o Conselho de...

— Amigos. — Ela terminou declaração de Marcus. — É um culto. — Ela se sentou e olhou para sua família. — O culto em que eu nasci e cresci, até que escapei e fui para os Graytons.

— Por que eles pegaram Roman e seu filho? — Perguntou alguém.

Ela balançou a cabeça. — Eles não querem Roman.

— Ok, por que eles querem o seu filho? — Perguntou Marcus, parecendo irritado.

— Porque ele é o escolhido, — disse ela, percebendo o quão estúpido tudo parecia.

— O quê? — Cassey franziu a testa. — Que diabos é um escolhido e por que eles acham que o seu filho é ele?

Ela revirou os ombros e começou outra história. No momento em que ela acabou, todo mundo estava olhando para ela como se tivesse crescido outra cabeça nela.

Mas pelo menos, ela tinha dado o seu ponto de vista. O COF era perigoso. Muito perigoso.

— Eu vou dirigir, — Marcus disse quando ele começou a caminhar em direção à porta. Sua risada o deteve.

— O quê? — Ele franziu a testa para ela.

— Ninguém simplesmente entra no Complexo COF.

— Nós entraremos. Nós somos uma família. Eles não podem...

— Marcus, talvez devêssemos esperar, — disse Cole, tocando o braço de seu irmão. — Eu namorei uma garota há algum tempo. — Ele olhou para ela. — Ela tinha sofrido uma lavagem cerebral por um culto. Ela realmente acreditava que os alienígenas iriam aparecer e resgatar todos do seu culto no dia prometido. — Ele balançou a cabeça. — Insana.

Ela assentiu com a cabeça. — Eles não vão parar. Eles nunca irão. Não até que Reagan os leve para a terra prometida.

— O que exatamente isso implica? — O chefe de polícia perguntou.

Seus olhos se encontraram. — Aniquilação total.

Roman correu, mesmo que ele pudesse ver as cercas altas em todo o grande complexo. Devia haver um jeito de sair daqui. Algum lugar. Quando ele chegou para uma cerca, ele se virou para a direita e começou a correr o comprimento. Chuva e lama salpicando-o quando ele deslizou. A tempestade praticamente acabou, mas relâmpagos ainda brilharam de vez em quando. Ele podia ouvir pessoas gritando enquanto eles olhavam para eles.

Finalmente, ele encontrou uma ruptura no fio. A tempestade tinha derrubado um velho carvalho. Seus ramos pendurados sobre o arame farpado. Ajoelhado, ele deu um tapa o rosto de Reagan levemente; ele precisava do garoto acordado, a fim de pular a cerca.

Vozes se aproximaram dele então ele se escondeu atrás de um arbusto grande e prendeu a respiração até que eles continuaram. Ele sentiu Reagan sacudir em suas mãos e rapidamente cobriu a boca da criança caso ele acordasse gritando.

— Calma, sou eu. Nós estamos em um buraco aqui, garoto, — disse ele, quando os olhos de Reagan encontraram os seus. Ele sorriu quando o garoto assentiu. — Preciso da sua ajuda. Temos de superar esta barreira. — Ele se inclinou, mostrando-lhe a árvore caída.

— É muito alto, — disse o menino. Ele poderia dizer que estava segurando as lágrimas. — Será que eles nos encontraram? — Perguntou.

Roman assentiu, não querendo perder mais tempo com histórias. — Eu vou ajudá-lo a chegar ao topo.

— E você? — Perguntou Reagan.

Ele sorriu. — Eu conseguir. Você primeiro. Nós temos que fazer isso rápido, porém, em silêncio.

Quando Reagan acenou com a cabeça, tirou a capa de chuva pesada e entregou a ele. — Jogue isso ao longo dos fios, para que eles não te machuquem. — O menino assentiu. — Ok, está pronto?

Reagan acenou com a cabeça novamente.

Eles correram até a borda da cerca. A árvore estava enraizada no lado de fora, mas seus ramos tinham batido para fora uma boa parte da cerca superior. Quando ele ergueu Reagan, o garoto atirou o casaco por cima do fio e agarrou os ramos com as mãos e a cerca com os pés. Ele escorregou uma vez, mas Roman estava lá para ajudá-lo.

Ele observou quando seu filho fez o seu caminho com cuidado e em silêncio para baixo da árvore escorregadia. Quando ele alcançou o final, Roman pegou a cerca e começou a subir. Ele tinha uma perna sobre os fios quando ouviu os gritos.

— Corra! — Ele olhou para Reagan, que apenas balançou a cabeça para ele. — Agora! Corra! — Ele rosnou quando saltou sobre o fio, sem se preocupar com o uso da árvore. Ele sentiu uma bala voar alguns centímetros por sua cabeça quando ele caiu. O ramo ao lado dele explodiu e fragmentos de madeira voaram em sua pele.

Quando ele caiu no chão macio, sua bota esquerda ficou presa na lama. Puxando o pé para fora da maldita coisa, ele alcançou Reagan e colocou-o em seus braços enquanto mais tiros foram disparados. Em seguida, ele começou a correr com tudo o que tinha, rezando para que ele fosse rápido o suficiente.



16

Missy estava sentada na parte de trás do carro dos Federais. Ela tinha passado a história três vezes já. Uma vez para a sua família e duas vezes para as autoridades. Ela respondeu a todas as perguntas que tinha sobre o COF.

— Sra... — Ela olhou para o passageiro do carro e fez uma careta.

— Grayton, — ela respondeu sem pensar.

Ele assentiu. — Sra. Grayton, precisamos que você pense se há mais alguma informação que possa nos dar sobre o COF.

— Eu já lhe disse tudo o que sei. Tem sido anos desde que eu escapei. — Ela olhou para fora da janela e sentiu a pele arrepiar. Estavam a menos de oito quilômetros a partir do composto temido. Um arrepio percorreu sua espinha, enquanto continuavam pela estrada. Sua família estava logo atrás deles em seus próprios carros. Havia mais de uma dúzia de sedans escuros, vans e caminhões seguindo o que ela se encontrava, todos com agentes preparados para uma luta.

— Nós tivemos olhando o COF por alguns anos. Desde que foi dado o conhecimento que eles estavam armazenando armas. — Ele se virou de novo e olhou para ela. — Você não sabe nada sobre isso?

Ela balançou a cabeça negativamente. — Da última vez, eu estava presa na ala hospitalar. Eles me amarravam à cama todas as noites e não me deixavam sair do meu quarto.

— Como você escapou, então? — Perguntou.

Ela suspirou. — Minha mãe. — Ela piscou, lembrando o sacrifício da mulher enlouquecida que tinha dado à luz a ela. — Pouco tempo depois de eu ter nascido, ela deixou o COF e voltou para as drogas. Após a visita aos Graytons, ela me observava. Eu acho que ela se sentiu culpada ou algo assim. Ela ainda estava tentando ficar limpa. De qualquer forma, ela invadiu o Complexo e me ajudou.

— Onde ela está agora? — Ele perguntou, escrevendo algumas coisas em seu bloco de notas.

— Morta, — ela disse, uma lágrima deslizando de seus olhos.

Ele se virou e olhou para ela novamente.

— Ela nunca conseguiu parar seu vício. Encontrei-a pouco depois de Reagan nascer, com uma agulha em seu braço. — Ela fechou os olhos na memória. — Ela foi para o culto para limpar a sua vida quando era uma adolescente, mas eles apenas ampliaram à sua dor e a bagunçaram ainda mais. — Ela bateu em seu coração e sua cabeça.

Ele balançou a cabeça e voltou-se para tomar suas notas.

Quando o carro parou, ela sentiu seu estômago revirar. Lá, a poucas centenas de jardas na frente deles, estavam as paredes fechadas que ela passou a vida temendo.

Os grandes edifícios cinzentos pairavam no horizonte como o símbolo escuro do medo que eles representavam. Havia mais de uma dúzia de edifícios menores, todos pintados no mesmo tom aborrecido. Ela tinha nascido em um desses edifícios. As cercas altas ainda estavam no mesmo lugar, e havia um novo portão elétrico maior para permitir que as pessoas dentro nunca mais saíssem. A não ser que você fosse Kevin Smith ou estivesse com ele. Ninguém nunca saía. Exceto ela e sua mãe. Elas tinham sido as duas únicas que já tinham escapado dessas barreiras. Duas vezes.

Ela estremeceu quando eles abriram as portas, em seguida, as fecharam rapidamente de novo quando ouviram tiros. Os agentes rapidamente saltaram para trás no carro e dirigiram de ré cem jardas.

Os próximos minutos pareceram passar rapidamente. Ela foi empurrada para a parte de trás de uma van e levada ainda para mais longe dos portões. Marcus, Cole, Cassey, e Julie estavam todos lá esperando por ela.

Ela não tinha percebido o quanto ela tinha sentido falta de Julie, a mulher que tinha sido mais como uma mãe do que uma irmã para todos eles.

— O que está acontecendo? — Perguntou Marcus.

— Eles estavam atirando em nós, — disse ela, abraçando-se.

— O quê? — Marcus olhou para o Complexo, que estava a quase um quilômetro e meio de distância a este ponto.

— O que vai acontecer agora? — Perguntou Julie, dando a Missy um abraço.

Missy sacudiu a cabeça. — Eu... eu não sei.

Minutos pareceram horas quando equipes de negociação foram enviadas. A base de operações foi montada em uma tenda improvisada. Em vários pontos, eles foram quase levados para fora do local, mas cada vez, sua família lutou por seu direito de ficar. Finalmente, eles receberam a sua própria pequena tenda de espera e disseram para que ficassem parados.

Quando um agente entrou, ele andou até ela.

— Sra. Grayton, — ele concordou. — Nós vimos a van que levou seu marido e filho.

Ela não o corrigiu, só assentiu automaticamente quando Cassey colocou os braços ao redor dela.

— Está estacionada dentro dos portões. Nós não confirmamos que eles estão no Complexo ainda, mas estão atualmente tentando negociar sua libertação.

Ela assentiu com a cabeça novamente.

— Alguém já falou com eles? — Perguntou Cassey.

Ele balançou a cabeça negativamente. — Ainda não. Nós temos todas as linhas de telefone para o Complexo, mas eles permanecem em silêncio.

— O que acontece agora? — Perguntou Missy, esfregando as mãos para cima e para baixo os braços, que pareciam ficar mais frios quanto mais tempo ela esperava.

— Nós vamos continuar tentando estabelecer um diálogo. Se isso não funcionar, vamos enviar os nossos homens. Eles já deixaram suas intenções claras e depois de Waco, nós aprendemos que esperar por eles não é o melhor plano.

Ela assentiu com a cabeça, sentindo-se mais com a cabeça leve com a menção de seu pior pesadelo. Ela não tinha sempre acreditado que seu pai estava enviando os seus membros para o mesmo caminho?

Afinal, ela poderia se lembrar vagamente de um pouco de sua pregação. Como o apocalipse estava vindo e que o escolhido iria levá-los para a Terra escolhida.

Sempre tinham lhe dito que a Terra escolhida era além dos portões do céu. Com seu pai como seu profeta e seu filho, o escolhido, agora por trás das paredes do Complexo, ela só rezava para que Roman fosse capaz de salvar o seu filho.

Eles esperaram por horas, não ouvindo nada mais, até que Cassey se levantou.

— Alguma coisa está queimando. — Ela cheirou o ar e saiu correndo da tenda. Todos correram atrás dela. Eles ficaram olhando para o Complexo, mas nada era visível a partir desta distância. Seus braços estavam ao redor um do outro, enquanto esperavam.

Oficiais com vestimentas especiais correram em torno deles como se fossem invisíveis. Ela podia ouvir ordens de alguém e viu um grupo se preparando para entrar no Complexo com um veículo blindado.

Apenas quando eles estavam voltando e ir para dentro da tenda, eles ouviram um estalo alto e se voltaram para o edifício a tempo de ver todo o local explodir em um milhão de bolas de fogo.

Ela gritou uma e outra vez quando caiu de joelhos, olhando os edifícios explodirem, um de cada vez. Sua família estava ao lado dela, chorando e segurando uns aos outros quando os agentes se afastaram do calor que podia sentir a partir de quase um quilômetro de distância.

Os joelhos de Missy afundaram lentamente na lama enquanto ela chorava. Quando ela olhou para cima novamente sua visão esmaecida, e tudo o que podia ouvir era um som de zumbido alto.

Lágrimas escorriam por seu rosto inteiro. Cada articulação e músculo doíam. Sua pele doía e ela sentiu como se tivesse sido picada por um milhão de abelhas.

Seus olhos estavam colados ao fogo até que ela teve que piscar por causa do brilho. Os choros de sua família desapareceram em sua mente enquanto ela lamentava.

Então, ela sentiu uma mão em seu ombro.

Roman foi jogado no chão quando uma bala alojou em seu ombro. Tropeçando, ele perdeu seu poder sobre Reagan quando eles rolaram no chão e caíram nas margens lamacentas de um córrego.

— Por aqui, — alguém chamado. — Eu os vejo.

— Roman! — Reagan gritou. — Levante-se!

Roman obedeceu, empurrando a dor atrás dele. Ele só podia agarrar Reagan com um braço, mas o garoto estava pendurado em cima dele como um macaco enquanto corria através da água rasa.

Eles passaram da água e tinham acabado de se abaixar entre as árvores quando ele ouviu o som de homens correndo através da água. Estavam apenas a alguns metros atrás deles. Ele tinha que ser mais esperto que eles, desde que ele não poderia ultrapassá-los. Lembrou-se de todos os jogos de esconde-esconde que tivera com seus irmãos e irmãs. Jogos que ele sempre ganhou.

Indo na mesma direção, ele esperou até que ele soube que os homens estavam nas árvores e, em seguida, correu em uma grande forma de U, abaixando-se atrás de uma grande pedra e arbustos ao ouvi-los passar por seu esconderijo. Quando tudo ficou em silêncio, ele silenciosamente voltou para a beira da água e entrou na corrente, desta vez andando no fluxo da corrente até encontrar outro local para sair na margem oposta.

— Você acha que os despistou? — Reagan perguntou em voz baixa.

Ele balançou a cabeça e silenciou o filho. — Nós temos que ficar muito quietos por um tempo. — Reagan assentiu enquanto eles continuavam a caminhar lentamente no meio do mato.

Quando chegaram a uma clareira, ele olhou em volta e notou uma pequena casa de bomba.

— Nós podemos nos esconder lá dentro? — Perguntou Reagan.

— Não, amigo. Esse é o primeiro lugar que vão olhar. — Ele franziu a testa. — Mas, talvez possamos atrasá-los por um tempo. Eu preciso colocá-lo para baixo por um minuto.

Reagan concordou. — Você está sangrando. — Ele apontou para o seu ombro.

— Sim. — Ele franziu a testa. — Vou precisar pedir emprestado o seu casaco. — Reagan tirou a jaqueta leve sem hesitação. — Obrigado, filho. — Roman sorriu para ele. Reagan sorriu de volta para ele.

— Como podemos atrasá-los?

— Fazendo-os pensar que estamos nos escondendo lá dentro. — Ele acenou para a casa de bomba.

Eles caminharam em direção ao pequeno edifício. Roman usou a mão limpa e sujou a borda da porta com um pouco do seu sangue. Então, ele usou o pé com a bota para chutar a porta até que ela pendurou em suas dobradiças. — Ok, precisamos correr agora. — Ele olhou para seu filho quando ele enrolou a jaqueta do menino ao redor de seu ombro para abafar o sangramento. Você acha que pode correr ou eu preciso carregá-lo?

— Eu posso fazer isso. Eu sou o menino mais rápido na minha aula de ginástica.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Menino mais rápido?

Reagan suspirou e olhou para baixo. — Susie Morgan é quase um minuto mais rápida do que eu.

Roman parou de rir. — Sua mãe sempre pode me superar. — Ele sorriu e limpou um pouco de terra do queixo de Reagan. — Ok, vamos ver o quão rápido podemos fazer até as árvores.

Reagan olhou para cima e assentiu. Quando decolou, ele teve que abrandar o seu ritmo só para ter certeza que o garoto estava ao seu lado.

Eles estavam a alguns metros das árvores quando ouviram mais tiros. Desta vez, o som estava vindo do Oeste. Voltando para onde ele imaginou que o Complexo estava. Tendo uma chance, ele agarrou a mão de Reagan e começou a correr em direção aos sons à distância.

Eles ouviram as explosões pouco antes de sair das árvores. Em seguida, eles pararam por tempo suficiente para fazer um balanço do que estava acontecendo. Mais de seis dezenas de veículos estavam estacionados ao lado da estrada. Havia barreiras que bloqueavam o tráfego e homens em uniformes escuros estavam ao redor.

Quando ele pegou a mão de Reagan desta vez, o garoto sorriu. — É a cavalaria, — disse o menino, fazendo-o rir.

— Melhor ainda. É o FBI. — Ele saiu para a clareira, só para ter vários agentes tirando as suas armas e apontando-as diretamente em seu peito.

— Calma. — Ele acenou para a criança. — Eu acho que vocês estão aqui por nós.

Missy fechou os olhos e prendeu a respiração. Quando ela virou a cabeça, os olhos se recusaram a abrir. Em seguida, lábios macios se estabeleceram sobre os dela e ela derreteu nos braços de Roman.

Os braços dela foram ao redor dos ombros dele enquanto ela chorava e apertou seus lábios contra os dele.

— Mãe! — Reagan chamou. Seus olhos se abriram quando seu filho se atirou em direção a eles.

Ela segurou-os enquanto sua família chorava ao seu redor. Roman estava de joelhos na frente dela, segurando-a firme.

— Senhor, precisamos ver essas feridas, — disse alguém sobre eles. Ofegante, ela se afastou o suficiente para ver a jaqueta sangrenta de Reagan amarrada em torno de seu ombro.

— O que aconteceu? — Perguntou ela, franzindo a testa para ele.

— Ele levou um tiro para me salvar, — disse Reagan, sorrindo.

Ela ouviu várias pessoas ofegarem. — Olhe para os pés dele, — gritou Cassey.

— Eu estou bem. — Ele sorriu para ela, escovando uma lágrima de seu rosto com o polegar. — Enquanto estivermos seguros, tudo vai ficar bem.



17

Missy estava sentada na sala de espera com Reagan e sua família, esperando Roman sair da cirurgia. A bala alojou em sua escápula e eles precisavam tirá-la antes que causasse mais danos.

Eles estavam sentados no hospital nos arredores de Tallahassee. Os pés de Roman tinham sido enfaixados e foi recomendado ficar fora de seus pés pelas próximas semanas.

O que, se ela sabia alguma coisa sobre ele, seria um inferno.

— Então, — Cassey olhou para ela, — Com toda a excitação, nos esquecemos de felicitá-la.

Ela piscou e, em seguida, fez uma careta. — Por?

Cassey sorriu. — Casar com nosso irmão, é claro.

Missy franziu a testa. — Eu... nós... — Ela balançou a cabeça. — Nós não somos casados.

Cassey sorriu. — Eu ouvi o agente chamá-la...

Missy riu, parando-a sacudindo a cabeça. — Eu só achei que não era da conta dele. Nós não nos casamos.

— Ainda, — Reagan acrescentou, fazendo todo mundo rir.

— Bem, nós realmente queríamos ser os primeiros na família a ter filhos, — disse Marcus, tomando a mão de Shelly na sua, — mas parece que você nos bateu por oito anos.

— O quê? — Ela engasgou. — Vocês estão... — Ela olhou entre Shelly e Marcus, que apenas balançou a cabeça.

Ela levantou-se para abraçá-lo, quando as portas de vidro do hospital se quebraram. Ela jogou seu corpo sobre Reagan quando vidro voou por toda parte. Em seguida, seu braço estava sendo puxado e ela apertou seu controle sobre seu filho quando alguém tentou puxá-lo para longe dela.

Houve alguns momentos de gritos e caos enquanto ela e Reagan foram levados por um corredor. No momento que as coisas finalmente abrandaram, ela estava olhando nos olhos de caramelo assim como os dela, ela teve que piscar algumas vezes para ter certeza que ela não estava tendo alucinações.

— Bem, bem, menina, — disse seu pai com uma voz seca. — Parece que eu finalmente tenho minhas mãos em você de novo.

Ela recuou, bem quando a mão girou para fora e bateu um pouco acima de sua mandíbula. Estrelas explodiram atrás de seus olhos quando ela caiu no chão. Ouvindo Reagan gritar de dor, ela se levantou do chão bem a tempo de ver seu pai pegar o braço do menino.

— Você não toque nele, — ela rosnou quando se jogou no pai. Ela usou todas as habilidades que Roman tinha ensinado a uma menina de dezesseis anos de idade, que havia sido intimidada e acertou um chute sólido para suas canelas.

Seu gancho de esquerda pegou o velho de surpresa, levando-o a largar a arma que tinha apontada para a cabeça de seu filho. O cruzado de direita pousou em sua orelha esquerda, fazendo-o uivar de dor quando sangue pulverizou a partir do corte aberto que apareceu. Em seguida, ela deu dois golpes rápidos e mandou-o contra a parede. Ela se moveu de volta para um dos socos que era a especialidade de Roman, assim quando ela ouviu a porta atrás deles abrir. O golpe aterrissou no queixo de seu pai, mandando-o para o chão, enquanto seus irmãos correram para a sala, passando por ela.

Ela se deteve sobre seu pai quando Marcus pegou a arma e segurou-a na cabeça dele. — Não se atreva a tocar na minha família novamente, seu bastardo. — Ela cuspiu no chão em frente a ele, em seguida, virou-se e pegou o filho e saiu correndo do quarto, sabendo que seus irmãos iriam cuidar do ser desprezível até que a polícia chegasse.

— Eu digo a você, — disse Cole, rindo, — você devia ter visto. — Ele sorriu para Missy, orgulho mostrando claramente em seus olhos azuis. — Ela é uma assassina.

— Eu nunca vi um boxeador profissional lutar como nossa irmãzinha fez, — Marcus acrescentou, ao lado de Shelly no outro lado do quarto.

Roman se sentia como um vegetal completo. Seus pés doíam como o inferno, e ele não podia sequer mover seu ombro. Ele não estava lá para proteger sua família quando tinha precisado. Seu coração estava pesado, sabendo que eles poderiam ter sido tirados dele tão facilmente.

A mão de Missy estava na dele enquanto Reagan sentou ao lado dele em sua cama de hospital. Os olhos do garoto estiveram enormes o tempo todo. Um grande sorriso apareceu em seus lábios.

— Você tem certeza que está bem? — Perguntou ela mais uma vez.

— Nossa, papai, — disse Reagan, revirando os olhos. Ele percebeu que nunca iria se cansar do garoto chamando-o assim. — Como o Tio Marcus e Cole disseram, mamãe derrubou vovô como um profissional. E ela me prometeu que ela vai me mostrar como lutar como ela. — Ele sorriu para sua mãe e Roman viu algo nos olhos do garoto semelhante ao culto do herói.

— Bem... — Ele estendeu a mão com o braço bom e bagunçou o cabelo escuro do menino. — Você sabe quem ensinou a ela, certo?

Reagan sorriu. — Claro, tia Cassey disse que ela ensinou.

Todos na sala riram quando Cassey sorriu e cruzou os braços sobre o peito.

Mais de uma hora mais tarde, após sua família ter ido para casa, Missy colocou Reagan na cama improvisada no sofá do outro lado do quarto.

— Ele não queria sair, — ela disse suavemente. — Eu espero que não haja problema com o hospital que fiquemos esta noite.

Ele sorriu e deu um tapinha no local ao lado dele. — Basta deixá-los tentar removê-los. — Ele riu. — Ao que parece, você pode assegurar seu próprio lugar. — Seu sorriso caiu.

— O quê? — Ela perguntou, escovando o dedo no nariz. — Por que parece triste?

Seus olhos se encontraram. — Eu não estava lá para protegê-los.

Ela sorriu. — Oh, mas você estava. Quem você acha que me ensinou todos esses movimentos. Se não fosse por você... — Ela balançou a cabeça e fechou os olhos quando ele a puxou para mais perto.

— Shhh, não pense sobre isso, — ele sussurrou em seu cabelo. — Nós estamos seguros agora. — Ela assentiu com a cabeça. — Além disso, não há mais necessidade de correr, — disse ele, fazendo-a recuar.

Ela sorriu para ele e balançou a cabeça. — Sim, sem mais fugas.

— Isso significa que você vai voltar para casa?

Ela suspirou. — Eu estou em casa.

Ele assentiu. — Então, eu também.

Ela balançou a cabeça. — Não, ainda não. Você estará, uma vez que tornarmos oficial. — Ele franziu a testa. — Nossa irmã mais nova estava certa sobre uma coisa.

As sobrancelhas dele se ergueram. — Oh? Você está falando sob a suposição de que ela lhe ensinou o boxe?

Ela riu e balançou a cabeça negativamente. — Não, mas devemos nos casar. Quero ter o sobrenome do Grayton mais uma vez. — Ela sorriu. — Case-se comigo e... — Ela olhou para seu filho dormindo — Nos leve para casa mais uma vez.

Ele sorriu e puxou-a para mais perto. — Eu pensei que você nunca pediria. — Ele a beijou e depois se afastou. — Eu sempre soube que eu iria casar com você, — disse ele, limpando uma lágrima de seu rosto.

— Oh? — Ela sorriu para ele. — Como?

Ele riu. — Porque nós nos encontramos no dia do seu casamento e eu silenciosamente disse meus votos naquele dia na beira do lago.

As lágrimas rolaram pelo seu rosto. — Que votos?

— Para valorizar, proteger e te amar até meus últimos dias. — Ele a puxou para baixo para um beijo e segurou-a sabendo que ele faria exatamente isso.

Fim....